



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

LUCCAS CÉSAR BACH

**DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS E CONFLITOS EM UM NOVO
ESPAÇO:
O DESENRAIZAMENTO DAS PERSONAGENS EM A *BAGACEIRA* E AS
*VINHAS DA IRA***

CASCADEL – PR
2021

LUCCAS CÉSAR BACH

**DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS E CONFLITOS EM UM NOVO
ESPAÇO:
O DESENRAIZAMENTO DAS PERSONAGENS EM A *BAGACEIRA* E AS
*VINHAS DA IRA***

Trabalho apresentado à disciplina de Seminário de Dissertação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza.

CASCADEL – PR
2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Biblioteca Unioeste.

Bach, Luccas César

Deslocamentos migratórios e conflitos em um novo espaço: o desenraizamento das personagens em A bagaceira e As vinhas da ira / Luccas César Bach; orientadora Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza. -- Cascavel, 2021.

113 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. literatura comparada. 2. desenraizamento. 3. espaço. I. Aparecida de Figueiredo Fiuza, Adriana, orient. II. Título.

LUCCAS CÉSAR BACH

Migração e desestabilização: o desenraizamento das personagens em *A Bagaceira* e *As Vinhas da Ira*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Itamar Rodrigues Paulino

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Antonio Donizeti da Cruz

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Cascavel, 25 de outubro de 2021

Dedico esta dissertação à minha mãe, meu exemplo de coragem e dedicação, por ter me guiado e acompanhado durante toda minha vida, por ter me dado espaço e suporte para me autodescobrir, pela força que sempre me transmitiu.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelos ensinamentos sobre comunidade, sobre amor, sobre o que significa fazer parte de uma grande unidade emocional. Se nunca me senti sozinho, se sempre soube que poderia contar com o apoio dessas pessoas que me acolheram e abrigaram, foi devido ao carinho de todas as minhas tias e tios, à companhia de todos os meus primos, e especialmente ao suporte de minha mãe.

À minha orientadora, profa. Adriana Fiuza, por ter aceitado me auxiliar nesse projeto, pelas leituras e valiosas contribuições oferecidas durante esse percurso.

Aos meus amigos, Naiani e William, pelos anos de companheirismo, pelas mensagens, pela amizade que perdura independente da distância.

À minha namorada, Larissa, pela pessoa incrível que mostra ser todos os dias. Graças a você, ao seu abraço e ao seu carinho, esses anos foram mais leves, e as tragédias do mundo pareciam distantes.

Aos professores do programa de pós-graduação, em especial à professora Rita, pelos ensinamentos.

Aos colegas da pós-graduação, pelas discussões, pelas trocas de experiência, e pelo incentivo.

A todos professores que tiveram, direta ou indiretamente, influência na minha educação.

Os lugares não se encontram, constroem-se. A diferença daquele chão não estava na geografia. Apontou para nós dois e embrulhou as mãos para, em seguida, as levar ao coração. Ela queria dizer que a terra ficou assim porque nela nos amáramos?

Mia Couto em *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*

BACH, Luccas César. **Deslocamentos migratórios e conflitos em um novo espaço: o desenraizamento das personagens em *A bagaceira* e *As vinhas da ira***. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2021.

RESUMO

Essa dissertação discute a relação das personagens das obras *A bagaceira*, publicada em 1928, e *As vinhas da ira*, publicada em 1939, com o espaço em que estão inseridas. A partir de contextos climáticos e econômicos semelhantes, os romances apresentam famílias rurais sendo submetidas a um processo migratório entre regiões do Brasil e dos Estados Unidos da América, respectivamente, o que desencadeia o desenraizamento dos indivíduos e o enfraquecimento do núcleo familiar. Nas suas interações e suas reações ao espaço, a personagem se constrói, assumindo sua identidade de acordo com a terra em que cresceu; e, uma vez que esse laço entre indivíduo e seu canto do mundo se rompe, as relações dessa personagem com o mundo que a cerca são fragilizadas. Surgem conflitos entre valores morais internos e uma comunidade local nova e hostil aos trabalhadores migrantes. O que se espera apontar é a desestruturação das forças que unem a família, além dos conflitos gerados entre migrantes e locais. Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto, sustenta-se a pesquisa nos estudos de Bachelard (1993), Said (2003), Weil (2001), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: literatura comparada; desenraizamento; espaço.

BACH, Luccas César. **Migratory displacements and conflicts in a new space: the uprooting of the characters in *A bagaceira* and *The grapes of wrath***. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2021.

ABSTRACT

This dissertation discusses the relationship between the characters of *A bagaceira*, published in 1928, and *The grapes of wrath*, published in 1939, with the space in which they are inserted. From similar climatic and economic contexts, the novels present families being subjected to a migratory process between regions of Brazil and the United States of America, respectively, which triggers the uprooting of the subjects and the weakening of the nuclear family. In their interactions and reactions to space, the character is constructed, assuming their identity according to the land in which they were raised; and, once this bond between the individual and their corner of the world is broken, this character's relations with the world around them are weakened. Conflicts arise between internal moral values and a new, hostile local community to migrant workers. What is expected to be pointed out is the decay of the structures that bind the family together, in addition to the conflicts which appear between migrants and locals. In the perspective of reaching the proposed objective, this research is supported in the studies of Bachelard (1993), Said (2003), Weil (2001), among others.

KEY-WORDS: comparative literature; uprooting; space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	RECESSÃO E MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS	19
2.1	O Nordeste brasileiro d'A <i>bagaceira</i>	21
2.2	<i>A bagaceira</i> : uma apresentação	28
2.3	O <i>dust bowl</i> e migração em <i>As vinhas da ira</i>	33
2.4	<i>As vinhas da ira</i> : uma apresentação	38
3	O PROCESSO DE DESENRAIZAMENTO E A DECADÊNCIA FAMILIAR	45
3.1	A personagem e o espaço	46
3.2	A família e a substituição de antigos sistemas	50
3.3	Desenraizamento, solidão e isolamento	67
3.4	Desenraizamento e decadência	71
4	ENTRE MIGRANTES E LOCAIS	93
4.1	Identidades regionais – pontes entre sertão e brejo	96
4.2	Isolamento e marginalização – a criação dos <i>okies</i>	103
5	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

Quando vim da minha terra,
 não vim, perdi-me no espaço,
 na ilusão de ter saído.
 Ai de mim, nunca saí.
 Lá estou eu, enterrado
 por baixo de falas mansas,
 por baixo de negras sombras,
 por baixo de lavras de ouro,
 por baixo de gerações,
 por baixo, eu sei, de mim mesmo,
 este vivente enganado, enganoso.

Carlos Drummond de Andrade, em *A Ilusão do Migrante*¹

Falar em sair da própria terra pode se referir à saudade, à trauma, ao medo, à fuga; pode ser uma memória agradável ou aterrorizante, mas dificilmente passará sem uma resposta orgânica do sujeito comum. Seres humanos naturalmente formam vínculos com seus arredores, principalmente durante a infância, seja com a casa em que cresceu, com os vizinhos com quem brincou, ou com o estado caótico de fome ou de guerra. Esses laços participam da formação do indivíduo, uma vez que são nas interações com a sociedade em que está inserido, no contraste entre o “eu” e o mundo, que ele assume sua identidade como cidadão, como sujeito de direitos, como possuidor de opiniões e ideias próprias. Isso não significa que ele está preso à terra natal e que nunca partirá para poder permanecer perto dos seus; um afastamento da terra natal é, de forma generalizada, de se esperar em algum momento da vida. Já a migração indesejada, ou seja, forçada por motivos *externos* ao indivíduo – econômicos, climáticos, políticos, conflituosos, entre outros –, pode levar ao seu desenraizamento e deslocamento social, uma condição similar à de um ser exilado de sua terra.

Os romances *A bagaceira* (1928), do escritor brasileiro José Américo de Almeida, e *As vinhas da ira* (1939), do escritor norte-americano John Steinbeck, considerados cânones da Literatura Brasileira e Estado-Unidense, apresentam esse cenário de uma migração compelida pelos fatores que circulam as personagens, um movimento forçado. *A bagaceira* foi escrita no contexto das secas que assolaram parte do sertão nordestino entre o fim do século XIX e o começo do século XX. A desolação da região, juntamente com a falta de estrutura e planejamento econômico, deixou parte da população das áreas mais atingidas pela seca em situação de miséria, uma vez que não tinham como tirar sustento da terra. Como consequência,

¹ ANDRADE, 2016, p. 14-15.

milhares de sertanejos se viram obrigados a migrar em busca de um meio para sobreviver. Fosse rumo à região borracheira da Amazônia, à costa Nordeste tomada pelos engenhos de cana-de-açúcar, ou ao sul/sudeste, milhares de famílias de retirantes partiram da região semiárida em busca de um recomeço – “[...] somando aproximadamente 300 mil pessoas durante os primeiros anos do século 20.” (OJIMA; FUSCO, 2015, p. 13). Assim como o romance brasileiro, *As vinhas da ira* tem por contexto histórico um período de seca – o *dust bowl*, que levou grande parte dos pequenos agricultores americanos a migrar para a região da Califórnia em busca de emprego. O cenário foi agravado pela Crise de 1929 que teve início nos Estados Unidos e que levou o país a altas taxas de desemprego e de recessão econômica. A situação exposta no romance de José Américo de Almeida foi uma migração à qual nordestinos eram submetidos sazonalmente, durante décadas, uma vez que as características geográficas da própria região são propícias a secas intensas, além dos fatores políticos e econômicos que levaram a constante falha em controlar os efeitos sofridos pelos retirantes. A intensa migração norte-americana nos anos 1930, no entanto, mesmo tendo sido intensificada pelo *dust bowl*, teve a crise econômica como seu maior propulsor e, a sociedade americana se adaptando a mecanização dos campos e recuperando a economia, conseguiu controlar a situação.

Como expõe um estudo de Ojima e Fusco publicado em 2015:

[...] conforme dados do Censo de 1872, a população do Nordeste correspondia a 46,7% do total nacional. A partir de então, os registros mostram um constante declínio nessa participação até atingir os atuais 27,8% da população brasileira, ainda que as taxas de fecundidade da região se apresentem, sistematicamente, como as mais altas do país. (p. 11)

De acordo com os autores, essa ocorrência é explicada pelas altas taxas de emigração do Nordeste. É notável que o Nordeste brasileiro passou por vários períodos catastróficos de escassez de chuvas. Entre eles se destacam a Grande Seca, que teve início em 1877 e atingiu especialmente o estado do Ceará – estima-se que levou a morte de quinhentas mil pessoas² –, e a de 1919, que atingiu especialmente a região de Pernambuco; ambas abordadas em *A bagaceira*. Os ciclos da seca têm causa natural, característicos do clima semiárido da região, e são, de certa forma, previsíveis. As críticas e discussões levantadas pelos “romances da seca” – como são conhecidas obras como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz – publicados na primeira metade do século XX, concernem os indivíduos naturais do Nordeste que não possuem o amparo necessário para ter uma vida digna e poder passar por

² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-5ef8617a-d045-4f5e-932d-d41d9292ee51>. Consultado em 12 jul. 2021.

esses períodos de modo a continuar seus trabalhos com a volta da época de chuvas. Sendo uma região rural, o trabalho se resume ao cultivo, ao plantio, ao cuidado de animais da fazenda, mas com a falta de água esses trabalhos se extinguem; acaba-se o alimento e a forma de manter a subsistência. Assim, ao pequeno agricultor é imposta a necessidade de se mudar em busca de alguma forma de sobrevivência.

A bagaceira é um romance regionalista que tem a seca como contexto, mas não como cenário principal. A obra é centrada em uma família de retirantes composta por Valentim, sua filha Soledade, e seu filho adotivo, Pirunga. O sertão e suas mazelas se fazem presentes por meio dos retirantes, especialmente por Valentim, que anseia pelo retorno ao lar, mas se viu forçado a migrar para salvar os filhos da fome. Eles chegam ao engenho de Marzagão e pedem emprego e abrigo, e Dagoberto, o senhor de engenho, tomando interesse pela menina, lhes oferece um barraco.

O engenho de Dagoberto se encontra no brejo Nordestino, uma região de matas e canaviais, de clima tropical úmido e com uma flora extremamente rica, principalmente em contraste com a caatinga em outras regiões nordestinas. Em *A bagaceira*, os brejeiros são descritos pelo narrador como um povo que vive em condições sub-humanas: a miséria e a falta de condições básicas de higiene chegam mesmo a causar nojo em Soledade, enquanto os moradores da casa grande enxergam os brejeiros como um povo apático e preguiçoso. Em contraste, a família de retirantes, os sertanejos, são caracterizados como pessoas honestas, corajosas e trabalhadoras – como o próprio filho do senhor de engenho coloca: “Reservas da dignidade antiga! Resistência granítica, como os afloramentos do Nordeste! Solidificação da família! Tesouro das virtudes primitivas!” (ALMEIDA, 1981, p. 31). Os retirantes, então começam a trabalhar ao lado dos brejeiros, estes vivendo em condições de miséria, “vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava [...]” (ALMEIDA, 1981, p. 4). Ainda que essa situação, como apontada pelo autor, fosse de denúncia contra a condição humana, sendo que tanto retirantes quanto brejeiros eram explorados pelo senhor de engenho, em decorrência do trabalho exaustivo e das péssimas condições de moradia, estes dois grupos acabam se rebelando um contra o outro. A condição de “estrangeiro” dos retirantes faz com que se destaquem no engenho, eis que os brejeiros usam esse “elemento estranho” como escape para sua decadência, enquanto os primeiros, sentindo-se deslocados em um ambiente novo, agarram-se a suas raízes da seca e negam o espaço que ocupam. Assim, Pirunga e Soledade são vistos com desconfiança pelos locais, seja pela aparência, seja pela maneira que trabalham.

Além desse embate taciturno entre os dois polos de trabalhadores no engenho de Dagoberto, temos a própria ruína da família de Valentim. Os fatos que sucedem o envolvimento entre Soledade e Dagoberto levam rapidamente à perdição dos sertanejos: Valentim, pensando ser o feitor o amante de Soledade, assassina-o, e acaba na cadeia; Pirunga, após uma briga com a prima, pensa ter assassinado a menina e também vai parar na prisão, carregado de culpa; por fim, Soledade, anos depois, reaparece no engenho, então comandado por Lúcio, com o filho bastardo de Dagoberto. O que a migração significou, portanto, para a família de Valentim? O afastamento com o sertão foi motivo de conflito para todos os retirantes, resultando na decadência da posição social da família, dos laços que os mantinham juntos, e mesmo da integridade tradicionalista que vê no fim de Soledade a imagem da “mulher caída”.

Já *As vinhas da ira* tem por contexto o período entre guerras da primeira metade do século XX nos Estados Unidos. Enquanto o país havia passado as últimas décadas em ascensão mundial, a Grande Depressão desestabilizou a sociedade americana e levou a um aumento na desigualdade econômica. Assim como em *A bagaceira*, o enredo do romance é desencadeado por um período de seca: o chamado *dust bowl*, que foi um efeito climático resultado de anos do mal tratamento do solo, destruído pelo desmatamento, e piorado por tempestades de areia que assolaram a região.

O *dust bowl* ocorreu na década de 1930 nas Grandes Planícies americanas (região de planícies ao Leste das montanhas Rochosas) e durou aproximadamente dez anos. Essas condições climáticas significaram a miséria dos fazendeiros e pequenos proprietários rurais que viviam, principalmente, nos estados de Colorado, Kansas, New Mexico, Texas e Oklahoma. Além do fator ambiental, novas tecnologias apareciam para modernizar e acelerar o trabalho rural, enquanto reduzia a necessidade de pessoas trabalhando no campo. Famílias rurais se viram forçadas a pegarem grandes empréstimos e, como suas terras, gravemente afetadas pela erosão, seguiam infrutíferas, tiveram suas propriedades tomadas pelos bancos, estes com o capital necessário para investir em tratores e na modernização da agricultura. Desterradas, grande parte das famílias decide migrar para o Oeste.

Os Joads, protagonistas do romance de Steinbeck, assim como todas as outras famílias vizinhas, veem-se nessa situação – vendem todos os seus bens, compram um carro usado, e seguem viagem à Califórnia em busca de emprego. A família deixa Oklahoma em um grupo composto pelos dois avós, os pais, um tio, e os 5 irmãos de Tom Joad; além do marido de sua irmã, Rose of Sharon, que está grávida de poucos meses, e de Casy, um pregador amigo da família. Chegando ao seu destino, eles percebem que a Califórnia é um estado de solo fértil e clima favorável à agricultura, mas também um lugar hostil. Aproximadamente 400.000

refugiados partiram para a oeste americano na década de 1930, necessitando de moradia e de emprego para sustentar suas famílias. Os proprietários de terra se aproveitam da grande oferta de mão de obra para oferecer salários baixíssimos aos recém-chegados e, conseqüentemente, os migrantes, em grande parte, vivem na miséria em acampamentos ilegais sem acesso a saneamento – situação semelhante para os migrantes/retirantes que chegam ao engenho em *A bagaceira*, causando conflito entre eles e os trabalhadores locais, os brejeiros. Esses fatores levam ao choque entre locais e migrantes, aqueles querendo proteger suas terras da “decadência” trazida pelos “Okies” – inicialmente um termo que se referia àqueles originários de Oklahoma, toma um tom pejorativo para se referir aos trabalhadores migrantes. Além das complicações para se adaptar a um novo ambiente, o grupo lentamente se dissolve à medida que se afastam de Oklahoma: os avós morreram ainda no início da viagem, o irmão mais velho de Tom e o marido de Rose of Sharon decidiram seguir viagem sozinhos, Tom é forçado a se isolar após cometer assassinato, outro irmão do protagonista deixou a família após se casar e, finalmente, a trágica dissolução da família culminou com o nascimento do bebê natimorto de Rose of Sharon. Em ambas as obras, portanto, as personagens passam por um processo de desenraizamento e sofrem com a decadência da família.

Os romances elencados para este estudo são também atualmente relevantes especialmente pelo momento histórico e pelo contexto socioeconômico e espacial em que foram publicados. Quanto ao período pós 1929, Hobsbawn afirma que a “Grande Depressão confirmou a crença de intelectuais, ativistas e cidadãos comuns de que havia alguma coisa fundamentalmente errada no mundo em que viviam.” (HOBSBAWN, 1995, p. 106). De acordo com o autor, a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra “de tudo ou nada” entre potências que competiram pela posição de primeiro lugar na competição econômica, e o número brutal de dez milhões de mortos entre os soldados em batalha e os civis que até então podiam ignorar o que ocorria nos *fronts*, inaugurou a era de massacres (HOBSBAWN, 1995, p. 32). Além disso, a Grande Guerra acelerou o sistema de produção e o mercado de trabalho de modo irreversível. A economia, então muito mais dependente do cenário mundial, apresentava maiores oscilações devido aos grandes gastos com bélicos e a quebra dos países provocada pelo Tratado de Versalhes. Grande parte da população mundial apresentava um posicionamento antiguerra, enquanto os ânimos revolucionários e marxistas ganhavam força.

Foi claramente um momento de renovação de valores morais, econômicos e políticos que se modernizaram como os conhecemos no século XXI. A insegurança causada pelos altos índices de desemprego e de êxodo rural é motivo de desconfiança e isolamento do “estrangeiro”, como evidenciam ambos os romances. As migrações pelas quais as personagens

são forçadas a se submeter desencadeiam um processo de “desenraizamento” que agride a estrutura familiar e seu sentimento de pertencimento, o qual analisamos ao longo da dissertação.

José Américo de Almeida foi, além de escritor, um político ativo no Nordeste, enquanto John Steinbeck, ainda que não tenha se posicionado com um membro da política nacional, explorou a temática da exploração capitalista de tal forma que sofreu tentativas de censura (WARTZMAN, 2008, p. 9-10). Tanto *As vinhas da ira* quanto *A bagaceira* lidam com aspectos sociais e históricos que fazem parte de seu enredo e da construção das personagens. Assim sendo, o objeto de estudo é composto por dois romances considerados regionais que atuaram – e ainda atuam pela contemporaneidade de seus temas – como discursos políticos contra a situação vigente de negligência, descaso e exploração contra os trabalhadores do campo.

Ambas as obras colocam um espaço “idealizado” pelas personagens – o sertão, a “terra de Canaã”, na obra almeidiana, e a Califórnia, na obra de Steinbeck – que representa uma esperança de prosperidade, e ambos os espaços são terras “de ninguém”: o sertão, negligenciado pelo governo, largado à seca, e a região californiana nos EUA onde as autoridades legais são submissas aos proprietários de terra. Para os sertanejos, em *A bagaceira*, o sertão é a fonte de sua integridade e moralidade; se evidencia isso, em especial, nos discursos de Valentim, quando conta histórias de sua terra. Já em *As vinhas da ira*, o espaço idealizado pelos Joads é corrompido pela realidade miserável dos migrantes na Califórnia.

O espaço almejado pelas personagens, em ambas as obras, é resultado de uma quebra, uma desenraização causada pela migração das famílias. Essas raízes simbolizam laços culturais, sociais, históricos e emocionais que as personagens formam com sua casa, com seu lar. Para Gaston Bachelard (1993, p. 24), “[...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’.”. Para o filósofo, nossa primeira moradia, nosso “canto no mundo”, além de ser onde estabelecemos nossas raízes, também estrutura nossos sonhos. As personagens das obras aqui trabalhadas, no entanto, sofrem um rompimento forçado com esse espaço. Assim, em relação à desintegração do núcleo familiar, enquanto em *A bagaceira* os membros da família de Valentim caem em ruína, em *As vinhas da ira* os Joads se separam progressivamente à medida que se afastam de Oklahoma.

Além do distanciamento com a cultura e os valores da terra natal, o processo de desenraizamento se concretiza com o afrouxamento dos laços entre as personagens principais e, por fim, na decadência do que se procurava proteger: a família. Valentim perde a filha para o engenho, para Dagoberto, e ele mesmo acaba na prisão em uma tentativa vã de proteger a honra de Soledade. E os Joads, no momento que partem de Oklahoma, deixam os seus pelo

caminho, durante a longa viagem em busca de trabalho. Esse é o principal motivador dessa pesquisa, uma vez que se procura apontar as consequências do desenraizamento não apenas para a personagem isolada, mas para as suas conexões com o que a cerca, em especial a sua família, no aspecto privado, como na sua função de cidadão, no âmbito social e público.

A partir dos pontos apresentados podemos fazer uso da sociocrítica literária, uma vez que ela permite ao leitor pensar criticamente sobre os contextos sociais e culturais que compreendem a narrativa, ainda que “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO, 2000, p. 6). Zilá Bernd, por sua vez, afirma que a sociocrítica percebe o texto literário “como o lugar onde se inscreve o conjunto de uma formação social, através das formações e das práticas discursivas correspondentes” (BERND, 2009, n.p.). Examinamos, portanto, esses contextos como elemento externo às obras, auxiliando na análise dos elementos estruturantes nelas presente.

Tendo estas duas obras como *corpus* deste trabalho pretendemos aqui realizar um estudo de caráter comparativo e interpretativo, no qual analisamos as consequências do desenraizamento nos romances: *As vinhas da ira* e *A bagaceira*; e como tal desenraizamento leva a um conflito com grupos pré-estabelecidos nos locais para onde as personagens migram e à destruição da estrutura familiar nos referidos. De maneira específica pretendemos: descrever os acontecimentos históricos que fazem parte, direta ou indiretamente, do contexto histórico dos romances estudados; elencar os motivos e as consequências de migração em ambos os romances; definir um conceito de desenraizamento a ser aplicado à análise e apontar os resultados desse evento no núcleo familiar das personagens; identificar e analisar os conflitos entre os locais e os imigrantes no espaço em que os romances de desenrolam.

A metodologia empregada para realizar a análise desta dissertação é pautada na literatura comparada e na revisão bibliográfica. Carvalho (1992) afirma que o trabalho de comparação não se exauri com as semelhanças entre as obras, mas também com as diferenças. “Por isso, comparar é contrastar.” (p. 77-78). Desse modo, nossa pesquisa buscará compreender os pontos de convergência e divergência entre as obras *A bagaceira* e *As vinhas da ira*, percebendo como e porque essa construção acontece.

Também para Carvalho (1992), a Literatura Comparada deve extrapolar as obras, sendo que com a evolução da disciplina:

[...] o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. [...] a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que

é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais. (CARVALHAL, 1992, p. 86)

Assim, além das obras e teorias literárias, serão necessários para nosso projeto os estudos de historicistas e sociólogos para uma melhor análise do tema proposto, buscando contribuir para o campo dos estudos comparados. A Literatura, afinal, não é construída isoladamente; o escritor é um ser histórico, a humanidade tem suas raízes interligadas com a historicidade que a definiu e continua a modelá-la.

Tendo em vista o tema aqui proposto, esse trabalho será dividido em três capítulos de modo a aproximar as obras sob três aspectos. O primeiro capítulo, intitulado “Recessão e Migração nas Américas”, traz uma contextualização histórica aos romances, assim como um breve resumo de seus enredos. Apontaremos os fatores sociais, climáticos e econômicos que propiciaram as situações catastróficas nas regiões brasileira e estado-unidense, e que se fazem relevantes para a análise de *As vinhas da ira* e *A bagaceira*.

O segundo capítulo, “O Processo de Desenraizamento e a Desestruturação Familiar”, é constituído de uma aproximação teórica sobre os elementos espaciais e sobre a personagem, de forma a abordar o que se entende por desenraizamento. Serão utilizadas as obras de Simone Weil (2001), Hannah Arendt (2012), Gaston Bachelard (1993), entre outros. Espera-se pontuar a relação entre o afastamento dos protagonistas de sua terra e o enfraquecimento do núcleo familiar nas duas obras. Após o levantamento teórico, serão analisadas e comparadas as obras sob a perspectiva do desenraizamento e da decadência familiar.

Por último, o terceiro capítulo, “Entre Migrantes e Locais”, apresenta os conflitos que ocorrem entre os trabalhadores migrantes e o povo local, presentes em ambas as obras. Os pré-conceitos regionais são em grande parte responsáveis pela desconfiança generalizada entre esses grupos, causando um embate entre pessoas que ocupam posições de classe semelhantes, e encerrando um ciclo de violências contra as personagens desenraizadas. Para isso, usaremos os escritos de Edward Said (2003) e de Abdelmalek Sayad (1998), entre outros estudiosos sobre regionalismo.

2 RECESSÃO E MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS

[...] nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa. (SAID, 2003, p. 47)

Movimentos migratórios foram essenciais para o desenvolvimento da humanidade, permitindo ao ser humano se adaptar a novos terrenos, a diferentes climas, fugir de predadores, entre outras dificuldades a serem superadas. Com as mudanças sociais entre o final do século XIX e início do século XX, percebe-se um aumento do fluxo de emigrantes em busca de refúgio. O despreparo para o aumento populacional, a violência das guerras mundiais que alcançou militares e civis e o desenvolvimento tecnológico aplicado na produção industrial e agrícola são alguns dos fatores que levaram ao exílio de povos de suas terras natais. Pode-se dizer que, em grande parte, tais migrações foram motivadas pela busca de famílias de deixar condições subumanas em busca de uma vida melhor.

Os migrantes, os expatriados e refugiados que popularmente procuram moradia em regiões “desenvolvidas” – países e estados que acumulam capital a partir de um princípio extrativista –, constituem um dos elementos necessários na formação do cenário econômico mundial. Pela posição fragilizada em que se encontram uma vez inseridos em um espaço que para eles é novo, estranho e hostil, migrantes são submetidos a trabalhos não-especializados, muitas vezes sem a proteção das leis trabalhistas locais, quando não completamente ilegais. Para Abdelmalek Sayad (1998), “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito.” (p. 54). De acordo com o autor, imigrantes são considerados socialmente sob a perspectiva de “custos e valores”: o custo para o governo de mantê-los, considerando os impostos gastos com auxílio social, escolas para os filhos das famílias migrantes, políticas públicas; e o valor recebido por meio da mão-de-obra não qualificada que eles oferecem. Trabalhadores migrantes, seja entre países ou entre estados de uma mesma nação, oscilam na opinião pública como necessários para a economia e como párias sociais.

Em relação às obras, *A bagaceira* e *As vinhas da ira*, ambas apresentam personagens submetidas a migrações causadas por efeitos econômicos e/ou climáticos, representantes de momentos históricos do Brasil e dos Estados Unidos: as secas intensas que atingem parte do Nordeste brasileiro periodicamente, e o *dust bowl* que destruiu a economia agrícola na região de grandes planícies norte-americana, mas que foi controlada dentro de uma década. Estas

foram a causa da debilitação de famílias rurais que, ao se verem sem alternativas além a de se retirarem de suas terras, são submetidas a viverem em situação marginalizante. Edward Said, em *Reflexões Sobre o Exílio* (2003), afirma que a literatura expõe a condição angustiante da parcela da população mundial representada pelos imigrantes:

[...]; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós”. Não é verdade que as visões do exílio na literatura e na religião obscurecem o que é realmente horrível? Que o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia? (p. 47)

Nesse primeiro capítulo, portanto, serão pontuados os contextos histórico e social dos romances, um levantamento das dificuldades pelas quais famílias foram submetidas por terem que fugir de suas próprias terras e se exilar em um espaço que lhes era estranho e hostil. O espaço é elemento essencial nesse estudo – e será devidamente analisado no capítulo seguinte –, mas é por meio do indivíduo, das suas relações com o ambiente e com a comunidade que o cerca, que será possível entender o processo de desenraizamento e seus efeitos durante a narrativa. Não se pode perder de vista que se trata de fatos devidamente históricos, que atingiram pessoas reais.

Estuda-se a História juntamente à Literatura, pois se complementam em conhecimento, sendo que esta é “[...] um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.” (PESAVENTO, 2006, n.p.). As personagens criadas por José Américo de Almeida e por John Steinbeck partem de um diálogo entre fatos reconhecidamente históricos e a liberdade de expressão, proporcionando ao leitor uma possibilidade de humanizar os fatos que a História apresenta – não como forma de credibilizar a obra, mas como uma ferramenta para melhor compreensão do mundo em que vivemos, da sociedade fragmentada da qual conhecemos apenas o que nos cerca.

Serão analisadas duas obras criadas a partir da observação de um povo marginal por autores que presenciaram suas mazelas, podendo, então, oferecer a perspectiva dos que tiveram suas vozes silenciadas pela perspectiva do opressor. Além disso, a Literatura nos oferece acesso às várias narrativas vivenciadas por grupos marginalizados, suprimidas pelos que definem a História como relato do eixo hegemônico sobre o sucesso de sua opressão. Os dois escritores aqui abordados, leitores do espírito de sua época, ousaram transportar para seus romances suas intuições e inquietações sobre os migrantes, grupo historicamente negligenciado.

A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. E, com isto, chegamos a uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: capturar a impressão de vida, a energia vital, a *enargheia* presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo. E estes traços, eles podem ser resgatados na narrativa literária, muito mais do que em outro tipo de documento. (PESAVENTO, 2006, n.p.)

Assim, concluímos ser necessário para nosso trabalho, além de apresentar as obras em análise, fazer uma contextualização histórica pontual do momento de publicação de *As vinhas da ira* e *A bagaceira*. Primeiramente discutiremos tal período de modo geral, para então apresentarmos as particularidades dos contextos brasileiro e estado-unidense.

2.1 O Nordeste brasileiro d’*A bagaceira*

Gilberto Freyre coloca em sua obra, *Nordeste* (2013), que “há mais de dois Nordeste e não um, muito menos o Norte maciço e único de que se fala tanto no Sul com exagero de simplificação” (p. 13). Obra publicada em 1937, Freyre é um dos precursores no debate que pretende elevar a região do Nordeste contra os preconceitos que começavam então a tomar a mídia nacional – as imagens que ainda são infelizmente muito disseminadas, como o sotaque “inculto” do nordestino, seu fanatismo religioso, a violência herdada dos cangaceiros, entre outras. Quase 100 anos depois, ainda é necessário apontar as inverdades da imagem que muitos possuem do nordestino. Primeiramente, deve-se apontar que o coletivo de imagens associado a uma região é artificial, uma vez que é instituído sobre um espaço vasto e repleto de singularidades. Em melhores palavras:

A consciência regional nordestina, ou paulista, não surge com um indivíduo ou com um grupo específico, ela emerge em pontos múltiplos, que vão aos poucos se encaixando, sendo unificados pelas necessidades colocadas pelo tempo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 63)

Assim, ainda que temas como a seca, a migração e o coronelismo tenham seu lugar no todo que é a região do Nordeste brasileiro, não são exclusivas de lá e também não compreendem o todo da cultura e da história dos nove estados que o compõem. Em segundo, conceitos pautados no determinismo geográfico serviram em grande parte para a formação de estereótipos eugenistas e devem ser vistos como tal.

Esse estudo coloca o sertão e as mazelas provocadas pelos períodos de seca como protagonistas por serem esses os temas abordados em *A bagaceira*, mas reitera-se que tal recorte

histórico não abrange o Nordeste como um todo. Pelos motivos até aqui apontados, é necessário um debate sobre como o Nordeste veio a ser o que é hoje.

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o Nordeste é um produto do movimento nacionalista que começou no Brasil do início do século XX, inicialmente como um oposto ao “desenvolvido e moderno” Sul, e, através das artes e especialmente do romance de 1930, passou a simbolizar o verdadeiro Brasil, liberto de influências estrangeiras e dos avanços da urbanização. De acordo com o autor, enquanto o modernismo buscava romper com a narrativa tradicional em São Paulo, o trabalho com a memória de escritores como Freyre e os romancistas de trinta construía uma imagem saudosista do Nordeste, presa ao passado e sem espaço para o progresso presente e futuro.

[...] no Nordeste o movimento regionalista e tradicionalista volta-se para resgatar as narrativas populares, a memória como único lugar de vida para este homem moderno dilacerado entre máquinas, a narrativa como o lugar de reencontro do homem consigo mesmo, de um espaço com sua identidade ameaçada. Como numa épica, estes romances querem garantir a continuidade do que foi narrado, querem garantir a reprodução, por meio de gerações deste mundo desentranhado e suspenso na memória: o mundo “regional”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 95)

De acordo com o historiador, os escritores nordestinos, filhos do engenho, da casa grande escravagista e patriarcal, são os responsáveis por criar uma visão romantizada do Nordeste, cultivada a partir de memórias inocentes da infância. Eles teriam selecionado as lembranças que consideravam essenciais para o Nordeste que queriam representar, “[...] do Nordeste como o lugar de conservação de uma identidade ameaçada de se perder” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 128). O Nordeste passa a ser a única região que pode se dizer brasileira, uma vez que está afastada dos grandes centros metropolitanos e, por isso, não foi invadida por estrangeirismos; é a terra virgem e pura do interior, em que a família é priorizada e o patriarca zela por todos os que vivem em suas terras. Assim, o romance de trinta nasce de uma busca pelo passado perdido, da negação do presente e da rejeição do progresso.

Forte crítico do regionalismo, Albuquerque Júnior faz uma análise reveladora sobre o impacto desse momento para como o Nordeste é visto atualmente, apontando o romance de 1930 – dentre eles, *A bagaceira* – como um dos responsáveis pela imagem dessa região tomada pelo sertão e pela seca, abandonada politicamente, e de um povo majoritariamente migrante. Ele conclui que é necessário romper com esse discurso, e que “[...] é preciso novas vozes e novos olhares que compliquem esta região, que mostrem suas segmentações, as cumplicidades sociais dos vencedores com a situação presente deste espaço.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR,

2011, p. 352). E com isso, recomenda-se a Literatura sendo produzida no Nordeste, escritores como o poeta Miró da Muribeca, Camila Cerdeira, Alan de Sá e G.G. Diniz. Essas são algumas das vozes nordestinas atuais, que podem falar pela sua região e têm contribuído para o cenário artístico brasileiro.

Portanto, tendo esclarecido que o Nordeste martirizado pelas secas e suas mazelas não representa toda a região nordestina do Brasil, pode-se partir para qual o Nordeste que José Américo ilustrou em sua obra para melhor escrutinar as personagens Valentim, Pirunga e Soledade, os retirantes em *A bagaceira*. Assim, serão abordados dois Nordestes: primeiramente o da seca, terra natal das personagens mencionadas; e, em um segundo momento, o dos engenhos de cana de açúcar, região do engenho Marzagão, onde os retirantes buscam refúgio.

Os períodos de seca são causados por características geográficas e temporais que acometem o chamado “Polígono das Secas”, área que atinge mais de 1.300 municípios nos estados nordestinos, acarretando escassez ou falta de chuva por meses a fio. A miséria que segue os anos mais intensos das secas, no entanto, tem raízes em características sociais e políticas da região.

Josué de Castro, renomado geógrafo, escritor e político brasileiro, foi um grande pesquisador da situação de pobreza e desnutrição do povo nordestino. Em sua obra *Documentário do Nordeste* (1968), Castro acusa os reais motivos da miséria e da fome do Nordeste brasileiro como sendo o “latifundiarismo”, colocando a seca como fator secundário. O escritor descreve o latifúndio como “arcaísmo técnico”, pois não havia inovação ou investimento na região de plantio do Nordeste por parte dos proprietários de terra – os poucos que existiam, sendo que, naquela época, 50% da área total do Nordeste pertencia a 3% de proprietários rurais. O outro lado da moeda era o minifúndio, um retalho de terra da qual uma família não conseguia retirar suficiente sustento. De acordo com ele:

Precisamos libertar o homem da escravidão da terra. Acabamos no Brasil com a escravidão do homem pelo homem, mas deixamo-lo em regiões como as do Nordeste, inteiramente escravizado ao regime da terra. (p. 91)

Assim, o retrato feito por Castro é de uma região explorada de tal maneira que as riquezas que ela oferece não supre a necessidade dos que nela habitam. Suas características climatológicas são um fardo para os pequenos proprietários que dependem da colheita e, em especial, da pecuária para garantir seu sustento, mas essas dificuldades poderiam possivelmente ser mais bem contornadas com o suporte governamental e um planejamento social e/ou econômico para a região – principalmente após os períodos de seca mais intensos.

Ainda que o Polígono das Secas seja acometido pela escassez ou falta de chuvas em meses determinados do ano, periodicamente ocorrem secas anômalas que causam calamidade nacional e são responsáveis pelos altos índices de mortalidade. Esses períodos ocorrem, em média, a cada 20-30 anos, e o romance de José Américo menciona duas Grandes Secas: a de 1877/1879, que afetou em grande parte o estado do Ceará, e supostamente causou a morte de 500 mil pessoas – “[...] a (seca) de 1877-1879 torna-se célebre. Ela determina a mortandade de 500.000 habitantes do Ceará e vizinhanças, ou cerca de 50% da população.” (CASTRO, 1984, p. 269); e a de 1919/1921, que atingiu principalmente o estado de Pernambuco. Esses períodos levaram a altos índices de emigração do sertão. As famílias nordestinas, sem amparo, em muitos casos se veem sem alternativas além de fugir de suas terras, muitas com direção à Amazônia – especialmente entre 1839 e 1932, período de intenso uso de mão de obra para extração da borracha (OJIMA; FUSCO, 2015, p. 12) – ou ao litoral nordestino, região das matas e dos engenhos de cana-de-açúcar. Além disso, o início do século XX observou um intenso crescimento populacional brasileiro devido ao fluxo de imigrantes internacionais que fugiam do caos das grandes guerras mundiais, além do próprio crescimento natural brasileiro. Acelerou-se, então, a colonização do Sul do Brasil, e milhares de nordestinos decidiram seguir a onda de imigrantes. (OJIMA; FUSCO, 2015, p. 12-13).

O princípio que se tem em relação ao Nordeste, o de mera extração de riquezas e falta de inclusão dos habitantes do sertão em políticas públicas eficientes, é histórica. Em seu estudo sobre a história brasileira, Sérgio Buarque de Holanda expõe a exploração do Nordeste pelos portugueses como um processo penoso, sendo que o clima e o solo eram estranhos aos estrangeiros, e regido pela lei do “menor esforço”. Os portugueses não investiram na terra, fazendo uso, por séculos, dos mesmos métodos agrícolas usados pelos indígenas na época da sua chegada ao Novo Mundo. Ele afirma que:

Todos queriam extrair do solo excessivos benefícios sem grandes sacrifícios. Ou, como já dizia o mais antigo dos nossos historiadores, queriam servir-se da terra, não como senhores, mas como usufrutuários, “só para a desfrutarem e a deixarem destruída”. (1995, p. 52)

A partir dos estudos até aqui mencionados, pode-se afirmar que, mesmo sendo uma região de grande importância pela atividade econômica – em especial durante o ciclo da cana-de-açúcar, exposto mais adiante – e por ser densamente habitada, a região do sertão do Nordeste foi negligenciado, primeiramente, pelo colonizador, e depois pelos seus governantes.

Greenfield (2011), em seu artigo intitulado *O Comportamento dos Migrantes e as Atitudes das Elites durante a Grande Seca do Nordeste: 1877 a 1879*, faz uma descrição de

algumas das medidas governamentais da Grande Seca para lidar com o grande afluente de migrantes que chegavam ao litoral, em especial na cidade de Recife. De acordo com o estudo, grande parte das medidas foi meramente paliativa, as obras iniciadas tanto na capital, para abrigar os retirantes, quanto nas áreas rurais, foram abandonadas pela metade; famílias foram levadas para áreas de abrigo de retirantes, mas lhes recusaram a entrada alegando terem chegado ao limite de abrigados; e mesmo os locais de Recife negaram apoio aos retirantes, a exemplo um frade afirmou que os retirantes “representavam o segmento menos desejável da população sertaneja, eram ‘indolentes e preguiçosos’, e em anos anteriores não haviam economizado para enfrentar emergências como esta.” (p. 11). Argumento que ignora a impossibilidade de economias quando se vive em um regime de sobrevivência diária.

A segunda região do Nordeste a ser trabalhada aqui é a dos engenhos de cana-de-açúcar, dos grandes latifundiários. A região da mata nordestina, próxima a costa brasileira, ofereceu solo, clima e incidência de chuva propícios para um dos produtos mais valorizados no século XVI: o açúcar. Portanto, não é de se surpreender que essa foi a primeira área povoada pelos portugueses, que trouxeram recursos para o estabelecimento dos primeiros engenhos e fizeram uso da mão escrava africana – após não obtiverem sucesso na tentativa de usar os indígenas brasileiros para trabalhar nas plantações. Foi através do comércio da cana que tivemos o primeiro “boom” na economia brasileira. Como Freyre brilhantemente coloca:

A verdade é que foi no extremo Nordeste – por extremo Nordeste deve entender-se o trecho da região agrária do Norte que vai de Sergipe ao Ceará – e no Recôncavo Baiano – nas suas melhores terras de barro e húmus – que primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que junto com as africanas e as indígenas constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser o mais brasileiro. (2013, p. 14)

Em vista do sucesso com a plantação de cana para comercializar no mercado externo, foi instaurada a monocultura do açúcar que, intensificando a situação da seca, é reconhecidamente o principal motivo pela destruição do ecossistema nordestino. A ênfase colocada sobre o plantio exclusivo da cana trouxe consequências permanentes na qualidade do solo dos canaviais, já que “a cana esgota rapidamente a fertilidade dos solos, alterando sua estrutura e diminuindo sua resistência às forças de desagregação” (CASTRO, 1984, p. 116), e isso, juntamente às queimadas utilizadas para abrir espaço na mata para os extensos canaviais, alterou a fauna e a flora nordestinas permanentemente. A exemplo, muitos dos animais selvagens naturais na região da mata (como a raposa, o guará, ou a capivara) eram tidos como pragas para o plantio da cana, e assim foram caçados a ponto da extinção; a mata e os animais

desapareceram “para a cana imperar sozinha” (FREYRE, 2013, p. 27). Em contrapartida, os animais exóticos, como o cavalo e o gato, prosperaram nos engenhos.

Todo o solo fértil era destinado ao plantio da cana. Assim, não houve espaço para a plantação de verduras ou de outros produtos para suplementar a dieta dos moradores na região, nem para consumo doméstico, o que reduziu as possíveis fontes de nutrientes na dieta local. Os trabalhadores dos engenhos eram alimentados a base dos produtos extraídos da cana, que poderiam silenciar a fome, mas não faziam o trabalho de oferecer uma dieta balanceada que os ajudassem nas horas trabalhadas sob o sol nordestino.

Para ilustrar as consequências desse tipo de dieta, aponta-se outro livro escrito por Josué de Castro. Em *Documentário do Nordeste* (1968), Castro fez um estudo sociológico profundo sobre a alimentação do trabalhador assalariado no Recife, em um inquérito de mais de 850 famílias no ano de 1932. A base da alimentação das famílias era feijão, farinha, charque (um tipo de carne salgada e seca no sol), café e açúcar. Ainda 84% das famílias consumiam pão, 19% leite, 18% verdura, 15% frutas, entre outros. E, o que era comprado, ainda deveria ser dividido entre todos os membros da família (média de 5,2 pessoas por família). Havia um déficit muito grande de vitaminas e minerais essenciais, com excesso de hidratos de carbono. O autor chega ao número de 1.646 calorias diárias para cada membro. Um trabalhador rural, tendo que se locomover longas distâncias para chegar ao trabalho e fazer trabalho manual, deveria consumir em média entre 3.000 e 4.000 calorias.

Criou-se o mito do trabalhador preguiçoso, que prefere a miséria de uma vida “sem grandes esforços” a trabalhar “duro”. Em *A bagaceira*, essa é uma das formas com que os trabalhadores são vistos pelos senhores de engenho. Ao analisar uma obra tendo esse trabalhador como elemento da trama, é necessário lembrar que a monocultura da cana afetou a população do engenho assim como o ecossistema que lhe deu espaço, pois:

[...] o fator alimentar, descuidado e mal utilizado, contribuiu muito para sua desintegração, para a decadência precoce dessa sociedade, com seus senhores amolecidos por um regime com excessos de açucarados, mas deficiente em seus princípios essenciais, e com a massa de escravos e depois de camponeses e de operários definhando a olhos vistos, morrendo de fome quantitativa e qualitativa. (CASTRO, 1984, p. 128)

Tem-se, portanto, duas regiões do Nordeste brasileiro com características antagônicas, mas em situações de miséria semelhantes.

Com o que foi exposto até o momento sobre as características e mazelas do Nordeste brasileiro até o início do século passado, pode-se apontar para o cenário literário no período em

que *A bagaceira* foi publicada. É importante notar que, mesmo *A bagaceira* tendo sido publicado em 1928, ela é considerada precursora dos romances regionalistas nordestinos de 1930. Estes romances trouxeram o tema do Nordeste como foco narrativo, fugindo do idealismo e do protagonismo urbano do período romântico. Escritores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos são alguns dos maiores nomes desse período literário brasileiro que escreveram sobre o Nordeste, enquanto autores como Érico Veríssimo e Bernardo Guimarães são exemplos de grandes autores regionalistas que escreveram sobre outras regiões brasileiras.

Sobre os romances escritos nas décadas de 1930 e 1940 do século passado, Alfredo Bosi afirma:

Houve, sobretudo, uma ruptura com certa psicologia convencional que mascarava a relação do ficcionista com o mundo e com seu próprio eu. O Modernismo e, num plano histórico em geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudez, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia. (BOSI, s/d, p. 438)

Com os autores acima mencionados, pode-se perceber a tendência ao romance relato, com a ficção como veículo para uma discussão social e, talvez, política, sobre os problemas que cercavam um Brasil que ainda buscava por uma identidade nacional. Assim, o tema da seca e da miséria dos retirantes foi central nesse período da Literatura Brasileira.

O português aqui chegando estava desvinculado do meio e, assim, não havia uma arte brasileira autêntica — com algumas exceções, citadas pelo autor, como Machado de Assis e Lima Barreto. É, então, do “pacato” Nordeste que nasce a Literatura Brasileira:

Saiu do Nordeste resignado, a primeira fornada de verdadeiros romancistas brasileiros. Romancistas chamados de proletários, porque se meteram por lugares escusos onde só os pobres penetram e de lá vieram com um cheiro travoso de vida. (1968, p. 59)

É interessante perceber a literatura regionalista do Nordeste sob essa perspectiva de verossimilhança, pois, mesmo sendo uma obra ficcional, não há como separá-la do seu contexto histórico-social. Castro ainda afirma que o artista deve ter um “compromisso de sinceridade”, ou seja, relatar seu espaço sem um véu de mentiras que tenham como objetivo proteger o leitor do cenário da época. E o lugar propício para esse acontecimento foi, de acordo com o sociólogo, o Nordeste brasileiro. Castro conclui que:

Artisticamente, pouco importa que êles [sic] sejam socialistas ou democratas, comunistas ou católicos, desde que mostrem sinceramente a realidade brasileira. Com esta sinceridade que arrasta naturalmente o drama a uma expressão lírica impressionante. (1968, pg. 60)

A *bagaceira* tem um aspecto político e social, tendo por tema um assunto polêmico, especialmente após a Grande Seca, e, ainda que este trabalho não tenha por objetivo discutir esse aspecto da obra diretamente, não é pertinente deixá-lo de lado quando foi um dos motivadores para a realização da obra.

2.2 *A bagaceira*: uma apresentação

O enredo ocorre na grande seca de 1877, tendo como personagens principais Valentim Pereira, sua filha Soledade e Pirunga. A mãe de Pirunga, sem condições de criar todos os filhos após a morte do marido, deixou o mais novo sob os cuidados de Valentim quando ele ainda era um menino. Valentim se apega ao rapaz por este não ter feito como seus filhos homens, que deixaram a casa paterna em busca de uma vida melhor, não se atentando ao fato de que Pirunga nutria um grande amor por Soledade.

No alto da seca, quando já não têm como sobreviver da terra, os três sertanejos deixam o sertão e migram em direção à Paraíba. Eles chegam ao engenho Marzagão, localizado nas proximidades da cidade de Areia, em situação deplorável causada pela subnutrição e longa viagem sob o sol escaldante do sertão — Soledade, principalmente, ao chegar ao engenho é uma menina desprovida de feminilidade ou qualquer traço de “beleza”, segundo o olhar do narrador. O senhor de engenho é Dagoberto Marçau, homem viúvo e inescrupuloso, cujo controle dos trabalhadores das plantações de cana é concretizado através da força bruta e do abuso moral. O filho, Lúcio, é estudante que, no momento da chegada de Valentim ao engenho, passava as férias escolares com o pai, com quem não tinha um bom relacionamento. Dagoberto e Lúcio, que assume o comando do engenho no final da obra, representam diferentes perspectivas em relação à plantação e, especialmente, à brutalidade dos senhores de engenho: o pai é adverso às inovações no plantio e cultivo da cana, um verdadeiro tradicionalista em termos de agricultura e de posicionamento como chefe da família; Lúcio, por sua vez, ao tomar controle do engenho do pai empenha-se em modernizar a produção e educar os trabalhadores do engenho, ele também é descrito como um rapaz romântico e idealista, como evidenciado no seu tratamento com Soledade e com Valentim, explorados mais adiante.

Valentim e Pirunga começam a trabalhar nos canaviais. Os retirantes, ainda que vivendo e trabalhando ao lado dos brejeiros, não se inserem na comunidade de trabalhadores do engenho de Dagoberto, preferindo passar o tempo livre com o feitor, Manuel Broca, e com Lúcio. Soledade, que com o tempo retoma a beleza que lhe foi tirada pela seca, é rechaçada pelas brejeiras. O atrito entre retirantes e os trabalhadores locais do engenho do Marzagão é reforçado pelo olhar crítico de Lúcio que aponta expressamente a decadência dos brejeiros, um povo pobre e humilde que vive na imundície dos brejos, sem acesso à higiene básica, em contraste ao heroísmo do sertanejo, povo que sofre uma catástrofe ambiental, mas que não deixa isso abalar sua coragem e valor moral.

Grande parte da narrativa se passa em episódios isolados, porém de grande importância para a configuração do cenário da bagaceira, do engenho e do brejo. Em um desses instantes, Manuel Broca convence Dagoberto de fazer um forró. O feitor aparenta ter más intenções, mas Dagoberto aceita, meio contrafeito. Enquanto a festa corre: Dagoberto persegue Soledade; Lúcio fica horrorizado com a promiscuidade dos corpos dançando e vai-se embora; Pirunga quase arranja briga com os outros brejeiros por não querer dançar com as outras mulheres além de Soledade; e o feitor propositalmente embebeda um dos trabalhadores. Ao fim da festa, a polícia aparece com a intenção de intimidá-los e reprimir o evento — se sugere que o motivo é a desavença entre Dagoberto e o poder político, mas Dagoberto foge da festa antes de a polícia aparecer. As autoridades, então, ameaçam os trabalhadores:

— Meta o facão nessa cambada! — ordenou a autoridade.
 A cabroeira recuou. E Pirunga cresceu para a força arbitrária:
 — Que é isso, praça?!
 E, correndo em defesa de Latomia:
 — Não desfeite o homem, praça. Um homem é um homem. Não faça ação, praça!
 Era o governo. O governo era essa afirmação de arbitrariedade. Antes que vibrasse o golpe, ele caiu em cima da lamparina.
 E feriu-se a luta no escuro. (ALMEIDA, 1981, p. 36-37)

Um confronto ocorre entre autoridades e brejeiros no escuro. Pirunga, procurando socorrer Soledade, taca fogo no barracão em que estava tendo a festa e carrega a moça, contrariada, para longe.

Esse é um episódio que permite ao leitor situar as relações entre as personagens. Lúcio, um amante dos romances platônicos, tem aversão à lascívia da festa assim como não aceita a condição miserável em que vivem os brejeiros; para o jovem estudante, a pobreza dos trabalhadores de engenho se resume à preguiça, não à condição de exploração física e de subnutrição em que eles se encontram. Dagoberto, que inicialmente não permitiria um momento

de lazer aos trabalhadores como uma festa, aproveita-se da situação e faz seus avanços à Soledade. Soledade, por sua vez, não mostra interesse algum em Pirunga e, ainda que este tentasse fazer um ato heroico e resgatá-la do incêndio que ele causou, a menina se irrita, vendo no gesto de Pirunga uma intrusão.

Em outros momentos da obra, Valentim relata sua vida no sertão ao feitor e a Lúcio. As histórias narradas por Valentim são, para Lúcio, uma demonstração da nobreza de alma do sertanejo; mas para o retirante, as lembranças do sertão são um modo de retornar ao lar, uma saudade que para ele é dolorosa.

Há um triângulo amoroso entre Soledade, Dagoberto e Lúcio — Pirunga fazendo papel de mero observador. Inicialmente, Lúcio passava suas tardes a ler poesia e se inspirar nas heroínas “purificadas” de suas leituras. Uma certa tarde, Soledade o encontra na mata e chama a atenção do estudante. Nesse momento, Lúcio percebe Soledade como mulher. Mas para Lúcio, o amor é puro e, em contraste com o que lhe cerca, infantil. Por outro lado, Dagoberto é direto em seus interesses para com a moça:

E Soledade fremia num alvoroço incompreendido. Sentia o primeiro toque de puberdade que ensaia adivinhar os mistérios interiores. [...] Cortejada por toda parte, desassossegada, receosa, refugiava-se na complacência honesta do estudante, discernida com o instinto divinatório com que as mulheres mais ingênuas interpretam os sentimentos que as requestam. O senhor de engenho, tão fechado, passara por ela, sem olhá-la. [...] (ALMEIDA, 1981, p. 24)

Dagoberto então a presenteia com um amontoado de espia-caminho, flor tida como indiscreta pela comunidade. Soledade inicialmente se assusta com o presente, mas depois releva o gesto do senhor de engenho como não sendo “por mal”. Há um conflito de expectativas entre a moça e Lúcio: ela se irrita com a falta de iniciativa do rapaz, e ele não percebe as indiretas de Soledade.

Acabada as férias, Lúcio retorna ao internato, e Valentim passa a desconfiar das mudanças nas atitudes da filha. Ele descobre joias que Soledade escondia entre seus pertences e exige saber de quem ela recebeu tanta coisa. Soledade tenta enganar o pai e dizer que foi Pirunga, mas este não a ajuda a encobrir o segredo. Então Soledade mente, e diz que quem lhe deu as joias foi o feitor. No mesmo dia, passam alguns sertanejos pelo engenho, Valentim descobre através deles que sua fazenda está “verde”, que o açude está cheio, e decide planejar sua volta ao sertão. O retirante passa, então, uma noite de insônia, lutando entre o dever de vingar a filha, assassinando o feitor, e a vontade de retornar à sua fazenda.

No dia seguinte, tendo decidido retornar a sua terra, Valentim busca Pirunga pelo engenho, querendo planejar a viagem. Ele o encontra com uma arma na mão, preparado para

tirar a vida do homem que, de acordo com Soledade, fora o responsável por tirar sua dignidade. Valentim tenta retirar a arma das mãos de Pirunga, mas este não deixa e, sentindo a aproximação do feitor, segue sua presa, pela primeira vez se rebelando contra os desejos do pai.

Após essa cena, vemos a população do brejo perseguindo e encurralando Valentim, que assume a culpa pelo assassinato de Manula Broca. O retirante mantém os brejeiros distantes, com uma arma na mão. Dagoberto alcança a comoção e apela para que Valentim largue a arma:

Dagoberto mudou de tom:

— Velho, você está doido?

— O senhor garante?

E, a um gesto afirmativo, o assassino confiou-se da promessa, jogando a pistola entre os cabras.

Estava afeito às cenas de impunidade, aos compromissos de escapula ou de homizio como pontos de honra. Entregando-se, não era a vida que ele preservava, senão a liberdade ou, a dizer melhor, a fuga para o sertão. Mas, apenas se viu inerme, foi subjugado por cem braços e inquerido (é o termo) com cordas de caroá. (ALMEIDA, 1981, p. 82)

Valentim confia que Dagoberto o ajudaria, mas é traído e levado para a prisão; ao se entregar, entrega também a esperança de voltar para seu querido sertão. Preso, Valentim descobre que as joias em posse de Soledade haviam sido presenteadas por Dagoberto. Pirunga se oferece para vingar a família e matar o senhor de engenho, mas Valentim nega; ele vê como seu direito vingar-se de Dagoberto. Ele faz, então, com quem o filho prometa que irá proteger o senhor de engenho até sair da cadeia.

Retornando ao engenho, Lúcio informa ao pai de sua intenção de casar-se com Soledade, mas Dagoberto desincentiva o filho a persegui-la. Na discussão que segue entre os dois, Lúcio descobre que sua mãe fora sobrinha de Valentim, o que faria de Soledade sua prima, e que Dagoberto havia conquistado a moça enquanto ele estava fora. Desiludido, Lúcio sai do engenho e corta laços com a família.

Em seguida, Dagoberto leva Soledade e Pirunga para o sertão. O senhor de engenho passa por situações perigosas e quase morre, não fosse Pirunga. Um dia, no entanto, Dagoberto perde o controle sobre seu cavalo e falece. Soledade briga com Pirunga, culpando-o pela morte do amante, e o rapaz, furioso, ataca-a. Pirunga pensa ter assassinado a menina e foge.

Em 1915, após outro período de seca, Soledade, já com a beleza destruída pelo tempo, aparece no engenho Marzagão. Encontra Lúcio feito senhor de engenho, casado e com um filho pequeno, em um lugar renovado. Lúcio pôde aplicar seu conhecimento na plantação e cultivo da terra, deixando-a mais fértil, dando-lhe mais vida. Não apenas o solo, mas seus trabalhadores se transformaram, uma vez que Lúcio providenciou moradia digna e estudo a todos do engenho.

Soledade, então, apresenta um menino, seu próprio filho, fruto do seu envolvimento com Dagoberto.

Lúcio decide receber o meio-irmão em sua casa, assim como Soledade. Os trabalhadores, entretanto, esperam poder conversar com o senhor de engenho sozinho, e protestam contra os novos moradores. O romance termina com Lúcio revoltando-se contra o seu destino, de ter construído um paraíso, mas não ter um povo digno de habitá-lo.

Já foi mencionado que *A bagaceira* não deve ser caracterizada como um “romance da seca”, pois, diferentemente deles, o romance de José Américo de Almeida abrange um outro aspecto do Nordeste brasileiro: a região brejeira dos canaviais dos engenhos de açúcar. As secas se fazem presentes no romance, mas não são o foco da obra e, portanto, seria errôneo forçar *A bagaceira* na mesma caracterização de outros romances da seca. Esse tópico foi muito bem explanado por Ângela de Castro em seu livro *Releitura de A bagaceira* (2010). De acordo com a autora:

Pode-se dizer que esse romance tem um grupo de sertanejos-retirantes entre seus personagens principais. Mas centralizar o livro na questão da seca é raciocinar com a antítese, eliminando o termo. É não compreender *A bagaceira*. É ignorar-lhe o próprio título. (p. 53)

A antítese mencionada por Ângela Castro refere à dualidade sertão e brejo — o conflito sendo evidente ao analisar o polo dos “retirantes” e o dos “brejeiros”, como será feito no próximo capítulo dessa dissertação. Referente ao título da obra, ele está diretamente relacionado ao engenho da cana de açúcar, pois a “bagaceira” é o que sobra da cana quando esta foi processada, é o resto da produção, sem valor monetário. *A bagaceira* então é uma obra sobre o Nordeste e sobre suas mazelas. Ainda sobre o título, Castro afirma que ele é “a bagaceira transformada em personagem principal, disputando com a seca a primazia de ser a desgraça maior dos nordestinos.” (2010, p. 54). Com todas as diferenças entre o povo da seca do sertão e da pobreza do brejo, uma das semelhanças é sua miséria.

Portanto, no tocante à questão sócio-econômica, enquanto romance de denúncia, o que *A bagaceira* traz de novo é o grito de alerta para o fato de que: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã” (p. 2). É simples substituir os termos: o deserto está para o *sertão* assim como a terra de Canaã está para o *brejo*. No aforismo, a indicação dos pólos antitéticos e da proporcionalidade comumente ignorada. (CASTRO, 2010, p. 55)

A obra brasileira, portanto, entre seus muitos temas — o triângulo amoroso, as duas gerações conflitantes de senhor de engenho, a riqueza da flora do brejo, a exploração do trabalhador do brejo, entre outros —, aborda também a decadência do trabalhador Nordestino.

2.3 O *dust bowl* e migração em *As vinhas da ira*

A primeira metade do século XX pode ser dividida em três grandes períodos: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); o período entreguerras, marcado pelo crescimento econômico norte-americano que antecedeu a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, resultando em uma crise econômica geral; e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para a melhor análise da obra norte-americana, será feito um breve resumo da situação em que os Estados Unidos se encontravam na década de 30 do século passado.

O mundo pós-primeira guerra estava dessensibilizado e impessoal. As nações europeias haviam sido destruídas por dívidas de guerra e por novas tensões na força de trabalho decorrentes das baixas dos combatentes em guerra e da escassez de alimento. Mas, apesar da exaustão moral causada pelo alto número de mortes e as mudanças sociais nos 4 anos de conflito, o mundo vivia uma importante mudança desencadeada pela Revolução Russa de 1917: a de reformas sociais, em especial, revoluções trabalhistas.

Os anos após a Revolução Russa iniciaram o processo de emancipação colonial e descolonização, e introduziram a política de bárbaras contrarrevoluções [...] e a política de social-democracia na Europa. Esquece-se muitas vezes de que até 1917 todos os partidos trabalhistas e socialistas [...] preferiram ficar em permanente oposição até a chegada da hora do socialismo. (HOBSBAWM, 1995, p. 89)

O período entreguerras, portanto, foi um período revolucionário em que valores morais eram questionados e vários artistas se engajaram politicamente em ideais considerados de esquerda – como foi o caso do autor John Steinbeck. Percebe-se essa temática no medo imposto aos americanos dos ideais “comunistas”, e como essa desculpa era usada para oprimir pessoas que se recusavam a obedecer às autoridades.

Como é notoriamente sabido, os Estados Unidos tiraram proveito da redução significativa da produção europeia durante a Primeira Grande Guerra e conseguiram lucrar com a exportação de suprimentos básicos assim como de armamentos. Enquanto uma minoria colhia os frutos desse embate sem precedentes, grande parte do Ocidente lutava com destroços sociais e econômicos; este último fator sendo desastroso para a moral burguesa já que “entre as guerras, a economia mundial capitalista pareceu desmoronar.” (HOBSBAWM, 1995, pg. 91). Afetando

países de todos os continentes, a Depressão econômica foi global; enfatizando o quão importante era o papel da estabilidade norte-americana para o restante das nações.

Tendo em vista tal relevância histórica, pode-se olhar para a obra aqui trabalhada como um marco, uma vez que “As Vinhas da Ira transformaram os migrantes do Dust Bowl em um dos símbolos duradores da Grande Depressão.”³ (GREGORY, 1989, p. 74). O romance *As vinhas da ira* é conhecido como o trabalho de maior importância na bibliografia de John Steinbeck. Publicada em 1939 – meses antes da segunda guerra mundial –, a obra foi fruto de anos de pesquisa de campo realizada pelo escritor na Califórnia, cujo cenário estava polarizado entre os proprietários de terra, esmagados pela necessidade de se adequar às regras ditadas pelas associações de agricultores, e os imigrantes vindos da região leste do país, que haviam sido expulsos de suas terras e buscavam emprego e moradia.

A década de 1930 foi um período de instabilidade econômica para os norte-americanos, tendo em vista que no final de 1929 houve a quebra da bolsa de Nova York, o que levou a altos índices de desemprego e a disparidade entre classes altas e baixas aumentou consideravelmente. Além disso, na região das Grandes Planícies dos Estados Unidos — região que abrange os estados de Novo México, Texas, Oklahoma, Colorado, Kansas, Nebraska, Wyoming, Montana, Dakota do Sul e Dakota do Norte — passava por um período intenso de seca, conhecido por *dust bowl*, levando à devastação de milhões de acres de terras cultivadas.

Era o início de 1932 e, junto com a depressão econômica, as Grandes Planícies do país estavam no primeiro dos sete anos de seca implacável. A seca foi acompanhada por ventos fortes que arrastariam 100 milhões de acres de pradaria seca e exposta. Foram necessários mil anos para depositar apenas uma polegada da camada superficial do solo, mas aquela camada superficial agora estava sendo soprada para longe em apenas alguns minutos.⁴ (REIS, 2008, p. 44-45)

Além da falta de chuvas, o solo, já danificado por anos de manejo inadequado, foi destituído dos nutrientes necessários para o plantio pelas ventanias intensas. Durante os quase oito anos da tragédia ambiental que foi o *dust bowl*, os habitantes das áreas mais afetadas pelo efeito viram tempestades de areia que chegavam a cobrir o céu por dias seguidos. E com a falta de vegetação selvagem, a pouca plantação que os fazendeiros conseguiam cultivar era, muitas vezes, atacada por ondas de insetos ou por animais silvestres.

³ “The Grapes of Wrath turned the Dust Bowl migrants into one of the enduring symbols of the Great Depression.” (Tradução Livre – T.L.)

⁴ “It was early 1932, and, along with economic depression, the nation’s Great Plains were into the first of what would be seven years of unrelenting drought. The drought was accompanied by gale-force winds that would draw up a 100-million acres of parched, exposed prairie. It had taken a thousand years to deposit only one inch of topsoil, but that topsoil was now being blow away in only minutes.” (T.L.)

Em decorrência da baixa renda e das péssimas condições climáticas, famílias das Grandes Planícies adoeciam por fome e doenças respiratórias. O pouco que havia de alimento era muitas vezes repartido entre mais de seis integrantes em uma única família, e mesmo o gado era alimentado com plantas secas do clima desértico. Chefes de famílias recorreram aos bancos para conseguirem comprar sementes e tentarem tirar algo de suas terras, mas acabaram perdendo suas propriedades por não conseguirem quitar suas dívidas.

Por um lado, os produtores não viam como poderiam continuar a entregar o produto ao mercado abaixo do custo de produção. E com o aumento das dívidas, os fazendeiros estavam perdendo suas fazendas; os bancos estavam executando as hipotecas, retomando propriedades quando um proprietário atrasava o pagamento.⁵ (REIS, 2008, p. 53)

Foram feitas associações para tentar ajudar os fazendeiros, o governo americano esboçou diferentes projetos para tentar recuperar o solo e diminuir a erosão, e programas foram elaborados para empregar jovens desempregados nas fazendas de pequenos agricultores que estavam sem recursos para investir em suas terras. Mas muitas dessas iniciativas foram abandonadas ainda no início, e poucas tiveram sucesso em aliviar o sofrimento e angústia dos habitantes da região afetada pelo *dust bowl*.

Não apenas a situação econômica declinava rapidamente, mas a saúde dos americanos também estava em risco. As tempestades de areia mais intensas muitas vezes sufocavam crianças, levando-as a óbito, enquanto outros residentes das grandes planícies desenvolviam um novo tipo de pneumonia – suas vias respiratórias estavam obstruídas por poeira. Em uma carta ao Secretário de Agricultura, datada de 1935, Caroline Henderson relatou “Poeira para comer, poeira para respirar e poeira para beber. Poeira nas camas e na caixa de farinha, em pratos e paredes e janelas, em cabelos e olhos e orelhas e dentes e gargantas [...]”⁶ (REIS, 2008, p. 65)

As condições climáticas levando a economia e a saúde dos moradores desses estados para uma situação crítica, muitas famílias decidiram vender o pouco que tinham para tentar a vida em outro lugar. Essa migração ocorrendo durante todos os quase 10 anos de *dust bowl*, ao final dos anos trinta dois milhões e meio de habitantes das Grandes Planícies se mudaram. Como bem coloca Reis (2008), “Seca, Depressão e mecanização—juntas elas não deixavam

⁵ “On the one hand, growers did not see how they could continue to deliver product to market at below the cost of production. And with debt piling up, farmers were losing their farms; banks were foreclosing, taking back property when an owner fell behind on mortgage payments.” (T.L.)

⁶ “Dust to eat, and dust to breathe and dust to drink. Dust in the beds and in the flour bin, on dishes and walls and windows, in hair and eyes and ears and teeth and throats [...]” (T.L.)

outra escolha a ninguém.”⁷ (p. 77). Pois, além dos motivos descritos acima, havia uma nova onda de modernização da agricultura que diminuiria os custos com mão de obra e agilizariam o processo do plantio; era uma questão de quem teria o dinheiro para investir na terra.

Para onde iriam todos esses norte-americanos que fugiam das mazelas da seca? A destinação mais popular foi a Califórnia, devido à intensa propaganda feita pelos grandes proprietários de tal estado para conseguir mão de obra.

A Califórnia, sempre vista como uma terra prometida, seria o destino mais popular para os migrantes das Grandes Planícies. Panfletos que anunciavam a necessidade de trabalhadores agrícolas nos “campos dourados” do “paraíso” agrícola da Califórnia atraíram as pessoas para o oeste. “300 TRABALHADORES NECESSÁRIOS PARA PÊSSEGOS - MUITO TRABALHO - ALTOS SALÁRIOS e 500 HOMENS PARA O ALGODÃO - NECESSÁRIO AGORA! - COMECE A TRABALHAR IMEDIATAMENTE!” [...]”⁸ (REIS, 2008, p. 77-78)

Esses panfletos foram os responsáveis, inclusive, como veremos mais afrente, pela decisão das personagens em *As vinhas da ira* de se mudarem para a Califórnia. Para Steinbeck, a agricultura californiana sobrevive de um sistema de excesso de mão de obra: mesmo que um agricultor precise de apenas 20 homens para cuidar da sua plantação durante todo o ano, ele precisará de 2000 trabalhadores para fazer a colheita em um curto espaço de tempo, do contrário a plantação apodreceria e ele perderia todo o seu lucro – e isso depende não só da existência da mão de obra migrante, como também do excesso dela, para que sua margem de lucro seja maior. (1988, n.p.)

Entretanto, é relevante notar que, enquanto se está fazendo um recorte dos pequenos agricultores que passaram por dificuldades em decorrência do desastre ambiental que foi o *dust bowl*, a migração interna em direção ao oeste estado-unidense ocorreu durante décadas, por diferentes motivos, incluindo pessoas de diferente poder econômico. Em um artigo de 1989, por exemplo Gregory afirma que o maior fluxo de migrantes que partiram para a Califórnia ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. (p. 76)

Chegando à Califórnia, os migrantes foram taxados de *okies* – termo que denominaria aquele vindo do estado de Oklahoma, mas que, dadas as circunstâncias, assumiu um tom pejorativo para designar os migrantes – e passaram a ser tratados como um povo sujo, criminoso

⁷ “Drought, Depression, and mechanization—combined they gave one no other choice.” (T.L.)

⁸ “California, forever seen as a promised land, would be the most popular destination for Great Plains migrants. Handbills that advertised the need for farmworkers in the “golden fields” of California’s agricultural “paradise” lured folks west. “300 WORKERS NEEDED FOR PEACHES—PLENTY OF WORK—HIGH WAGES and 500 MEN FOR COTTON—NEEDED NOW!—START WORK RIGHT AWAY!” [...]” (T.L.)

e preguiçoso. Sem renda fixa, muitos tiveram que morar em acampamentos improvisados nas periferias das cidades. Tais acampamentos eram sujeitos a revistas policiais periódicas, com a justificativa policial sendo a prevenção da proliferação de pensamentos “vermelhos”, “comunistas”.

O retorno das chuvas regulares no final do ano de 1939 marcaram o fim dos anos de *dust bowl*, mas as consequências econômicas permearam a região por mais de uma década.

Durante os anos de pesquisa para desenvolver o romance, Steinbeck escreveu uma série de artigos inspirados pelo contato com esses migrantes que, chegando à Califórnia, eram submetidos a uma situação de desabrigados, desempregados e de párias sociais; os artigos, publicados em 1936 para o *The San Francisco News* intitulado *The Harvest Gypsies*, têm um tom acusatório e pessoal, ainda que com uma proposta jornalística. No período em que o autor situa temporalmente *As vinhas da ira* havia “[...] pelo menos 150.000 migrantes sem-teto vagando para cima e para baixo pelo estado, e esse é um exército grande o suficiente para torná-lo importante para todas as pessoas no estado.”⁹ (STEINBECK, 1988, n.p.). Anteriormente ao êxodo rural que levou a mão de obra desses migrantes à Califórnia, a colheita era realizada por imigrantes de outras nações — China, Japão, México, entre outros —, mas com o *dust bowl* de 1930 a massa de trabalhadores era composta por americanos, brancos, produtos da mesma nação. Steinbeck, nascido na Califórnia e, tendo passado anos vivendo com os trabalhadores rurais em sua região, mostra em seus escritos a voz do concidadão que vê no imigrante um semelhante, não um mero estrangeiro.

Sob a perspectiva dos californianos, a migração em larga escala resultou em uma invasão de parasitas estatais: afinal, os recém-chegados viviam em acampamentos ilegais, emporcalhando a cidade e servindo de vetores de doenças vindas da falta de higiene e saneamento básico em que se arrastavam, além de necessitarem da atenção constante dos policiais e servidores sociais, aumentando os impostos para os moradores locais. Esses migrantes eram, contudo, indispensáveis nos meses de colheita, oferecendo uma mão de obra barata e monstruosa monumental sem a qual agricultores perderiam grande parte de sua plantação; como diz o escritor em um de seus artigos: “Os migrantes são necessários, e eles são odiados. Chegando a um distrito eles descobrem a antipatia sempre gerada pelo residente ao estrangeiro, ao ‘de fora’.”¹⁰ (STEINBECK, 1988, n.p.). Pode-se falar em um conflito entre dois

⁹ “There are at least 150,000 homeless migrants wandering up and down the state, and that is an army large enough to make it important to every person in the state.” (T.N.)

¹⁰ “The migrants are needed, and they are hated. Arriving in a district they find the dislike always meted out by the resident to the foreigner, the outlander.” (T.N.)

grupos causado pelos interesses de um terceiro, aquele que lucra com a mão de obra barata oferecida pelos *okies*, esse sendo um dos polos da trama em *As vinhas da ira*.

2.4 *As vinhas da ira*: uma apresentação

Os romancistas de maior destaque no começo do século XX, como Ernest Hemingway, William Faulkner, e o próprio Steinbeck, são notórios pela brutalidade de suas tramas e de suas personagens. Temas como exploração dos donos do poder, as consequências da guerra e os direitos operários ganham espaço na literatura norte-americana, e permeiam grande parte das obras publicadas nesse período. Para Carolina Nabuco (2000), “O pessimismo dos autores reflete-se nos seus personagens e impede-os de viverem intensamente cada momento da vida, inclusive os dos prazeres que seu vigor físico possa colher.” (p. 249). Com a brutalidade da primeira guerra mundial e a decadência causada pela Depressão de 1929, a literatura americana voltou sua atenção aos povos marginalizados.

A história de *As vinhas da ira* inicia com Tom Joad retornando para a fazenda dos pais em Oklahoma após passar quatro anos na prisão. No longo caminho para casa, Tom encontra Jim Casy – um antigo pregador da cidade que se mostra em conflito com a própria espiritualidade – e os dois decidem seguir viagem juntos. No entanto, ao alcançarem a casa de Tom, eles a encontram vazia. Enquanto procuram entender o que aconteceu, um dos antigos vizinhos de Tom, Muley, aparece na casa. Através de Muley, Tom descobre que sua família perdeu as terras para o banco e que todos foram até a casa de seu tio John para se preparar para partirem para o estado da Califórnia em busca de emprego.

Muley se recusa a ser desalojado de suas terras, independentemente de sua família ter decidido ir para a Califórnia sem ele, que passa a viver clandestinamente entre os campos e as casas vazias de seus antigos vizinhos, remoendo as memórias que criara entre seus conterrâneos. Solitário e consternado com a situação em que vive, Muley monologa sobre a importância daquele espaço para Tom e Casy quando estes o encontram:

“[...] as casas todas escuras, em pé como miseráveis caixas sujas, mas tinha boas festas e danças. E tinha reuniões e louvores. Tinha casamentos, tudo naquelas casas. E daí eu queria ir pra cidade e matar pessoas. Por que o que eles levaram quando despejaram as pessoas da terra? O que eles tiraram para que sua ‘margem de lucro’ ficasse segura? Eles conseguiram meu pai morrendo no chão, e Joe gritando pela primeira vez, e eu me sacudindo como um bode nos arbustos a noite. O que eles conseguiram? [...] O lugar onde o povo mora é o próprio povo. Eles não estão inteiros, solitários na estrada em

um carro empilhado. Eles não estão mais vivos.”¹¹ (STEINBECK, 2011, p. 60)

Essa fala de Muley, ainda no começo da obra, sintetiza o futuro dos Joads: com a perda do vínculo com suas memórias, os Joads se dispersam pelo caminho, alguns sozinhos, tentando reconstruir uma identidade. É a importância do espaço e do seu passado que Muley percebe antes das outras personagens, antes mesmo de sua família. Mas ele não pôde impedir que sua esposa e seus filhos partissem para Califórnia. Em contrapartida, o estado de abandono em que Muley se encontra, tendo que se esconder das autoridades – que protegem a terra em nome dos novos donos do poder –, tendo que dormir no meio de plantações e sobreviver da pouca caça que consegue capturar durante o dia, também não é uma opção digna pelos próprios termos que ele estabelece. Pela figura de Muley, a personagem que decide permanecer em suas terras torna-se uma figura marginalizada em seu próprio território, passando por um processo de desenraizamento semelhante ao que acontece com os Joads.

No dia seguinte, Tom e Casy chegam à casa do tio John e lá encontram todos os integrantes da família de Tom: seus pais; seus avós; seu tio; seu irmão mais velho, Noah; seu irmão mais novo, Al; sua irmã Rose of Sharon, grávida, e o cunhado, Connie; e seus irmãos caçulas, Ruthie e Winfield, ainda crianças. O sentimento inicial é de esperança. Os campos idílicos, com árvores carregadas de laranjas e uvas, fermentam os sonhos dos mais velhos – a abundância de campos não acometidos pela seca e pelos ventos arenosos característicos do *dust bowl*. Rose of Sharon vê o futuro com as lentes de uma mãe de primeira viagem, planejando a carreira do marido, um enxoval para o primogênito, um carro e uma casa na cidade. Al, lutando para provar sua independência e masculinidade, tem duas preocupações: carros e namoradas. Cada integrante se mostra preocupado com sua própria expectativa individual para o futuro; com exceção da matriarca.

A mãe de Tom expressa um único desejo: o de que a família permaneça unida. Ela sabe como lidar com as frustrações do marido e com as necessidades dos filhos; ela percebe o coletivo antes de tudo. Em uma das situações em que a família se vê em uma encruzilhada e os homens, vistos como chefes e, portanto, os que tomam as decisões, decidem dividirem-se em dois grupos temporariamente para agilizar o conserto do carro, a mãe se revolta contra o esposo,

¹¹ “[...] an’ the houses all dark, standin’ like miser’ble ratty boxes, but they was good parties an’ dancin’. An’ there was meetin’ s and shoutin’ glory. They was weddin’ s, all in them houses. An’ then I’d want to go in town an’ kill folks. ’Cause what’d they take when they tractored the folks off the lan’? What’d they get so their ‘margin a profit’ was safe? They got Pa dyin’ on the groun’, an’ Joe yellin’ his first breath, an’ me jerkin’ like a billy goat under a bush in the night. What’d they get? [...] Place where folks live is them folks. They ain’t whole, out lonely on the road in a piled-up car. They ain’t alive no more.” (T.N.)

pegando em uma arma improvisada e se recusando a deixá-los seguir caminhos diferentes. Ela, sempre submissa à natural ordem familiar, resiste:

Os olhos de todos da família se voltaram à mãe. Ela era o poder. Ela havia tomado o controle. “O dinheiro que ganharíamos não serviria para nada,” ela disse. “Tudo o que temos é a família intacta. Como um bando de vacas, quando os lobos estão caçando, ficam todas juntas. Eu não tenho medo enquanto estivermos todos aqui, tudo o que for vivo, mas eu não irei ver-nos quebrar.”¹² (STEINBECK, 2011, p. 198)

A matriarca é a resistência contra o afrouxamento dos laços familiares que, independentemente de sua resiliência, não é o suficiente para impedir que isso aconteça. Assim, com a saída dos Joads de Oklahoma, os primeiros a sofrerem com o distanciamento da terra natal são os avós de Tom. O avô, inicialmente animado com a viagem, muda de ideia momentos antes de iniciá-la. Tom e seus pais não veem outra solução além a de dopá-lo com calmante e levá-lo à força para a Califórnia; ao pararem a noite para descansarem, o velho sofre um derrame, morre, e é enterrado ilegalmente na beira da estrada. A saúde da avó começa a se deteriorar.

Ao se pôr na rodovia que corta os estados-unidos em direção à terra prometida, os Joads se juntam a milhares de famílias que buscam por novas oportunidades no Oeste:

A Rota 66 é o caminho de um povo em fuga, refugiados da poeira e da terra cada vez menor, do trovão dos tratores e da propriedade que se reduzia, da lenta invasão do deserto para o norte, dos ventos sinuosos que saem do Texas, das enchentes que não trazem riqueza alguma para a terra e roubam a pouca riqueza que existe.¹³ (STEINBECK, 2011, p. 137)

A partir da narrativa, é uma migração por sobrevivência, e a rota 66 é a ponte que conecta a terra decadente e a terra prometida. A estrada é um espaço em si, ocupando uma porção considerável da narrativa e que molda os integrantes das famílias em fuga de forma a ajustar suas expectativas e reduzi-los a “okies”. Um período de transição para os Joads, que encaram a perda de membros do núcleo familiar e a situação de migrantes no decorrer de todo o romance.

¹² The eyes of the whole family shifted back to Ma. She was the power. She had taken control. “The money we’d make wouldn’t do no good,” she said. “All we got is the family unbroke. Like a bunch a cows, when the lobos are ranging, stick all together. I ain’t scared while we’re all here, all that’s alive, but I ain’t gonna see us bust up”. (T.N.)

¹³ “66 is the path of a people in flight, refugees from dust and shrinking land, from the thunder of tractors and shrinking ownership, from the desert’s slow northward invasion, from the twisting winds that howl up out of Texas, from the floods that bring no richness to the land and steal what little richness is there.” (T.N.)

A viagem é cansativa. Os Joads encontram outras famílias e o sentimento é de respeito: eles são da mesma terra, estão na mesma situação, então quando o carro de um quebra, os outros ajudam com o conserto; quando um deles está doente, outras famílias cedem sua tenda para que ele descanse. São pequenas comunidades que se formam com cada parada no meio da rodovia. Em uma dessas paradas, Noah decide partir, deixando para Tom o encargo de comunicar sua partida a família.

Quando chegam à Califórnia, a mãe conta para todos que a avó havia morrido dias atrás, mas, como ela sabia que eles tinham urgência em chegar e começar a trabalhar, ela guardou segredo até atravessarem o deserto. Assim, antes mesmo de chegarem na tão sonhada terra, três integrantes da família se desprendem do grupo inicial.

No caminho, em outros acampamentos ao lado da estrada, a família é avisada sobre o que encontrarão ao chegarem ao seu destino. Sobre a exploração trabalhista e o ódio explícito aos “Okies”, que são alvo da fiscalização frequente e agressiva dos policiais. Os locais de parada são supervisionados por algum oportunista que cobra a estadia. Durante um desses pontos de encontro, Tom conhece um homem que estava fazendo o caminho contrário, voltando de Califórnia para casa, pois preferia morrer de fome entre os seus do que morrer de fome cercado por desconhecidos; ele é quem explica o termo “Okie” para Tom:

“Bom, Okie costumava significar que você vinha de Oklahoma. Agora significa que você é um filho-da-puta sujo. Okie significa que você é escória. Não significa nada em si, é o jeito que eles falam.”¹⁴ (STEINBECK, 2011, p. 241)

A naturalidade dos imigrantes passa a ser motivo de suspeita por parte dos locais pois, de acordo com essa mesma personagem, os locais têm direito às terras, mas não as usam e, sabendo da força gerada pela fome, têm medo dessa massa miserável que pode tomar suas posses. Tom se sente continuamente injustiçado ao presenciar essas cenas de exploração por parte dos policiais e proprietários californianos.

Ao chegarem ao seu destino os Joads se deparam com os *squatters' camps*, espaços em que os migrantes se reuniam para montar suas barracas e fixar moradia. Como explica Steinbeck em um de seus artigos esse acampamento “fica localizado nas margens de um rio, próximo a uma vala de irrigação ou em uma estrada lateral onde há água de nascente. À distância, parece um lixão da cidade, e pode ser, pois os lixões da cidade são as fontes do material do qual é

¹⁴ “Well, Okie use’ ta mean you was from Oklahoma. Now it means you’re a dirty son-of-a-bitch. Okie means you’re scum. Don’t mean nothing itself, it’s the way they say it.” (T.N.)

construído.”¹⁵ (STEINBECK, 1988, n.p.). No primeiro acampamento em que os Joads param, um homem aparece oferecendo serviço de colheita às famílias – precisariam apenas acompanhá-lo. Um migrante, Floyd, pede quanto será pago, mas o homem se recusa a colocar um preço no contrato. Floyd, já tendo experienciado como esses negociantes enganam os migrantes – levando-os à propriedade e pagando metade do preço proposto –, se irrita e expõe as intenções do homem aos outros integrantes do acampamento. Um policial aparece e, juntamente ao negociante, chama Floyd de ‘vermelho’ e ameaçam levá-lo para a cadeia. Tom e Casy intervêm e tentam ajudar Floyd, no meio da confusão o policial pega sua arma e atira desajeitadamente, acertando uma mulher na mão. Quando o reforço chega, Casy se entrega e é levado para a custódia. Tom expõe sua frustração e sentimento de impotência para a mãe, “[...] Mas, Jesus Cristo, mãe, chega uma hora que o único jeito que um cara consegue manter a decência é dando uma bordoadada em um oficial. Eles estão acabando com a nossa decência.”¹⁶ (STEINBECK, 2011, p. 328). Casy, ainda que não fizesse parte da família por laços de sangue, teve o papel de conselheiro desde o início da jornada de Joad. Através de suas conversas e monólogos com a família, Tom passa a entender a força de estar em grupo e lutar por uma causa em comum.

Outra perda nesse período foi a de Connie. Este, vendo o quão difícil a situação estava no novo estado, percebeu que os planos que havia traçado com Rose of Sharon de estudar e ganhar sua independência financeira e familiar estavam fora da realidade. Assim, no mesmo dia da confusão com Floyd, Connie saiu andando e abandonou a esposa grávida.

Com medo da polícia voltar ao acampamento e se vingar pelo ataque ao policial, os Joads seguem viagem e chegam a um alojamento governamental. Após semanas viajando em condições deploráveis, eles encontram um ambiente limpo, com lavatórios e uma comunidade unida para poder se estabelecer. Esses alojamentos foram muito elogiados pelo próprio autor durante suas viagens, sendo um dos poucos projetos governamentais postos em ação para abrigar e fornecer ajuda aos imigrantes – no entanto, eram pouco numerosos, constantemente atacados pelos locais, e não ficaram abertos por muito tempo. Os Joads tentam encontrar emprego nas proximidades desse alojamento, mas não encontram trabalho por mais de um mês, por isso se veem forçados a continuar a viagem até encontrarem alguma oportunidade.

¹⁵ “It is located on the banks of a river, near an irrigation ditch or on a side road where a spring of water is available. From a distance it looks like a city dump, and well it may, for the city dumps are the sources for the material of which it is built.” (T.N.)

¹⁶ “[...] Why, Jesus Christ, Ma, they comes a time when the on’y way a fella can keep his decency is by takin’ a sock at a cop. They’re workin’ on our decency” (T.N.)

Eles chegam então à cidade de Tulare, na Califórnia, e são contratados para colher pêssego a 5 centavos por caixa. A família é escoltada pela polícia estadual, juntamente com outros trabalhadores enquanto homens gritam e acenam aos recém-chegados. Os novos contratados não entendem o motivo da escolta e da gritaria. Todos começam a trabalhar imediatamente na colheita, inclusive as crianças, mas ainda assim não é o suficiente para alimentar toda a família em uma única refeição. Após o primeiro dia de colheita, Tom decide atravessar os limites do rancho e encontra com Jim Casy, que está liderando uma greve contra os proprietários de pomares de pêssego que querem pagar dois centavos e meio por caixa. Tom descobre que à sua família está sendo pago cinco centavos por estarem quebrando a greve, mas que, assim que os proprietários expulsarem os grevistas, eles coagirão os novos trabalhadores a aceitarem metade do que estão recebendo. Casy suplica a Tom para falar com os que estão no campo:

“Tente falar pra eles, Tom. Eles vão receber dois e meio, assim que estivermos ido embora. Você sabe o que dois e meio é—isso é uma tonelada de pêssegos colhidos e carregados por um dólar.” Ele abaixou a cabeça. “Não—você não pode fazer isso. Você não pode comprar sua comida por isso. Não pode comer por isso.”¹⁷ (STEINBECK, 2011, p. 452)

Tom diz que tentará, mas que provavelmente não conseguirá convencê-los a se juntar aos grevistas: estão todos com fome, e finalmente, conseguiram comprar mantimentos para saciar a fome de dias/semanas na estrada. Tom reitera que, por mais que seja pouco, ao menos agora eles possuíam alguma renda, os trabalhadores colhendo pêssegos provavelmente não deixariam de receber os 5 centavos por caixa para voltar a não receber nada.

Enquanto os homens conversam, as autoridades surgem, procurando por Casy, o suposto líder da greve. Levado pelos preconceitos e ódio contra os migrantes e todo e qualquer sinal de rebelião, um dos homens golpeia Casy na cabeça, matando-o. Sem pensar, Tom começa a bater no assassino de Casy. Os outros homens intervêm e, na briga, quebram o nariz de Tom. Ele escapa, mas é perseguido pelos oficiais. Com o rosto inchado e claros sinais de alteração, Tom é forçado a se esconder com a ajuda da família. No dia seguinte, os Joads fogem e seguem na estrada até encontrarem trabalho coletando algodão. Tom deixa a família para continuar o trabalho de Casy, tomando para si um papel de resistência:

“[...] Onde quer que tenha uma luta para que pessoas com fome possam comer, estarei lá. Onde quer que tenha um policial espancando um cara, estarei lá.

¹⁷ “Try an’ tell ’em, Tom. They’ll get two an’ a half, jus’ the minute we’re gone. You know what two an’ a half is—that’s one ton of peaches picked an’ carried for a dollar.” He dropped his head. “No—you can’t do it. You can’t get your food for that. Can’t eat for that.” (T.N.)

[...] E quando nosso povo comerem as coisas que cultivam e morarem nas casas que constroem—ora, eu estarei lá.”¹⁸ (STEINBECK, 2011, p. 495)

Com a finalização do cultivo de algodão, chega o período de chuvas, período em que não há o que colher, com o que trabalhar. Três meses sem receber.

Al se casa com uma moça de 16 anos e, como de costume, é agregado ao núcleo familiar da esposa. Na noite em que Rose of Sharon entra em trabalho de parto, o rio ameaça inundar o vagão em que estavam abrigados. O pai, tio John, Al e o resto dos homens tentam construir um aterro para conter o rio, mas não obtêm sucesso. O bebê de Rose of Sharon nasce morto.

Depois de alguns dias, a chuva diminui. Deixando Al e sua família, os Joads restantes abandonam o vagão para terrenos mais altos. Eles encontram abrigo em um antigo celeiro, já ocupado por um menino e seu pai faminto. A criança diz aos Joads que seu pai não come há seis dias e é incapaz de comer alimentos sólidos. Rose of Sharon o amamenta, como a um bebê, com o leite materno que não é mais necessário para próprio filho. Os outros deixam o celeiro enquanto ela amamenta e embala o moribundo no peito.

A narrativa de *As vinhas da ira* tem por foco a trajetória da família Joad; mas, a cada capítulo, o narrador põe de lado essas personagens para fazer descrições de cenas alegóricas de uma sociedade que se deteriora gradativamente: são as tempestades de areia que secam e destroem as plantações e, assim, a vida de seus habitantes; a família de fazendeiros recebendo a ordem para desocuparem a terra de um anônimo dentro de um carro, um estrangeiro que não faz parte daquele lugar, mas tem domínio sobre ele; as famílias de migrantes criando pequenas comunidades no caminho para a Califórnia, em uma busca desesperada pela vida em comunidade que foi deixada para trás. Essas cenas não têm personagens palpáveis, humanos, pois ocorreram em diferentes cidades, em diferentes momentos, com famílias distintas. No entanto, a representação é a mesma, é concretizada na história da família Joad, e toma forma nas desavenças encontradas pelos seus integrantes.

¹⁸ “[...] Wherever they’s a fight so hungry people can eat, I’ll be there. Wherever they’s a cop beatin’ up a guy, I’ll be there. [...] An’ when our folks eat the stuff they raise an’ live in the houses they build—why, I’ll be there.” (T.N.)

3 O PROCESSO DE DESENRAIZAMENTO E A DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR

Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (WEIL, 2001, p. 43)

Raízes são metáforas universais. Tê-las é se identificar como um ser vivo, social, que interage com seu ambiente. É mais do que simplesmente habitar a mesma casa por anos; é construir elos com os elementos que integram seu canto no mundo. Um móvel que foi passado de geração a geração, o jardim em que ocorriam as brincadeiras infantis, a padaria da esquina onde trabalhava uma pessoa querida. Desses elos, o indivíduo pode formar seu próprio entendimento de moralidade, do que é ser um ser humano digno, um cidadão presente e ativo da sociedade. A partir da comparação, e especialmente do contraste, entre o *eu* e os outros membros da família, de vizinhos e conhecidos, esse indivíduo também assume sua própria identidade e pode construir sua história.

No meio espaço-tempo construtor de raízes familiares, que passam de uma geração a outra, a casa é uma relíquia. Através das memórias carregadas pelos objetos, pela mobília, pelos cômodos do lar, o passado continua vivo, formando o presente e dando esperança de continuidade para o futuro. Em um estudo sobre as memórias em cidades paulistanas, Ecléa Bosi (2003) escreve que:

As histórias de vida muitas vezes decorrem em sobrados de pequena classe média que não merecem tombamento porque lá não morou nenhum barão, mas foram adquiridos com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos: a máquina de costura a um canto da sala, a TV redimida por uma toalha de crochê, os gerânios... Salas onde a gente ficaria um século escutando, onde as meias paredes filtram conversas, exercícios de piano, a água correndo, a canção dominical (se faz sol). (p. 74)

Para o ser humano comum, possuir uma moradia é uma conquista, pelo investimento de mantê-la, pelo trabalho duro que demanda dos moradores – especialmente no meio rural, em que normalmente foram os donos, ou seus familiares, que a construíram. Os momentos passados em isolamento, os momentos passados em família, as perdas e as conquistas, sonhos perdidos e amores adolescentes; um *lar* carrega essas recordações para cada um de seus moradores. Naturalmente, a partida terá sua carga de emoções, sejam elas dolorosas ou nostálgicas; um rito de passagem, uma busca por independência, uma experiência natural de ser humano. E quanto o rompimento forçado? Quando não se sente a necessidade de deixar a casa querida, mas não

há outra opção além da de abandoná-la? O que se pretende nesse capítulo é analisar como esse é o estopim do processo de desenraizamento para as famílias de *A bagaceira* e *As vinhas da ira*.

O que se propõe nesse trabalho é o estudo da personagem em diálogo com seu espaço, primeiramente o natural, com o qual se identifica, o qual não deseja deixar, e depois com o espaço novo, para o qual se muda e tenta se reinstalar, se “re-enraizar” enquanto migrante – ou seja, um indivíduo previamente enraizado, portador de raízes prévias e, portanto, de uma cultura própria. Os transtornos que as levam a decidir migrar, a procura por estabilidade e as frustrações com o espaço para o qual se mudam são etapas de um “processo de desenraizamento”. Tal processo é motivado pela obrigação para com a família, o instinto dos chefes do núcleo familiar de proteger os seus e de garantir sua sobrevivência; no entanto, é exatamente esse elemento, a família, que se desintegra à medida que o desenraizamento se concretiza: para os retirantes em *A bagaceira*, o engenho de Marzagão é onde Valentim é preso por matar o feitor e a inocência de Soledade é violada e ela precisa criar o filho bastardo sozinha, e para os *okies* d’*As vinhas da ira*, Califórnia é onde seus sonhos se mostram irrealizáveis, e a família numerosa se encontra com apenas metade dos integrantes que partiram de Oklahoma.

Nesse capítulo, são apontadas as bases teóricas em que o processo de desenraizamento se fundamenta e é realizada a análise dos romances a partir dessa perspectiva. Primeiramente, uma apresentação dos conceitos de personagens e do espaço, ensaiando a importância de seu estudo para a literatura. Em segundo, como as personagens compõem o próprio núcleo familiar, ou seja, seu papel dentro da organização interna da família. E, por fim, o que se entende por desenraizamento, a teoria do exílio e da solidão sobre aqueles que são forçados a romper com sua terra, e o resultado desse processo nas obras *A bagaceira* e *As vinhas da ira*.

3.1 A personagem e o espaço

Antes de situar o que seria o processo de desenraizamento, é necessário entender a importância de se estudar a personagem em relação ao espaço na Literatura. A interdisciplinaridade entre os estudos literários e os campos de estudo do espaço – sejam os concretos, como a arquitetura, ou os do mundo das ideias, como a fenomenologia – torna-se cada vez mais relevante uma vez que se percebe o quanto o espaço pode ser um elemento estruturante de grande utilidade para a compreensão da personagem e da narrativa.

As personagens compõem um dos polos principais de análise, uma vez que o “enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo.” (CANDIDO, 1992, p. 53).

Assim como as personagens não existiriam fora do romance, a história delas depende para mover a trama, representando os temas que são propostos pelo livro. Elas também personificam os relatos de milhões de indivíduos reais que habitam nosso mundo e que passam por situações como as discutidas no capítulo anterior. Sendo este um estudo literário, a caracterização dessas personagens depende “[...] da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior” (CANDIDO, 1992, p. 75). A coerência da personagem na trama em que está inserida é elemento essencial na caracterização de verossimilhança do romance; o contexto histórico é, portanto, importante para uma melhor compreensão da obra, mas para a análise a ser feita, a personagem será entendida a partir de como ela se posiciona em relação aos elementos internos dos livros. Sobre a caracterização da personagem no estudo literário:

Portanto, originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a *vida* da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, idéias [sic]. (CANDIDO, 1992, p. 75)

Ou seja, é a personagem na sua interação com o restante dos elementos internos que será nosso objeto de análise, composto pelas personagens que foram apontadas previamente como trabalhadores migrantes: os sertanejos, no romance brasileiro, e os Joads, no romance norte-americano. A maneira com que Valentim fala do sertão, as interações dos Joads com os californianos, o ressentimento dos mais velhos de terem que recomeçar em uma terra alienígena aos seus costumes. Tais são as interações das personagens com o que as cercam, assim elas se constroem e montam sua história.

Esses diálogos podendo ocorrer entre indivíduo e elementos naturais. Por exemplo, quando Valentim conta de suas experiências no sertão para o feitor e o filho do senhor de engenho, muito se entende de sua personalidade, de como ele se identifica com os valores de sua terra. O mesmo pode ser dito dos seus maneirismos em relação aos elementos ao seu redor: “Para Valentim o relâmpago riscado na treva compacta era o nuncio do inverno sertanejo, a promessa de retorno à sua terra.” (ALMEIDA, 1981, p. 30). O relâmpago sinalizava o início das chuvas e, subsequentemente, do verão – conhecido também como inverno no sertão –, uma esperança de retorno ao lar.

Em contrapartida, enquanto Valentim lembra de um passado de pertencimento, em *As vinhas da ira*, a mãe Joad lida com o abandono de suas memórias. Ainda em Oklahoma, após organizar os objetos essenciais para a viagem (roupas, panelas, colchões), ela se senta no quarto e, com calma abre uma caixa contendo cartas, recortes de jornal de quando o filho Tom foi

mandado para a prisão e pequenas joias. É uma cena curta e essencial no entendimento de uma mãe de família que é, por sua posição social como mulher, encarregada de preservar a unidade familiar. “Por um longo tempo ela segurou a caixa, examinando-a, e seus dedos perturbaram as cartas e depois as realinharam novamente. Ela mordeu o lábio inferior, pensando, lembrando.”¹⁹ (STEINBECK, 2011, p. 126). A mãe Joad é a personagem que mais se preocupa em manter a família unida. Sua decisão de levar apenas os objetos de valor e queimar os papéis que simbolizavam suas lembranças, memórias das vidas que habitaram seu canto do mundo, é a transição pela qual sua família está passando: a importância dada ao valor monetário, à praticidade capitalista, em detrimento de valores tradicionais e familiares.

Ainda no romance norte-americano, temos o monólogo de Muley: a personagem percebe a terra como um mundo de memórias vívidas da morte de seu pai, do nascimento de seu filho, do dia em que teve a primeira relação sexual. Seu vínculo com o espaço é importante para ele, pois suas raízes foram construídas a partir da sua *participação* na comunidade em que cresceu. Esses laços podem ser formados através dos elementos que complementam o espaço, assim como visto no exemplo anterior da mãe Joad.

Uma carta, uma foto, um chapéu antigo, uma pena; são itens pequenos e aparentemente sem grande utilidade, mas que carregam uma significação além do seu uso primário – afinal, “[...] os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória” (BOSI, 2013, p. 167). As famílias rurais, ao partirem de Oklahoma, precisam queimar esses objetos, não tendo como levá-los no carro.

Como podemos viver sem nossas vidas? Como saberemos que somos nós sem nosso passado? Não. Deixe. Queime. Eles sentaram e olharam para tudo e gravaram em suas memórias. Como será não saber que terreno fica do lado de fora da porta? E se você acordar no meio da noite e souber—e souber que o salgueiro não está lá? Você pode viver sem o salgueiro? Bem, não, você não pode. O salgueiro é você. A dor naquele colchão ali—aquela dor terrível—é você.²⁰ (STEINBECK, 2011, p. 103)

A árvore faz parte do cenário cotidiano, do lar habitado, e interage com o todo do espaço para formar o canto do mundo da personagem. Entre outros elementos que são marcados pela

¹⁹ “For a long time she held the box, looking over it, and her fingers disturbed the letters and then lined them up again. She bit her lower lip, thinking, remembering.” (T.L.)

²⁰ “How can we live without our lives? How will we know it’s us without our past? No. Leave it. Burn it. They sat and looked at it and burned it into their memories. How’ll it be not to know what land’s outside the door? How if you wake up in the night and know—and know the willow tree’s not there? Can you live without the willow tree? Well, no, you can’t. The willow tree is you. The pain on that mattress there—that dreadful pain—that’s you.” (T.L.)

sua vivência, pequenos lembretes de sua historicidade, que são destruídos. A dor imaginada do colchão atinge a família que se vê sem provas de ter habitado o próprio canto do mundo.

Portanto, pode-se afirmar que as personagens, consciente ou inconscientemente, interagem com os elementos a sua volta que compõe o espaço. Através das interações, o leitor consegue caracterizar aquele indivíduo, entende-o à medida que ele habita o cenário em que é inserido.

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo está. (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2019, p. 68)

O que está se propondo com esta pesquisa é, portanto, o estudo do sujeito *em contraste* com o meio, com a sua casa, com sua comunidade, com seu canto no mundo, pois essa análise facilitará uma leitura da personagem em seus diferentes estágios dentro da narrativa. Os romances aqui estudados permitem que se faça esse estudo uma vez que foram escritos em períodos historicamente relevantes para o enredo – como já foi abordado no capítulo anterior. O contraste de Valentim e o sertão, e Valentim e o engenho são pontos extremos da caracterização desse indivíduo; assim como os Joads em Oklahoma, e os Joads na Califórnia. A intenção é que se perceba o sujeito em relação aos elementos que o envolvem, sejam esses elementos compostos por construções, por fatores naturais, ou mesmo por sinalizações temporais e/ou históricas; assim, o espaço é ativo no entendimento do objeto de análise aqui proposto.

Sobre o papel do estudioso do espaço, Borges (2007) afirma que tal estudo tem por objetivo abordá-lo por vários vieses, tecendo uma análise ampla que abranja pontos sociológicos e filósofos, a vida privada e social das personagens, entre muitas outras possibilidades.

Portanto, a topoanálise, tal qual a entendemos aqui, é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária. O topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos, etc. (p. 33)

Pode-se afirmar, portanto, que o espaço literário é um elemento ativo na narrativa, complexo por natureza, e não simplesmente o cenário em que as personagens são inseridas. Ele

molda a personagem, uma vez que ela deve responder aos estímulos que recebe uma vez inserida seja no sertão nordestino ou nas terras improdutivas do *dust bowl*, que ela responde ao ambiente hostil da Califórnia, que busca se diferenciar do brejo.

3.2 A família e a substituição de antigos sistemas

Além de simplesmente um grupo de pessoas conectadas através de laços de sangue, ou por carregarem o mesmo sobrenome, a família é uma entidade social e econômica fundamental. Com a realização da sua importância histórica, o indivíduo deixa de ser visto como um ser psicologicamente autônomo do mundo para ser lido como integrante dessa “unidade emocional” (MILLER, 1989, p. 8). Essa teoria, que teve como precursor o psiquiatra americano Murray Bowen, estabelece que os membros de uma família costumam assumir certos comportamentos de acordo com o que percebe de seus parentes. Por exemplo, uma vez que um indivíduo se vê com um problema pessoal, outro membro de sua família fica preocupado *por ele*, o que faria com que aquele intensificasse sua ansiedade em relação ao seu problema e assumisse uma posição de dependente – o ciclo continuaria, aprisionando ambos em uma relação interdependente de cuidador e de paciente a extremos que nenhum gostaria de assumir (KERR; BOWEN, 1988, p. 7-8). Isso será mais objetivamente relevante no entendimento da troca de papéis da mãe e do pai Joad, mas em termos gerais, isso significa que:

Se a família é uma unidade emocional, entretanto, as pessoas geralmente funcionam de maneiras que refletem o que está acontecendo ao seu redor. Elas têm pouquíssima autonomia em relação ao meio ambiente. Os pensamentos, sentimentos e comportamentos de cada membro da família, em outras palavras, contribuem e refletem o que está ocorrendo na família como um todo.²¹ (KERR; BOWEN, 1988, p. 9)

Como em uma cadeia, um reage aos sentimentos e atitudes de outro, que reage aos de um terceiro, e assim por diante. O indivíduo exercita sua influência sobre sua família, assim como seu comportamento é, muitas vezes, direcionado por ela – como qualquer sistema formado por microrganismos, em que se fala do funcionamento do *todo*, mas se entende que cada parte pode ser vista independentemente do resto, ainda que, para entender suas ações, seja necessário analisá-lo conjuntamente ao sistema que forma. Essas forças, relações emocionais

²¹ “If the family is an emotional unit, however, then people often function in ways that are a reflection of what is occurring around them. They have precious little autonomy from their environment. The thoughts, feelings, and behavior of each family member, in other words, both contribute to and reflect what is occurring in the family as a whole.” (T.L.)

que discursam entre os membros, são percebidas nos romances, na aceitação de uma nova ordem comunitária para os Joads, que leva Tom a seguir um caminho de luta proletária, e mesmo a mãe Joad a aceitar a partida dos filhos, uma vez que ela entende que o melhor para o seu povo era uma visão coletiva, de auxílio ao próximo e união dos trabalhadores. Em *A bagaceira*, há também uma mudança de ordem estrutural percebida na casa grande – uma transferência do tradicionalismo ou modernismo –, enquanto entre os retirantes o que se percebe é a decadência progressiva: com a perda de inocência de Soledade, o atentado de Pirunga e o assassinato cometido por Valentim. Em um primeiro momento, o fator do novo espaço sobre os retirantes teve grande influência nessa decadência da família de Valentim, mas pode-se apontar para o desvirtuamento de Soledade como o estopim desses eventos. Uma vez que Dagoberto a toma como amante, Pirunga e Valentim se veem responsáveis por “resolver o problema” – em uma visão tradicionalista do contexto em que viviam – e reagem.

Há uma série de relações interdependentes na complexidade da estrutura familiar, uma vez que o indivíduo interage de forma única com cada um dos outros membros de sua família, da mesma forma que eles dependem um do outro. Esse é um princípio de sobrevivência, que dita que cada um terá sua função em uma hierarquia, em grande parte, patriarcal. Em outras palavras, o pai da família será o provedor, a mulher a cuidadora, e os filhos se preparam para formar suas próprias famílias e dar sequência à linhagem e manter o padrão estrutural.

Pode-se ilustrar esse sistema organizacional com a imagem dos Joads momentos antes de partirem de sua fazenda. Em uma reunião familiar, cada um assume naturalmente sua posição: no centro, sobre o estribo do carro, senta o avô Joad. Ele possui, de fato, um cargo honorário, pois passou as responsabilidades da família para a próxima geração: “O Vovô ainda era o chefe titular, mas ele não governava mais.”²² (STEINBECK, 2011, p. 117). O pai Joad e o tio Joad se agacham de frente para o ancião, ocupando, juntos, o cargo de chefes da família: “Aquele era o núcleo”²³ (STEINBECK, 2011, p. 116). Depois, os filhos homens, Noah, Tom e Al, juntamente com o marido de Rose of Sharon, Connie, se posicionam ao lado dos outros dois: “e a linha era um semicírculo com o vovô na abertura”²⁴ (STEINBECK, 2011, p. 116). As mulheres – a avó, a mãe Joad e Rose of Sharon – ficam de pé ao redor do núcleo: “Elas tomaram seus lugares atrás dos homens agachados”²⁵ (STEINBECK, 2011, p. 116). Por fim, as duas crianças, que “[...] enfiavam os dedos dos pés na areia vermelha, mas não faziam

²² “Grampa was still the titular head, but he no longer ruled” (T.L.)

²³ “That was the nucleus” (T.L.)

²⁴ “and the line was a half-circle with Grandpa in the opening” (T.L.)

²⁵ “They took their places behind the squatting men;” (T.L.)

barulho.”²⁶ (STEINBECK, 2011, p. 116); muito jovens para integrar o círculo, ficam sob tutela das mulheres.

São três gerações dos Joads que buscam instintivamente seu lugar na organização familiar em que os homens tomam as decisões e trabalham em proximidade à terra, enquanto as mulheres se ocupam das atividades domésticas. Um símbolo da tradição hierarquizada e, por mais que natural para as personagens, têm sua decadência sinalizada pela figura infantilizada, quase patética, do avô: homem grisalho que, na ansiedade de ver Tom retornado da prisão, corria com o zíper das calças aberto e os botões das roupas íntimas desfeitos, o avô é descrito inicialmente como lascivo, cruel e impaciente, “[...] como uma criança frenética”²⁷ (STEINBECK, 2011, p. 90). A avó, ainda que uma figura mais séria, fervorosamente religiosa, se comporta como uma criança, ambos vivendo da competitividade um do outro – “Vovô e vovô correram um contra o outro para atravessar o amplo pátio. Eles lutavam por tudo, e amavam e precisavam da luta”²⁸ (STEINBECK, 2011, p. 90). A excitação dos dois provém do amor ao neto, e mesmo do desprendimento das regras de decoro que os de idade mais avançada conquistam, mas a comicidade que ambos representam é também o que se vê no sistema patriarcal que os Joads seguiam. Eles que, por precisarem ir ao banheiro com frequência durante a noite, vão dormir no estábulo para não perturbar as crianças, que implicam um com o outro constantemente; eles são o passado dos Joads.

Um último apontamento sobre a cena da reunião dos Joads. Os homens – com exceção do avô – se agacham na terra no centro do círculo. Tal a relação dos homens com sua propriedade, que a ação de se agachar, colocando-se em maior contato com o solo, é realizada nos momentos que demandam ponderação, reflexão, planejamento; especialmente em tempos difíceis, o patriarca da fazenda busca forças da sua conexão com a terra, não dos seus vínculos com a sociedade (MOTLEY, 2007, p. 55-56).

O novo sistema econômico, entretanto, não tem espaço para esse vínculo. A história do homem com a terra não justifica o atraso nos pagamentos da hipoteca. Novamente, temos um sinal da mudança da ordem, do sistema paternalista e hierárquico que é estrangulado por uma organização sem rosto. No começo do romance isso é estabelecido com a cena dos “bancos”, incorporados por seus funcionários, visitando as famílias em suas propriedades para avisá-las de que as hipotecas seriam encerradas e que deveriam se mudar. Os chefes da família se

²⁶ “[...] squidged their toes in the red dust, but they made no sound”. (T.L.)

²⁷ “[...] like a frantic child” (T.L.)

²⁸ “Granma and Grampa raced each other to get across the broad yard. They fought over everything, and loved and needed the fighting” (T.L.)

encontravam com os bancos, agachadas sobre a terra em que moravam e trabalhavam, e recebiam ordens de despejo. Eles queriam alguém com quem conversar diretamente, resolver o problema com um ser humano que pudesse se compadecer de sua situação e entender suas dificuldades, mas os funcionários falavam de um novo tipo de oposição: “O banco é algo mais do que homens, estou te dizendo. É um monstro. Homens o fizeram, mas eles não podem controlá-lo.”²⁹ (STEINBECK, 2011, p.39). Sem saber lidar com a desumanização dessa instituição, eles permanecem naquela posição, em silêncio, até descobrirem o que fazer.

Os homens se agachavam sob os calcanhares novamente para marcar a poeira com um graveto, para pensar, para ponderar. Seus rostos queimados de sol estavam escuros e seus olhos castigados pelo sol eram claros. As mulheres saíam com cautela das portas em direção aos homens, e as crianças se arrastavam atrás das mulheres, com cautela, prontas para correr. Os meninos maiores agachavam-se ao lado de seus pais, porque isso os tornava homens.³⁰ (STEINBECK, 2011, p. 40).

Nesse cenário, é o homem o líder da família, e quando se mostra desestabilizado, incerto do que fazer frente a uma situação que lhe é estranha, os outros membros ficam em suspensão. Afinal, como se combate algo que é descrito pelos próprios funcionários como “monstro”? Entretanto, é a nova ordem, a mecanização de algo que fugiu do controle do homem e, portanto, se afasta da humanidade, assumindo a complexão de um futuro mecanizado e cruel; assim como as máquinas que passam a trabalhar na terra que uma vez pertenceu a esse homem de família. Enquanto eles ponderavam, buscando uma maneira de sair daquela situação, “as mulheres continuaram com seu trabalho, mas não deixavam de assistir os homens agachados na poeira—perplexos e reflexivos.”³¹ (STEINBECK, 2011, p. 40). O homem assegura sua posição através do seu trabalho, mas enfrentando o desemprego e competição corrosiva entre os próprios trabalhadores, sua função é suplantada; enquanto a demanda pelos trabalhos da mulher – a organização do lar, o preparo da comida, o cuidar das crianças, entre outros – continua. Essa transformação é gradual, se intensificando à medida que os Joads desbravam o novo cenário

²⁹ “The bank is something more than men, I tell you. It’s the monster. Men made it, but they can’t control it.” (T.L.)

³⁰ “The tenant men squatted down on their hams again to mark the dust with a stick, to figure, to wonder. Their sunburned faces were dark, and their sun-whipped eyes were light. The women moved cautiously out of the doorways toward their men, and the children crept behind the women, cautiously, ready to run. The bigger boys squatted beside their fathers, because that made them men.” (T.L.)

³¹ “And the women went on with the work, but all the time they watched the men squatting in the dust—perplexed and figuring.” (T.L.)

californiano, e uma vez que “[...] os homens Joads mais velhos se afundam na ineficácia e no desânimo, a autoridade da família é transferida para a mãe Joad.”³² (MOTLEY, 2007, p. 57).

Já se falou da figura do avô Joad, como sua figura é a degradação do seu antigo sistema familiar, mas há duas outras personagens que vivem à margem da família e parecem não sentir os altos e baixos de sua situação com a mesma intensidade: o primeiro é Noah, que se afasta da família até mesmo por ser “diferente” e não se sentir amado da mesma forma que os irmãos: “Você sabe como é, Tom. Você sabe como os velhos são legais comigo. Mas não se importam comigo de verdade.”³³ (STEINBECK, 2011, p. 245); o segundo, é o tio John. Ele não se sente confortável com os adultos e prefere a companhia das crianças, e ele aceita a posição de poder relutantemente, pois não sente ser merecedor do título: “Se ele não tivesse 50 anos de idade, e portanto um dos líderes naturais da família, o tio John teria preferido não se sentar no assento de honra ao lado do motorista.”³⁴ (STEINBECK, 2011, p. 111). O tio John é um adulto infantilizado, assim como o avô, pela “irrelevância” familiar. Não garantiu sua linhagem, não sabe lidar com a pressão de tomar decisões pelo grupo e prefere seguir as ordens do casal. Ele se vê como um pecador, pois falhou com seu dever de proteger a própria família uma vez que se sente responsável pela morte da esposa. Nas palavras de Tom:

“Ele acha que é sua culpa que sua mulher morreu. Cara engraçado. Ele está o tempo todo fazendo as pazes com alguém—dando coisas para crianças, jogando um saco de comida na varanda de alguém. Dá tudo o que ele tem, e ele ainda não é muito feliz.”³⁵ (STEINBECK, 2011, p. 80)

O tio John segue uma vida quase celibatária, não se permitindo aproveitar pequenos prazeres cotidianos, de comer ou beber, até o momento que não consegue mais reprimir seus desejos e se deixa levar, comendo ou bebendo até passar mal. É um homem infeliz que se sente um impostor por ter quebrado sua obrigação como chefe de família. Quando Rose of Sharon entra em um trabalho de parto complicado e durante uma enchente, o tio John sofre ao pensar no próprio passado, na esposa que perdera:

“Como você sabe?” o tio John exigiu. “O que evita que tudo pare; todo mundo de apenas ficar cansado e deitar? ”

³² “[...] the older Joad men sink into ineffectiveness and despondency, family authority shifts to Ma Joad.” (T.L.)

³³ “You know how it is, Tom. You know how the folks are nice to me. But they don’t really care for me.” (T.L.)

³⁴ “Had he not been fifty years old, and so one of the natural rulers of the family, Uncle John would have preferred not to sit in the honor place beside the driver.” (T.L.)

³⁵ “He figures it’s his fault his woman died. Funny fella. He’s all the time makin’ it up to somebody—givin’ kids stuff, droppin’ a sack a meal on somebody’s porch. Give away about ever’thing he got, an’ still he ain’t very happy.” (T.L.)

A mãe considerou. [...] “Difícil dizer”, disse ela. “Tudo o que fazemos—me parece que é voltado a continuar em frente. Parece que é assim para mim. Mesmo ficando com fome—até mesmo doente; alguns morrem, mas o resto fica mais forte. Apenas tente sobreviver o dia, apenas o dia.”
Tio John disse, “Se ela não tivesse morrido aquela vez—”³⁶ (STEINBECK, 2011, p. 500).

No final, ele é quem é encarregado de enterrar o bebê da sobrinha e, num momento de referência bíblica à história de Moisés que foi abandonado no rio Nilo, enuncia “Vá e diga a eles. Desça a rua, apodreça e diga a eles dessa maneira. É assim que você pode falar. Nem sei se você era menino ou menina. Não vou descobrir. Desça agora, e deite-se na rua. Talvez então eles saberão.”³⁷ (STEINBECK, 2011, p. 528). Por meio das palavras do tio John ao final do romance, o natimorto assume o papel de mensageiro de seu povo, que sofre nas terras californianas. O tio John, que perdia a esperança com o passar dos dias, tomou as palavras da mãe Joad e pensou, naquele momento corroído de dor e de más lembranças, no cenário que o envolvia. De um homem que lutava contra a vontade de largar o trabalho e se afogar em álcool, apenas os olhos atentos do irmão e da cunhada mantendo-o na linha, ele assume um diálogo um pouco mais coletivo.

Tendo mencionado o impacto da mãe Joad, algumas considerações sobre uma das personagens de maior transição no romance. Uma mulher de idade, de cabelos grisalhos, de braços e pés fortes, mãos delicadas; resultado de uma vida de trabalho na fazenda e de criar seis filhos. Steinbeck apresenta uma personagem de força emocional tremenda, seus olhos pareciam “[...] ter passado por todas as tragédias possíveis e ter escalado dor e sofrimento como degraus para uma calma elevada e uma compreensão sobre-humana.”³⁸ (STEINBECK, 2011, p. 85). A mãe Joad é a figura da experiência e da sabedoria que vem com ela – diferente dos avôs, que parecem ter retornado à infância na velhice. Na imagem de estabilidade que a personagem oferece, ela quase deixa de ser simplesmente humana:

E uma vez que o velho Tom e as crianças não reconheciam dor ou medo a menos que ela reconhecesse dor e medo, ela havia praticado negá-los em si mesma. E desde então, quando algo alegre acontecia, eles procuravam ver se a alegria estava nela, era seu hábito criar risos com materiais inadequados. [...]

³⁶ “How can you tell?” Uncle John demanded. “What’s to keep ever’thing from stoppin’; all the folks from jus’ gittin’ tired an’ layin’ down?”/Ma considered. [...] “Hard to say,” she said. “Ever’thing we do—seems to me is aimed right at goin’ on. Seems that way to me. Even gettin’ hungry—even bein’ sick; some die, but the rest is tougher. Jus’ try to live the day, jus’ the day.” Uncle John said, “If on’y she didn’ die that time—” (T.L.)

³⁷ “Go down an’ tell ’em. Go down in the street an’ rot an’ tell ’em that way. That’s the way you can talk. Don’ even know if you was a boy or a girl. Ain’t gonna find out. Go on down now, an’ lay in the street. Maybe they’ll know then.” (T.L.)

³⁸ “[...] to have experienced all possible tragedy and to have mounted pain and suffering like steps into a high calm and a superhuman understanding.” (T.L.)

De sua posição como curadora, suas mãos se tornaram firmes e frias e silenciosas; de sua posição de árbitro, ela se tornara tão distante e infalível em julgamento quanto uma deusa. Ela parecia saber que se ela oscilasse, a família tremeria, e se ela algum dia realmente vacilasse ou se desesperasse, que a família cairia, a vontade de funcionar da família estaria perdida.³⁹ (STEINBECK, 2011, p. 85-86)

Seus esforços são de tal forma direcionados a sua família, que ela esquece de si mesma. Há, claro, muito a ser dito sobre o indivíduo que, na busca por trazer felicidade ou oferecer assistência aos que estão a sua volta, abandona seus próprios desejos e necessidades. As mulheres são especialmente colocadas nessa situação, um sintoma de uma sociedade que santifica os papéis de mãe e esposa enquanto acentua a sexualidade da mulher solteira; a incoerência não permite que se perceba a mãe como mulher que busca prazer ou felicidade próprios, a sua existência é condicionada ao cuidado dos filhos e do marido. À medida que a mulher é encarregada pelo bem-estar da sua família, “[...] também se aumentou a valorização do devotamento e do sacrifício feminino em detrimento dos filhos e da família, destacando-se no discurso médico e filosófico como *funções inerentes à natureza da mulher*.” (GARCIA, 2021, n.p., grifo nosso). Assim, a imagem reproduzida pela mãe Joad é de um corpo que se adaptou aos papéis que são associados, no mundo tradicional em que o gênero dita funções sociais, ao da mãe e da esposa, e de um indivíduo que não concebe sua existência fora de sua unidade emocional.

Ela assume sua posição de poder nesse sistema, sabendo que ele é restrito ao lar; os problemas externos ao núcleo familiar, como os bancos, são enfrentados por seu marido. É natural, portanto, que em um primeiro momento a principal preocupação da mãe Joad é ter sua família unida, pois é nela que ela pode exercer sua função de zelar pelos seus. É o que fala para Rose of Sharon, quando a menina confessa seus planos para quando Connie conseguir um bom emprego e uma casa “‘Não queremos que vocês vão pra longe da gente,’ ela disse. ‘Não é bom para gente se separar.’”⁴⁰ (STEINBECK, 2011, p. 192). A mãe só se tranquiliza quando percebe que os planos da filha são apenas sonhos, então o risco de acontecerem eram nulos.

Um momento que se mostra difícil para a mãe Joad manter sua posição de protetora, é no primeiro acampamento de migrantes que param. Ela faz uma refeição simples, a única do

³⁹ And since old Tom and the children could not know hurt or fear unless she acknowledged hurt and fear, she had practiced denying them in herself. And since, when a joyful thing happened, they looked to see whether joy was on her, it was her habit to build up laughter out of inadequate materials. [...] From her position as healer, her hands had grown sure and cool and quiet; from her position as arbiter she had become as remote and faultless in judgment as a goddess. She seemed to know that if she swayed the family shook, and if she ever really deeply wavered or despaired the family would fall, the family will to function would be gone. (T.L.)

⁴⁰ “‘We don’ want you to go ’way from us,’ she said. ‘It ain’t good for folks to break up.’” (T.L.)

dia, e percebe crianças famintas se reunindo silenciosamente ao redor da panela. Havia pouco mesmo para os filhos, ela não tinha como dividir a refeição.

A mãe balançou a cabeça. “Eu não sei o que fazer. Eu não posso roubar da família. Eu tenho que alimentar a família. Ruthie, Winfiel’, Al,” ela gritou ferozmente. “Peguem seus pratos. Se apressem. Vão para a tenda, rápido.” Ela olhou para as crianças que esperavam, um pedido de desculpas no olhar. “Não há o suficiente”, disse ela, humildemente. “Eu vou colocar essa chaleira aqui fora, e todos vocês vão conseguir um gostinho, mas não vai fazer nenhum bem a vocês.”⁴¹ (STEINBECK, 2011, p. 303)

Não é falta de empatia que a faz decidir se esconder para não ter que dividir a comida, longe disso. Ela sabe não ser o suficiente para todos e, tendo que pensar na família primeiro, ela faz a difícil decisão de recusar o pedido silencioso. Percebe-se que retirar do prato dos seus para dar a outro, seria roubar *da família*, não dela. Essas interações são parte de um quadro geral de transição da mãe Joad, pois até então era a família em primeiro lugar, a sociedade em segundo. A vida que eles levam na Califórnia, entretanto, fazem com que a mãe Joad perceba o valor da vida comunitária, como nem sempre a família conseguirá permanecer junta como costumava ser em Oklahoma; a sobrevivência, agora, depende da união dos trabalhadores. Ao final do romance, ela reconhece que “A família costumava vir primeiro. Não é assim agora. É qualquer um. Quanto pior a gente fica, mais temos que fazer.”⁴² (STEINBECK, 2011, p. 525).

A maior adaptabilidade da mãe, além de lhe assegurar a continuidade da própria família, é uma mensagem de esperança para o seu povo. E o rompimento com a ordem tradicionalista e patriarcal ocorre ainda na estrada, quando o carro quebra e os homens da família decidem que o melhor a fazer seria separar a família: parte seguiria para a Califórnia de carona com outros migrantes, enquanto o restante ficaria com o carro para concertá-lo. Assim que o plano é traçado, a mãe confronta o marido: “A mãe deu um passo na frente dele. ‘Eu não vou.’”⁴³ (STEINBECK, 2011, p. 197). A revolta pega todos de surpresa. O pai não reage com violência, mas com completa incredulidade; uma vez que os homens comandam um plano de ação, não caberia a esposa contrariá-lo: “Estou te dizendo, você tem que ir. Nós tomamos uma decisão.”⁴⁴

⁴¹ “Ma shook her head. ‘I dunno what to do. I can’t rob the fambly. I got to feed the fambly. Ruthie, Winfiel’, Al,’ she cried fiercely. ‘Take your plates. Hurry up. Git in the tent quick.’ She looked apologetically at the waiting children. ‘There ain’t enough,’ she said humbly. ‘I’m a-gonna set this here kettle out, an’ you’ll all get a little tas’, but it ain’t gonna do you no good.’” (T.L.)

⁴² “Use’ ta be the fambly was fust. It ain’t so now. It’s anybody. Worse off we get, the more we got to do.” (T.L.)

⁴³ “Ma stepped in front of him. ‘I ain’t a-gonna go.’” (T.L.)

⁴⁴ “I tell you, you got to go. We made up our mind.” (T.L.)

(STEINBECK, 2011, p. 197). A esposa não aquiesce e caminha até o carro para pegar algo com o que se defender.

A alavanca do macaco balançou avidamente para frente e para trás na mão da mãe. “Vamos”, disse ela. “Você se decidiu. Venha e me castigue. Tente. Mas eu não vou; ou se eu for, você nunca vai dormir, porque eu vou esperar e eu vou esperar, e assim que você dormir, eu vou te estapear com uma vara de lenha de fogão.”⁴⁵ (STEINBECK, 2011, p. 197)

O restante da família observava o casal: “Eles assistiam ao pai, esperando para que ele explodisse em fúria.”⁴⁶ (STEINBECK, 2011, p. 197). Pois eles ainda se seguravam nas raízes da tradição, da permissibilidade do chefe de família usar da violência para se ver respeitado. Mas o pai permanece quieto. “E a raiva do pai não apareceu, e suas mãos ficaram penduradas frouxamente ao lado de seu corpo. E logo o grupo soube que a mãe havia ganhado. E a mãe sabia também.”⁴⁷ (STEINBECK, 2011, p. 197). A força dessa cena está nas ações da matriarca, ela quem segura a arma, que modifica a ordem natural dos papéis familiares, que “ganha” não só do esposo, mas dos filhos homens que a cercam e não entendem sua revolta. Ela mesma não se reconhece quando percebe o macaco que segurava nas mãos.

O pai, o tio e Tom tentam convencê-la de que deveriam seguir em dois grupos para que alguns deles comesçassem a trabalhar, assegurando-a de que se encontrariam futuramente. Contra os três, ela quem decidiu o destino dos Joads. “Os olhos de toda a família se voltaram para mãe. Ela era o poder. Ela havia assumido o controle. [...] ‘Tudo o que a gente tem é a família unida. [...]’ Seu tom era frio e definitivo.”⁴⁸ (STEINBECK, 2011, p. 198). Saindo de Oklahoma, a organização patriarcal perde relevância na estrutura familiar dos Joads.

Assim, ela pôde chegar à decisão de que Tom precisava partir. O rapaz sabia que seria necessário se afastar da região em que havia matado um policial, mas a mãe, que reagira tão fortemente contra a ideia de seguir viagem em dois carros tanto tempo atrás, é a primeira a dizer que ele precisava ir embora. Quando ela conta ao marido o que ocorreu, ele reconhece, cansado e em um pessimismo profético, que é a mulher quem está liderando sua família.

⁴⁵ The jack handle flicked hungrily back and forth in Ma’s hand. “Come on,” said Ma. “You made up your mind. Come on an’ whup me. Jus’ try it. But I ain’t a-goin’; or if I do, you ain’t never gonna get no sleep, ’cause I’ll wait an’ I’ll wait, an’ jus’ the minute you take sleep in your eyes, I’ll slap ya with a stick a stove wood.” (T.L.)

⁴⁶ “They watched Pa, waiting for him to break into fury.” (T.L.)

⁴⁷ “And Pa’s anger did not rise, and his hands hung limply at his sides. And in a moment the group knew that Ma had won. And Ma knew it too.” (T.L.)

⁴⁸ “The eyes of the whole family shifted back to Ma. She was the power. She had taken control. [...] “All we got is the family unbroke. [...]” Her tone was cold and final.” (T.L.)

“Uma mulher consegue mudar melhor do que um homem,” a mãe disse suavemente. “Uma mulher tem toda sua vida em seus braços. Um homem a tem em sua mente. Não se preocupe. Talvez—bom, talvez ano que vem a gente arranje um lugar.”

“Não temos nada, agora,” o pai disse. “Faz um bom tempo—nenhum trabalho, nenhuma plantação. [...] Fico me afundando no passado pra não pensar. Parece que nossa vida acabou.”

“Não, não acabou,” a mãe sorriu. “Não acabou, pai. E isso é mais uma coisa que uma mulher sabe. [...]”⁴⁹ (STEINBECK, 2011, p. 499)

Em um estudo sobre a figura da mãe Joad em *As vinhas da ira*, Motley (2007) afirma que essa personagem representa uma passagem do patriarcado regente para o matriarcado, uma vez que ela passa a tomar decisões como quais trabalhos deveriam ser tomados, quando levantar acampamento, como lidar com a ameaça de Tom ser apreendido – decisões essenciais no rumo a ser tomado e que, tradicionalmente, recairiam sobre o pai Joad. De acordo com Motley, isso ocorre pois é a mãe quem está presente nos partos, no cuidado dos mortos, quem cuida dos doentes, quem apazigua os ânimos; esse contato com os diferentes estágios da vida lhe garante uma força mental que a poupa da depressão sofrida pelo marido: “A mãe Joad possui as qualidades psicológicas para governar a comunidade de sua família porque foi ela quem a deu à luz e a alimentou.”⁵⁰ (p. 59). Era dela o papel de *preservar* a unidade familiar, enquanto os homens se perdem na busca desesperadora por trabalho, até o momento que ela passa a visualizar o seu povo, os migrantes, como parte de sua família. Portanto, quando Al diz que não iria acompanhar os pais quando estes decidem buscar um local seco para Rose of Sharon descansar, ela reage sem a mesma aflição de antes: “A mãe sorriu. ‘Claro,’ ela disse. ‘Você fica aqui, Al. Tome conta das coisas. Quando a água baixar—ora, nós vamos voltar. [...]’”⁵¹ (STEINBECK, 2011, p. 531)

Em *A bagaceira*, o núcleo familiar dos retirantes é consideravelmente menor, e não há tal mudança na ordem interna de sua estrutura. Há, entretanto, uma transferência de um sistema antigo e ultrapassado para a modernização, percebida pelas representações de Dagoberto e Lúcio; como coloca Albuquerque Jr., *A bagaceira* “[...] aborda a transição entre duas sociabilidades: a patriarcal e a burguesa.” (2011, p. 156). Em primeiro lugar, os residentes da

⁴⁹ “Woman can change better’n a man,” Ma said soothingly. “Woman got all her life in her arms. Man got it all in his head. Don’ you mind. Maybe—well, maybe nex’ year we can get a place.” “We got nothin’, now,” Pa said. “Comin’ a long time—no work, no crops. [...] Go diggin’ back to a ol’ time to keep from thinkin’. Seems like our life’s over an’ done.” “No, it ain’t,” Ma smiled. “It ain’t, Pa. An’ that’s one more thing a woman knows. [...]” (T.L.)

⁵⁰ “Ma Joad possesses the psychological qualities to govern her family community because she has actually given birth to it and nurtured it.” (T.L.)

⁵¹ “Ma smiled. ‘Course,’ she said. ‘You stay here, Al. Take care of the stuff. When the water goes down—why, we’ll come back. [...]’” (T.L.)

casa grande são opostos: enquanto o pai não se comove com a miséria alheia – “E, como era de seu natural, o senhor de engenho não encarava essas figuras ressequidas. Talvez tivesse medo de comover-se.” (ALMEIDA, 1981, p. 7) –, o filho, de um sentimentalismo romântico, sente prazer em deixar suas emoções transparecerem.

E exercitava um dom de piedade, além dos limites humanos. Sua bondade pródiga, mal-empregada, desassossegava-se com o martírio trivial da seca que [sic] se reproduzia ciclicamente. [...] Era a satisfação de tirar do sofrimento alheio um motivo de alegria íntima, a consciência de ser bom. Um meio de esquecer a própria dor para sofrer a dor dos outros. (ALMEIDA, 1981, p. 12)

Há uma certa compensação emocional que o filho faz pelo pai. O leitor encontra Dagoberto em um momento de descanso, enquanto observa a massa de retirantes se aproximar do engenho com esperança de abrigo. Isso faz com que ele lembre da esposa, e que pense no amor que perdera: “Havia coisa de 18 anos, inveterava-se na viuvez desconfortada, por uma jura indiscreta: — Mas eu não encontro outra mulher assim...” (ALMEIDA, 1981, p. 6). Vivendo sozinho, se abstendo de amor, a lembrança do filho lhe é desconfortável: “Em vez de confortar-lhe o abandono, agravava-o, mais e mais, como uma sombra intrusa.” (ALMEIDA, 1981, p. 3). Esse homem que rejeita a presença do filho, talvez por associar ao rapaz a morte da esposa, que faleceu no parto, não é desprovido de sentimentos.

Na velhice, Dagoberto sente falta de ter alguém ao seu lado, em um “[...] período de vida em que o homem realiza o que sonhou, ele voltava a sonhar. Amor — pólvora que se acaba com a primeira explosão.” (ALMEIDA, 1981, p. 5). Percebe-se que o entendimento do senhor de engenho sobre amor é algo brusco, que “explode” em um movimento e se acaba. A forma como ele encara a vida é simples em conceito, uma vez que ele vive de pequenas explosões de atividade; ele é, inclusive, inicialmente introduzido como homem que vivia “[...] entre trabalhadoras e ócios, como o homem-máquina destas terras que ou se agita resistentemente ou, quando para, para mesmo, como um motor parado.” (ALMEIDA, 1981, p. 3). Nessa mecanicidade de espírito, de tomar o que deseja, ele viola Soledade subitamente. Mais besta que homem, fica à espreita enquanto a moça se banhava. Quando ela percebe que o senhor de engenho estava a observando, se desespera e tenta fugir, mas Dagoberto a domina; o “[...] pudor de energia selvagem só se renderia pela volúpia da submissão. Só cederia à investida bestial, à posse, às carreiras, dos instintos animais.” (ALMEIDA, 1981, p. 101).

Dagoberto trata todos com brutalidade, o mesmo jeito rude com que trata a família, a amante e os funcionários. Quando Valentim chega ao engenho, decidem tomar um barraco de um dos empregados, Xinane, para que os retirantes se alojem mais confortavelmente, e mandam

Xinane para morar na estrebaria. Xinane, funcionário antigo e leal do Marzagão, vai reclamar com o senhor de engenho, mas “Dagoberto não quis saber de mais nada: — Pois, por ali, cabra safado! Você não nasceu pra estrebaria que é de cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!” (ALMEIDA, 1981, p. 8). Suas ações parecem desprovidas de empatia. Quando seu engenho entra em fogo morto, ele decide usar fogo no boi para fazer com que ele retornasse a se mexer: “A moagem parada. Dagoberto não tivera dúvida: amontoara a palha seca debaixo da barriga do chamurro empacado e tocara fogo. Queria ver se não puxava. Era para amansar...” (ALMEIDA, 1981, p. 42). O animal, chorando de desespero, volta a caminhar; mas quanto mais o maltratavam, “[...] menos o chamurro acertava andar à roda.” (ALMEIDA, 1981, p. 43). O que ele consegue à base do medo e da violência não melhora sua situação: seu engenho continua tendo problemas, o filho se afasta, e, por mais que tenha conseguido estabelecer algum tipo de relação com Soledade, ela não substitui a falecida esposa – como confessa ao filho “Eu profanei a memória de tua mãe, mas foi tua mãe, que amei nela...” (ALMEIDA, 1981, p. 93).

Enquanto isso, Lúcio, “Órfão de mãe, ao nascer, a natureza criara-o vivaz e livre, como um selvazinho folgazão.” (ALMEIDA, 1981, p. 10). O estudante é atormentado pela dualidade entre a rebeldia da adolescência e uma sensibilidade romântica, alimentada pelas leituras noturnas e os momentos de introspecção. Para Lúcio “[...] suas ações não tinham equilíbrio porque o coração lhe pesava mais do que a cabeça. *Parecia-lhe o contrapeso da hereditariedade promíscua.*” (ALMEIDA, 1981, p. 12, grifo nosso); assim, suas atitudes são opostas às do pai. Com Soledade, ele inicialmente a ignora, para então associá-la às heroínas dos romances que lia. Lúcio a observa de longe, colocando-a em um pedestal de pureza, ele “Idealizava-a numa figura de romance. Pressentia-lhe as fatalidades de Helena e Carlota, destruidoras de cidades.” (ALMEIDA, 1981, p. 61). Enquanto o pai forçou a menina, Lúcio pede por um beijo e aceita quando isso lhe é negado.

Quanto ao engenho, Lúcio toma para si as dores dos trabalhadores, dos brejeiros, chega mesmo a tentar trazer um pouco dessa solidariedade a Soledade, mas a menina se enoja com as condições em que eles vivem.

Santo Deus! os guris lázaros, embastidos de perebas, coçando as sarnas eternas. Sambudos, com as pernas de taquari, como uma laranja enfiada em dois palitos. As cabecinhas grisalhas do lendeaço fediam a ovo podre. Mas não choravam, não sabiam chorar. Soledade saía, aos engulhos, desse hálito de pocilga. (ALMEIDA, 1981, p. 63)

Lúcio é o jovem idealista, que se sente bem em saber que quer o bem a todos, inclusive aos seus trabalhadores – como será aprofundado no próximo capítulo, isso nada mais é do que

uma visão liberal de alguém que acredita que todo aquele que trabalha duro colherá os frutos de sua produção. Dagoberto é o sistema antigo, que acredita no seu direito hereditário de comando, enquanto Lúcio pretende investir no ensino dos brejeiros e tirá-los da vida miserável que levam.

O pai destrói o solo com o uso incessante que sempre utilizara, sem fazer rodízio de suas terras. O filho é da nova geração, que crê na modernização da produção. O estudante aponta alternativas a Dagoberto, mas este se irrita.

Culturas mesquinhas deformavam a terra pródiga. Eram arranhaduras superficiais, em vez de lhe rasgarem as entranhas para as fecundações profundas. O solo maltratado pelas colheitas sucessivas, sem suprimentos nem tréguas, porque era tido em conta de incansável, como o homem, afeava-se nesse regime depauperante. Lúcio insistia pela introdução da técnica agrícola. Com os fumos de noções práticas, adquiridas no vale do Paraíba e em usinas de açúcar de Pernambuco, intentava aplicar outros processos de aproveitamento. [...] Essas intromissões na economia rural o incompatibilizavam, cada vez mais, com o gênio do pai. Mas, ele tinha a intuição da sensibilidade da terra. (ALMEIDA, 1981, p. 14)

Lúcio traz o estudo e sensibilidade do colégio, mas não é o suficiente para lidar com a teimosia e o temperamento explosivo de Dagoberto. Percebe-se que a ruptura entre as duas gerações não é realizada através dos deslocamentos, mas há a inserção de novas ideias: os métodos aprendidos na cidade grande trazidos ao interior através do estudante. Dagoberto tem a experiência de uma vida inteira trabalhando no seu engenho, para ele, o filho era ingênuo: “Aquele grangazá só tem palanfrório. Não se pode dar um tipo mais lelé. Por ele eu já tinha me acabado.” (ALMEIDA, 1981, p. 62). Como poderia aceitar a ajuda de alguém que desprezava a tal ponto? Dagoberto, inclusive, não só rejeita o rapaz em si, como a própria educação que ofereceu a Lúcio; assim que o rapaz confessa planejar casar com Soledade, Dagoberto explode: “Para que foi que eu gastei tantos e quantos? Dinheiro que dava pra levantar a cabeça de muita gente... Pra que foi que o tirei da bagaceira?” (ALMEIDA, 1981, p. 91).

Em uma perspectiva histórica, pode-se apontar a relação entre Dagoberto e a destruição do solo provocada pela cana-de-açúcar. De acordo com Josué de Castro (1984), além dos danos ao solo causados pela cana, mais destrutiva: “[...] é a sua ação indireta, através do sistema de exploração da terra que a economia açucareira impõe: exploração monocultora e latifundiária.”; o sociólogo ainda associa a estabilização da colonização portuguesa à cana-de-açúcar, com seus “[...] nocivos exageros de planta individualista, com sua hostilidade quase mórbida por outras espécies vegetais, [...]” (CASTRO, 1984, p. 116). Dagoberto representa essa fase predatória do

solo, desse início selvagem do Brasil em que a mentalidade era especialmente voltada à extração de riquezas.

A disparidade entre essas duas personagens é mais do que uma simples rivalidade entre pai e filho; é a velha ordem patriarcal que disputa com o novo sistema burguês, que dá espaço ao homem de negócios, que ganha sua ascensão através de investimentos econômicos. Enquanto o patriarcado de Marzagão parece já não funcionar. Assim, uma vez que Dagoberto morre e Lúcio passa a ter liberdade para fazer do engenho tudo o que tentara fazer o pai aceitar:

Em vez da monotonia da rotina, vibrava o barulho do progresso mecânico. [...] Desaparecera o borrão das queimadas na verdura perene. A capoeira imprestável dera lugar à opulência dos campos cultivados [...] Não se viam mais as choças cobertas de palha seca que imprimiam ao sítio um tom de natureza morta. Casitas caiadas exibiam nos telhados vermelhos a cor da lareira acesa da fartura. O pomar dadivoso esgalhava rente à casa-grande; soprava perfumes de janela a dentro e parecia querer dar frutos na sala de jantar. [...] Esse oásis representava um molde de prosperidade, um modelo de técnica agrícola, o núcleo eficiente contrastando com a organização primitiva. (ALMEIDA, 1981, p. 110)

O engenho se renova graças ao espírito empreendedor de Lúcio, e sente-se sua sensibilidade e idealismos transparecerem no pomar, no perfume e nos frutos que compõe essa nova fase da casa-grande. Há, afinal, vida naquela morada. Ele vive edilicamente com a esposa e o filho, que antes mesmo de ensinar a falar, “[...] ensinava-lhe a rir.” (ALMEIDA, 1981, p. 111). Parece ter quebrado com o antigo, com o patriarcal; no entanto, Lúcio não deixa de ser um senhor de engenho. Na tentativa de “elevar” os brejeiros, Lúcio fez um grande esforço em tirá-los da miséria e da “ignorância” – tendo em vista que no começo do século XX a falta de uma educação formal significava um ser bestializado e ignorante, uma vez que não se considerava a cultura popular como “cultura de verdade”. Deu-lhes estudo, casas, comida, e passou a tratá-los como humanos, sem os castigos aplicados por Dagoberto.

Quando ocorre um incêndio no canavial, Lúcio percebe que os brejeiros não se arriscam a apagá-lo, não com a mesma perseverança de quando estavam sob os comandos de seu pai.

E cada qual que se retraísse: todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se. Só Pirunga e Xinane se arrojaram à empresa. Lúcio lembrou-se, então, da temerária passividade dos moradores na noite em que o açude ameaçava arrombar. Os que aprendiam a ler na escola rural achavam indigna a labuta agrícola e derivavam para o urbanismo estéril. (ALMEIDA, 1981, p. 112)

Frustrado com os brejeiros, ao final do romance Lúcio afirma: “Eu criei o meu mundo; mas nem Deus pôde fazer o homem à sua imagem e semelhança...” (ALMEIDA, 1981, p. 114). Se fazendo deus do novo mundo, por ter criado o paraíso de um engenho que definha no controle autoritário de Dagoberto, Lúcio esperava o mesmo servilismo – ou lealdade – dos seus trabalhadores. Ele, afinal, salvara-os.

Seja uma crítica aos sistemas de esquerda que defendam a melhoria de vida para as classes trabalhadoras, o que se pode concluir é que Lúcio representa um tipo de jovem idealista que não quer, realmente, uma mudança estrutural. O que justificaria trabalhadores arriscarem a própria vida por uma plantação? Por bens materiais? Por dinheiro? Nada, não fosse o medo do patrão, ou os próprios ideais de honra e de trabalho dos trabalhadores.

O engenho continua, o espaço prospera, mas ambos os senhores de engenho ilustram a decadência do seu modo de vida. Dagoberto não alcança a mesma prosperidade econômica, nem familiar, de Lúcio, enquanto Lúcio vê seu Jardim do Éden como algo imperfeito, corrompido pela humanidade dos brejeiros. Para a escritora Ângela de Castro (2010):

A mais radical diferença entre Lúcio e Dagoberto encontra-se na natureza da degradação dos dois personagens. O velho senhor de engenho reduplicando o modelo “do mundo de conformismo e convenção”, coincidente com a estrutura feudal anacrônica e decadente do Marzagão. [...] E Lúcio, orientando-se “diretamente no sentido do valor de uso”, degradado de outra maneira: com a sensibilidade desorganizada pela “degenerescência romântica”, “lelé”, “de cabeça virada”, “fazendo vez de doido”. (p. 123)

A semelhança é que ambos são também incapazes de mudança. Dagoberto permanece no ciclo de destruição do solo, como um propulsor da tradição decadente presente, do trato bruto com os que trabalham para ele. Enquanto Lúcio, o bacharel, o estudante, permanece na sua introspecção idealista: antes, lendo em seu quarto, perdido em seus romances; depois, perdido na ilusão do pequeno “paraíso que construirá”. Lúcio pode ter assumido a posição do pai, mas sua visão de mundo permanece, e essa inabilidade de evolução e mudança faz com que ele seja “[...] incapaz de perceber a contradição inconciliável entre o AMOR À TERRA, a LIBERDADE, a SOLIDARIEDADE e sua utopia transformadora, firmada sobre o latifúndio e convertida na ideologia desenvolvimentista do capitalismo.” (CASTRO, 2010, p. 143).

A troca de sistemas em *As vinhas da ira* ocorreu organicamente em prol da sobrevivência do coletivo, já a mudança de poderes em *A bagaceira* faz parte ainda da antiga hereditariedade que sempre teve lugar no sistema patriarcal; e o resultado das mudanças do Marzagão são contraditórias, uma vez que, mesmo que tenha tirado os brejeiros da pobreza,

Lúcio notara que “[...] suprimira a alegria” (ALMEIDA, 1981, p. 112) que antes existia no engenho. Não houve readaptação por parte do povo, mas por parte dos donos do poder.

Pode-se discutir até que ponto pode haver emancipação da servitude em que o povo trabalhador foi sujeitado por gerações, entretanto basta apontar que os romances terminaram em tons opostos: *As vinhas da ira* encerra com mensagem de esperança, de um aprendizado para a sobrevivência, enquanto *A bagaceira* toma Lúcio como o “herói problemático” que não conseguiu adaptar o povo a sua ideia de paraíso.

Em relação aos retirantes, como dito anteriormente, não se pode falar de uma drástica mudança na *organização* familiar, mas antes na relevância dos laços familiares para a movimentação das personagens; em outras palavras, para o sentimento de responsabilidade dos sertanejos. Valentim é quem se posiciona como chefe de família e, assim, se vê encarregado de cuidar de seus descendentes. Esse encargo tem um peso maior em relação à vontade individual do retirante, que teria permanecido no sertão não fosse o medo de perder a filha. Em contrapartida, entre os vários pontos em comum entre as duas obras aqui estudadas, o avô Joad do romance estado-unidense se recusa a seguir a família para ficar na sua própria terra. Percebe-se que essa é uma possibilidade real para ele uma vez que ele cedeu a posição de chefe da família e, com isso, a responsabilidade pela geração mais nova ao seu filho: o pai de Tom. No romance de José Américo de Almeida, Valentim coloca a filha antes de si mesmo, contra sua vontade de permanecer enraizado onde está.

O sol que é para dar o beijo de fecundidade dava um beijo de morte longo, cáustico, como um cautério monstruoso. A poeira levantava e parecia ouro em pó. [...]

— Eu nunca que deixasse a minha terra. A gente teimava em ficar e o sol também teimava, como quem diz: “Aqui estou grimpendo de cima.” Emperrado de dia e de noite, porque nunca se viu lua mais parecida com o sol. (ALMEIDA, 1981, p. 19)

Valentim ama sua terra, independentemente de como “ela o trata”. No entanto, quando a seca não dava sinais de aliviar, ele teve que escolher entre ficar e, assim, aceitar a morte, ou deixá-la e cumprir sua obrigação como chefe de família.

— Deus foi servido acabar tudo, senão ninguém me aluía de lá. Queria ficar abraçado com o mourão da porteira, até esticar a canela. Mas minha vida não me pertencia... Quem tomava conta da minha filha? Quem carregava minha cruz?” (ALMEIDA, 1981, p. 20)

A morte não lhe parece tão grave tragédia, mas ele não é um sujeito dono de si mesmo; ele integra uma comunidade de outros sertanejos, ele integra uma família que ainda depende dele. A simbologia por trás da cruz é, inclusive, de sofrimento, remetendo ao leitor a imagem de Jesus em uma jornada árdua e dolorosa, mesmo humilhante. No discurso de Valentim, a responsabilidade é mais relevante do que o amor que sentiria pela filha, tal é a importância do seu dever, a seriedade com que ele considera seu caráter resiliente de sertanejo.

Em relação aos filhos, novamente uma disparidade entre as obras. Enquanto os filhos dos Joads permaneceram com os pais antes de migrarem, mantendo os laços próximos como de costume, os filhos de Valentim buscaram uma alternativa à miséria local antes do pai. Nas palavras do sertanejo “Os rapazes foram arribando de um a um. Diziam que era pra me trazer um adjutório. E nem eles, nem nada. O Acre é como o outro mundo: pode ser muito bom, mas quem vai não volta mais.” (ALMEIDA, 1981, p. 20). Quem ficou ao seu lado foi Pirunga, mas o rapaz assim o fez para ficar perto de Soledade.

Pegou no braço de Pirunga:

— Este, sem ser filho, não quis correr mundo: ficou para me fazer companhia. Tem um pegadio à gente que faz gosto.

O rapaz olhou, de revés, para Soledade que, ainda um tanto desbotada, na beleza amortecida, ergueu a mão para compor o cabelo e, caindo-lhe a manga, entremostrou um braço branco contrastando com a luva morena de sol. (ALMEIDA, 1981, p. 20)

Os olhares de Pirunga o traem, mas Valentim toma suas atitudes como demonstrações de afeto fraternal. A ideia de família se reajusta às condições dos retirantes, assim o filho que ficou é causa de orgulho, independentemente de “não ser filho”. Por mais que Pirunga tenha segundas intenções em seguir Valentim, há um verdadeiro carinho entre os dois. Tendo em vista que Valentim já estava de idade mais avançada e trabalhava com algo que não lhe era familiar, Pirunga se esforçava para aliviar o trabalho do pai adotivo; algo não compreendido pelos brejeiros: “Latomia estranhava essa solidariedade sertaneja. — Não tenho penhe de trabalhar pra macho.” (ALMEIDA, 1981, p. 16).

E o sertanejo mais velho retribui o sentimento, uma vez que assume a mesma responsabilidade para com o rapaz:

— Fiquei na estica. Mas, com a vontade de Deus, não pedi nem roubei. Todo o meu pessoal na cacunda e até dei conta de gente que era mesmo que ser minha.

E pousou, paternalmente, a mão firme no ombro de Pirunga. (ALMEIDA, 1981, p. 18)

Valentim se orgulha das suas origens e se porta de forma a honrar uma figura corajosa, honesta e destemida do sertanejo. Lúcio é quem expressa as qualidades de Valentim mais apaixonadamente, especialmente ao ouvir as histórias que o sertanejo viveu na juventude: “— Reservas da dignidade antiga! Resistência granítica, como os afloramentos do Nordeste! Solidificação da família! Tesouro das virtudes primitivas!” (ALMEIDA, 1981, p. 31).

Soledade, tendo chegado ao engenho castigada pela intensidade da seca – “Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais. Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrépitas de ex-voto.” (ALMEIDA, 1981, p. 4) –, aos poucos tem a beleza restaurada. A menina de pele branca e olhos verdes, símbolo de beleza durante o romance, percebe no interesse dos homens ao seu redor a possibilidade de sair da pobreza em que se encontrava: “Louçã e bem-feita, sentia-se bela pelos olhos de tanta gente. E encolhia-se na onda dos feirantes. Passou-lhe pela mente que poderia ressarcir com esse dom o conforto perdido.” (ALMEIDA, 1981, p. 49).

Tendo as tentativas de conquistar Lúcio frustradas, ela se conforma com a posição de amante de Dagoberto, atitude que vai contra os princípios do pai; especialmente quando se toma a história do sertanejo de quando brigou com o melhor amigo para casar com a moça que desonrara.

3.3 Desenraizamento, solidão e isolamento

Sabe-se que o ambiente em que o indivíduo é criado é essencial na sua formação cultural, mesmo moral e ética, sendo um elemento fundamental para entender sua caracterização no mundo. Para Bachelard (1993), a primeira casa é especialmente importante, uma vez que é onde o ser humano se percebe no mundo e desenvolve o seu imaginário: “Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.” (p. 24). A aparência da casa não tem a mesma importância da significação que colocamos sobre ela. A beleza, o sentimento que associamos à casa ultrapassa o físico – pois é onde nos encontramos, é o lugar ao qual pertencemos. O filósofo ainda afirma que:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 1993, p. 26)

A primeira moradia é, portanto, um conceito amplo, extrapolando os limites concretos das paredes e telhado; ela significa proteção e identidade. A segurança de poder contar com esse canto de mundo em que o indivíduo se protege das adversidades naturais garante à personagem que analisaremos que ela tem uma pousada mesmo estando longe de casa. E, sendo um espaço familiar ao indivíduo, a casa é onde ele pode se identificar. “Mas, para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos.” (BACHELARD, 1993, p. 33). De acordo com o autor, é em nossa primeira habitação que adquirimos certos valores, certas manias, e nosso modo de habitar um lugar. Ainda que nos mudemos várias vezes 20 anos após deixarmos nossa habitação natal, esses valores e modos continuam a popular nossa imaginação e nossos sonhos.

A partir desse conceito entende-se então que, com a primeira habitação, o indivíduo começa a formar suas raízes. A filósofa francesa, Simone Weil, em seu livro *O Enraizamento* (2001), afirma que:

Um ser humano tem raiz por sua *participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade* que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada *automaticamente* pelo lugar, nascimento, profissão, meio. (p. 43, grifo nosso)

Estar geograficamente localizado no espaço não é enraizamento. *Sobreviver* no espaço – como o caso dos trabalhadores migrantes – não é enraizar-se; para isso, é necessário a participação da produção social na região. Como quando o fazendeiro trabalha na própria terra, quando se interage com a comunidade local, quando o indivíduo percebe ter um impacto no meio em que vive. O oposto seria viver como observador, reproduzindo um trabalho mecânico em que não se pode sentir orgulho ou prazer, sem ser integrado na sociedade.

O desenraizamento é de longe a doença mais perigosa das sociedades humanas, pois multiplica-se a si mesmo. Seres verdadeiramente desenraizados não têm senão dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia da alma quase equivalente à morte, como a maior parte dos escravos no tempo do Império Romano, ou se jogam numa atividade que tende sempre a desenraizar, freqüentemente pelos métodos mais violentos, aqueles que ainda não o estão ou não o estão senão em parte. (WEIL, 2001, p. 46-47)

Ou esquece-se de si mesmo, ou nega-se quem já foi. Weil aborda o desenraizamento como um estado lacônico, não necessariamente relacionado ao afastamento da terra natal, mas como um alienamento do próprio trabalho. Assim, ao não ter posse dos meios de produção e ao não participar dos frutos, dos lucros obtidos pela própria mão-de-obra, os trabalhadores também

seriam desenraizados do seu meio. Tanto os retirantes d'A *bagaceira* quanto os Joads em *As vinhas da ira* partem de uma condição de proprietários de terra para a de empregado, o que significa um afastamento com a sua profissão e com seu meio de sobrevivência. Constrói-se uma barreira entre trabalho e sustento, um terceiro elemento na relação do agricultor com o solo.

Em seu estudo sobre os mecanismos usados por um regime totalitário para subjugar o indivíduo, Hannah Arendt (2012) associa o isolamento político e a solidão privada à posição enfraquecida do sujeito para resistir a um sistema que tira sua liberdade. Para a autora, a solidão:

[...] tem íntima ligação com o desarraigamento e a superfluidade que atormentavam as massas modernas desde o começo da Revolução Industrial e se tornaram cruciais com o surgimento do imperialismo no fim do século passado e o colapso das instituições políticas e tradições sociais do nosso tempo. (p. 634)

É interessante apontar o modo como a solidão individual pode ser lida como uma ferramenta de poder, uma vez que o que se tem tratado até o momento é o exílio social de famílias que são deslocadas para uma região com a qual não têm história, memória, ou qualquer relação que a permita interagir com o meio de forma natural. Em um movimento isolador, o indivíduo que se realoca precisa se enraizar para poder ter poder social, e mesmo político, na sociedade, enquanto mantém sua cultura como parte da sua construção identitária. É notável que os direitos dos imigrantes são precários mesmo no início do século XXI, deixando-os à mercê de políticas públicas insuficientes para lhes garantir uma vida digna; para os trabalhadores migrantes que fogem da seca, há o isolamento de não serem integrados na vida política dos locais que necessitam de seu trabalho, além da solidão social por carregarem inúmeros estigmas em uma sociedade que os veem como preguiçosos e portadores de doenças – os quais serão melhor explorados no próximo capítulo. Inserir-se nesse novo espaço, portanto, ainda que temporariamente, prova ser um desafio – um que não se sabe se quer enfrentar.

A incerteza de não ter para onde voltar ou onde procurar auxílio é um dos fatores isolantes do desenraizamento. “Não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma.” (ARENDR, 2012, p. 634). No aspecto privado, se vendo expulso do seu canto de mundo e impedido de participar ativamente de uma nova comunidade, o indivíduo se vê instabilizado, suspenso entre um passado que o identifica e um presente que o rejeita. E no aspecto social, o desenraizamento é provocado pelo *não reconhecimento do outro* – pois se os californianos precisam dos migrantes para força de trabalho, o fazem a contragosto, sem reconhecer sua

necessidade enquanto apontam para os problemas trazidos pelo alto fluxo de *okies* vindo do Leste. Os Joads, em *As vinhas da ira*, precisam existir silenciosamente, afastados dos centros, escondidos em acampamentos; e isso ainda não os protege contra perseguições de policiais ou reacionários.

O indivíduo marginalizado é, portanto, isolado em todos os aspectos da vida pública. A solidão decorrente desse fator é inerente ao processo de desenraizamento, e ela inicialmente afeta a unidade familiar como um todo, deixando ao indivíduo reconhecer-se nos outros membros de sua família. Mas com a desintegração dos núcleos das famílias de Valentim e de Tom Joad, resta a personagem isolar-se por completo – como o que ocorreu com os retirantes –, ou buscar uma nova forma de comunidade – como o que ocorreu com os Joads.

O que torna a solidão tão insuportável é a perda do próprio eu, que pode realizar-se quando está a sós, mas cuja identidade só é confirmada pela companhia confiante e fidedigna dos meus iguais. Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo como parceiro dos próprios pensamentos, e perde aquela confiança elementar no mundo que é necessária para que se possam ter quaisquer experiências. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo. (ARENDDT, 2012, p. 637)

Novamente, há o afastamento, o isolamento, a instabilidade, todos causados pela solidão de se estar em um ambiente hostil e não receptivo. Mais importante, se não se pode ter novas experiências, como haveria o indivíduo de se reposicionar no mundo? Criar raízes é uma atividade especialmente memorialista, um acúmulo de vivências e de reações a elas; ser impossibilitado de experimentar um espaço reitera o isolamento do indivíduo que não deixa de ser estranho a ele, uma vez que não pode vivê-lo. Portanto, tal sentimento causa um rompimento com o “outro”, assim como com o “eu”, sem ter uma base sólida com a que se identificar.

Concluindo, o processo de desenraizamento tem início com a retirada do indivíduo da terra com a qual se identifica, e se concretiza à medida que ele perde sua estabilidade no mundo. Uma perda especialmente social, uma vez que ele já não é integrado à uma comunidade e, assim, não pode agir e reivindicar seus direitos como cidadão; mas também privada, tomando forma na solidão e em detrimento da sua identidade.

3.4 Desenraizamento e desestruturação

No presente capítulo foram feitos três importantes apontamentos até aqui: o espaço tem papel fundamental na análise da personagem; a unidade familiar tem uma funcionalidade social e organizacional; o desenraizamento está ligado ao estado isolado e instável do indivíduo. Unindo esses três fatores, pode-se chegar a um dos objetivos propostos desse trabalho, ou seja: como o processo migratório afeta as famílias nos romances *A bagaceira* e *As vinhas da ira*? Em síntese, o espaço participa na formação cultural dessas personagens, e uma vez que elas são forçadas para fora de seus cantos de mundo, elas perdem a estabilidade espacial e identitária. A personagem, tendo que se adaptar às novas condições, tem seus laços familiares enfraquecidos, levando à desestruturação da família.

O que se entende por *desestruturação familiar* está relacionado ao desprendimento dos membros do núcleo familiar, e não necessariamente à desestruturação, ou a decadência, da personagem. Enquanto em *As vinhas da ira* tal processo é literal – tendo em vista a diminuição do núcleo com o progresso da jornada –, em *A bagaceira* temos Soledade, a moça que desabrocha no brejo, enlaça seu destino no engenho, e, se afastando dos ideais paternos, é o símbolo da desestruturação da família de Valentim.

Primeiramente, vamos analisar o romance norte-americano. Percebe-se que tradição e a dependência emocional dos familiares em relação ao chefe da família eram o suficiente para tê-los sob o mesmo teto, em uma posição estável e permanente. A continuação da família parecia natural, enquanto o futuro, ainda que cheio de incertezas, era uma realidade – estabilidade e continuidade se alinham com a terra que passa de geração a geração. No entanto, tendo perdido seu ponto de referência, a família deve se adaptar ao novo ambiente enquanto os indivíduos buscam reencontrar-se em um espaço desprovido das mesmas tradições, das mesmas possibilidades. Nos mais velhos, percebe-se uma tendência a buscar o que já é familiar, uma tentativa de recuperar o que foi perdido, e nos mais novos, ainda em processo de autodefinição, redefinem seus interesses e se afastam dos ideais hereditários.

Em *As vinhas da ira*, do grupo inicial de treze indivíduos (incluindo Connie e Casy), seis permanecem juntos ao final do enredo. Os primeiros a serem afetados por tal processo são os avós, os mais velhos, os mais enraizados em Oklahoma, que falecem durante a viagem.

A decisão do avô Joad de permanecer em sua propriedade enquanto o resto seguiria viagem é um ato de sobrevivência. Tendo visto que Muley ficara ali, vivendo ilegalmente entre os restos das casas abandonadas, escondendo-se dos oficiais no meio da plantação, sobrevivendo da pouca caça que conseguia; o avô percebe que há a possibilidade de permanecer

em seu canto de mundo. E Muley é um aviso contra permanecer na terra que já não lhes pertence. Noah aponta que ele provavelmente morreria vivendo daquela maneira, ao que Muley responde:

“Eu sei. Eu pensei sobre isso. Às vezes parece muito solitário, e às vezes parece ok, e às vezes parece bom. Não faz diferença. [...] se vocês encontrarem algum dos meus na Califórnia, diga a eles que estou bem. Diga a eles que estou indo bem. Não digam que eu estou vivendo assim. Diga a eles que irei procurá-los assim que juntar o dinheiro.”

A mãe perguntou: “E você vai?”

“Não”, Muley disse suavemente.⁵² (STEINBECK, 2011, p. 129)

Primeiramente, percebemos em Muley que o desenraizamento não é uma questão de espaço físico. Como no estudo de Simone Weil (2001) exposto na sessão anterior, ter raízes é um processo conquistado, especialmente, a partir da sociabilização e do trabalho. Muley permaneceu na terra, mas isso não impediu de ser isolado. Assim, em decorrência de todos os fatores que levaram os pequenos agricultores a essa situação, o desenraizamento é inevitável. A escolha do avô Joad parece mais um último ato de rebeldia de seu espírito infantil e arteiro.

A família aponta para o fato que ele já tem uma idade avançada, que ele não teria quem tomar conta dela, mas sua decisão é irredutível: “Essa terra não é boa, mas é minha terra. Não, vocês vão em frente. Eu vou ficar aqui onde eu pertencço.”⁵³ (STEINBECK, 2011, p. 129). Sendo sedado e colocado no caminhão, o avô enfraquece. Ele passa a viagem em um estado semiconsciente, mesmo quando acordado “[...] seus olhos estavam drogados e lacrimejantes e ainda sem sentido. Ele observava os outros, *mas havia pouco reconhecimento em seu assistir.*”⁵⁴ (STEINBECK, 2011, p. 145, grifo nosso). Ele não reconhece seus arredores, crendo ainda estar na sua terra, e teimosamente fala que não, não irá partir para Califórnia. Parece não querer aceitar que teve que sair do local a qual pertencia; ao menos até sua última parada.

Sem aviso, o vovô começou a chorar. Seu queixo tremeu e seus lábios velhos se apertaram sobre a boca e ele soluçou roucamente. A mãe correu até ele e colocou seus braços em volta dele. Ela o pôs de pé, suas costas largas

⁵² “I know. I thought about that. Sometimes it seems pretty lonely, an’ sometimes it seems all right, an’ sometimes it seems good. It don’t make no difference. [...] if ya come on any my folks in California, tell ’em I’m well. Tell ’em I’m doin’ all right. Don’t let on I’m livin’ this way. Tell ’em I’ll come to ’em soon’s I git the money.”/Ma asked, “An’ will ya?”/“No,” Muley said softly. (T.L.)

⁵³ “This country ain’t no good, but it’s my country. No, you all go ahead. I’ll jus’ stay right here where I b’long.” (T.L.)

⁵⁴ “[...] his eyes were drugged and watery and still senseless. He watched the others, but there was little recognition in his watching.” (T.L.)

tensionando, e meio o levantou, meio o ajudou a entrar na tenda.⁵⁵ (STEINBECK, 2011, p. 158)

A fragilidade surpreende a todos, que nunca haviam o visto chorar. Ele havia afirmado pertencer a terra, e tirando-o de lá, pouco sobra do homem cheio de vida e “endiabrado” que ele fora. A família agiu de modo a preservar o avô, protegê-lo da própria impulsividade; mas nesse movimento, o homem retorna ao estado infantil, como um bebê, e temos a imagem da mãe Joad segurando-o e levando-o para a cama. Sua morte não surpreende Casy, que assinala para os Joads que não havia nada que eles pudessem ter feito para evitar a causalidade. “E o vovô não morreu hoje. Ele morreu no instante que vocês o tiraram de lá. [...] vocês não poderiam ter feito nada. [...] Ele só está ficando com a terra.”⁵⁶ (STEINBECK, 2011, p. 171).

A questão do enterro se mostra um dos primeiros obstáculos em que os Joads precisam escolher entre a própria tradição e o novo cenário em que lentamente se inserem.

O pai disse: “Precisamos descobrir o que fazer. Existem leis. Você tem que relatar uma morte, e quando você faz isso, ou eles levam quarenta dólares para o agente funerário ou o tomam como um indigente.”
Tio John interrompeu: “Nunca tivemos indigentes”.
Tom disse: “Talvez tenhamos que aprender. Nunca fomos chutados de nenhuma terra antes, também.”⁵⁷ (STEINBECK, 2011, p. 163)

Voltando ao que foi afirmado anteriormente, sobre como os mais velhos tendem a buscar a manutenção do passado, enquanto os mais jovens têm maior adaptabilidade ao presente; Tom constata o que a família vivencia: eles precisam aprender como esse novo mundo funciona. Terem sido “chutados” da terra abre um precedente, e coisas que *nunca* tiveram ou pelas quais *nunca* passaram devem ser aprendidas.

O pai Joad, assim como o tio Joad, entretanto, ainda têm suas raízes nas tradições locais de Oklahoma, e não se permitem romper com elas nesse primeiro momento.

O pai disse baixinho: “Vovô enterrou o pai dele com a própria mão, com dignidade, e deu forma ao túmulo com sua própria pá. Era uma época em que

⁵⁵ Without warning Grampa began to cry. His chin wavered and his old lips tightened over his mouth and he sobbed hoarsely. Ma rushed over to him and put her arms around him. She lifted him to his feet, her broad back straining, and she half lifted, half helped him into the tent. (T.L.)

⁵⁶ “An’ Grampa didn’t die tonight. He died the minute you took ‘im off the place. [...] you couldn’t a done nothin’. [...] He’s jus’ stayin’ with the lan’.” (T.L.)

⁵⁷ Pa said, “We got to figger what to do. They’s laws. You got to report a death, an’ when you do that, they either take forty dollars for the undertaker or they take him for a pauper.”/Uncle John broke in, “We never did have no paupers.”/Tom said, “Maybe we got to learn. We never got booted off no land before, neither.” (T.L.)

um homem tinha o direito de ser enterrado por seu próprio filho e um filho tinha o direito de enterrar seu próprio pai.”⁵⁸ (STEINBECK, 2011, p. 163)

Um direito natural que a lei diz não ser possível, mas como Casy responde: “‘A lei muda,’ ele disse, ‘mas ‘tenho que’s continuam. Você tem o direito de fazer o que você tem que fazer.’”⁵⁹ (STEINBECK, 2011, p. 163). O sentir-se repreendido por dar continuidade às práticas em que acredita é desenraizante em si mesmo. Como o indivíduo que sempre se julgou justo e honesto deve entender a súbita noção de que o que faz é ilegal? Criminoso? Quando Tom entrou em uma briga de bar e assassinou um rapaz em Oklahoma, ele passou quatro anos na prisão cumprindo sua pena – ele então pagou pelo crime que cometeu. Mas agora que não entendem as leis, como devem se comportar?

A mãe Joad, descobrindo que Tom estava quebrando com os requerimentos da sua liberdade condicional ao cruzar a fronteira estatal, expressa esse novo medo: “Às vezes você comete um crime e nem sabe que é ruim. Talvez eles tenham crimes na Califórnia que nem conhecemos. Talvez você faz alguma coisa e está tudo bem, e na Califórnia não está tudo bem.”⁶⁰ (STEINBECK, 2011, p. 155-156). É a incerteza do desconhecido, de não entender essa sociedade ainda sonhada, mas estranha, na qual pretendem morar. A família ter escolhido enterrar o avô de acordo com suas próprias tradições, portanto, é uma busca pela preservação, as raízes tendo superado o receio em descumprir com as leis.

Após o avô, inicia a morte silenciosa da avó, que sofre com o calor intenso e a dura viagem. Ela parece um fardo com o qual a mãe Joad deve lidar sozinha. Percebendo que a senhora estava morrendo, a mãe deita ao seu lado, a conforta, enquanto justifica não buscar ajuda: eles precisam atravessar a fronteira para a Califórnia. A mãe confessa para a família que guardou segredo sobre a morte da velha senhora para não serem barrados por policiais: “Eu falei pra vovó que não podíamos ajudar ela. A família tinha que atravessar. [...] Não podíamos parar no deserto. Tinha os pequenos – e o bebê de Rosasharn. Eu falei pra ela.”⁶¹ (STEINBECK, 2011, p. 268). Não é sem dor, sem remorso, que a mãe toma a decisão de deixar a avó morrer, sem buscar ajuda. A perda dos anciões é sentida como necessária, mas isso não apaga a tragicidade de perdê-los no meio do caminho – especialmente o avô, que é enterrado

⁵⁸ Pa said softly, “Grampa buried his pa with his own hand, done it in dignity, an’ shaped the grave nice with his own shovel. That was a time when a man had the right to be buried by his own son an’ a son had the right to bury his own father.” (T.L.)

⁵⁹ “‘Law changes,’ he said, ‘but ‘got to’s’ go on. You got the right to do what you got to do.’” (T.L.)

⁶⁰ “‘Sometimes you do a crime, an’ you don’t even know it’s bad. Maybe they got crimes in California we don’t even know about. Maybe you gonna do somepin an’ it’s all right, an’ in California it ain’t all right.’” (T.L.)

⁶¹ “‘I tol’ Granma we couldn’ he’p her. The fambly had ta get acrost. [...] We couldn’ stop in the desert. There was the young ones—an’ Rosasharn’s baby. I tol’ her.’” (T.L.)

ilegalmente na beira da estrada. É Tom quem casualmente coloca a situação sob uma nova perspectiva:

Tom deu um tapinha no volante sob sua mão. “Eles eram muito velhos”, disse ele. “Eles não iriam ver nada do que está aqui. Vovô ficaria vendo os índios e a região das pradarias de quando era jovem. E a vovó lembraria e veria a primeira casa em que ela morou. Eles eram muito velhos. Quem está realmente vendo isso é a Ruthie e o Winfiel’.”⁶² (STEINBECK, 2011, p. 270)

Eles já estariam tão cheios de antigas memórias, que novas imagens nada fariam além de fazê-los lembrar do que viveram. Portanto, os avôs já possuíam raízes muito profundas em Oklahoma para serem submetidos a migrar para um ambiente completamente desconhecido. Ecléa Bosi, psicóloga e autora da ilustre obra *O tempo vido da memória* (2003), escreve sobre uma senhora que entrevistou: “Pouco tempo irá sobreviver às mudanças, suas raízes se partiram. Mudança e morte se equivalem para o idoso.” (BOSI, 2003, p. 75). Essa impossibilidade existia para os anciões da família Joad, e foi extrapolada pela ruptura agressiva de serem *expulsos* de seu canto de mundo. Raízes profundas cortadas de tal forma deixam pouco espaço – ou possibilidade – para serem recultivadas.

Portanto, as raízes se consolidam com o tempo, enchendo-se de memórias, de costumes, de cultura; os mais novos não se enraizaram tão profundamente, tendo uma perspectiva de “vida nova” que lhes é singular. Noah, o primogênito e o primeiro a partir, é um excelente exemplo de como as oportunidades expostas pelo novo espaço, local inexplorado e onde não há rotas pré-definidas, oferecem ao indivíduo uma chance de autodescobrimento – ainda que isso signifique um afastamento das tradições hereditárias.

Grande de corpo e esquisito de forma, Noah é descrito como um homem pacífico, de fala e movimentos lentos.

Ele nunca tinha ficado com raiva em sua vida. [...] Ele não era burro, mas era estranho. Ele tinha pouco orgulho, nenhum desejo sexual. Ele trabalhava e dormia em um ritmo curioso que, no entanto, lhe bastava. Ele gostava de sua família, mas nunca demonstrava isso de forma alguma.⁶³ (STEINBECK, 2011, p. 90-91)

⁶² Tom patted the steering wheel under his hand. “They was too old,” he said. “They wouldn’t of saw nothin’ that’s here. Grampa would a been a-seein’ the Injuns an’ the prairie country when he was a young fella. An’ Granma would a remembered an’ seen the first home she lived in. They was too ol’. Who’s really seein’ it is Ruthie an’ Winfiel’.”

⁶³ He had never been angry in his life. [...] He was not stupid, but he was strange. He had little pride, no sexual urges. He worked and slept in a curious rhythm that nevertheless sufficed him. He was fond of his folks, but never showed it in any way. (T.L.)

Seu desprendimento emocional não o impedia de participar das atividades da família, de carregar e descarregar o caminhão, de ajudar no preparo da carne para as refeições, ou mesmo de participar nas tomadas de decisão da família. Noah se dava por satisfeito em seguir ordens e acompanhar sua família, sem desejar coisa alguma e sem demonstrar fortes sentimentos.

Isso muda uma vez que os Joads param para admirar o rio Colorado. A estabilidade da água, a imensidão do rio e a tranquilidade do cenário são, para Noah, sua própria imagem e semelhança: “Gostaria de apenas ficar aqui. Ficar aqui para sempre. Nunca ficar com fome e nunca ficar triste. Me deixar na água por toda a vida, preguiçoso como uma porca parideira na lama.”⁶⁴ (STEINBECK, 2011, p. 239). Assim, a visão mecanicista de um homem sem vontades, que simplesmente seguia estímulos externos, é substituída por um desejo de descanso eterno que vai contra a vida árdua da fazenda. Noah deixa os pais e irmãos irem em busca de trabalho na Califórnia e se entrega à calma que o rio lhe proporciona. Sem aviso, o rapaz que não parecia capaz de exprimir suas emoções, confessa a Tom um sentimento que mal sabe explicar – “[...] eu estava naquela água. E eu não vou deixá-la. Eu vou ir agora, Tom – rio abaixo. Vou pegar peixes e outras coisas, mas não posso deixá-la. Eu não posso.”⁶⁵ (STEINBECK, 2011, p. 245) – passando então a posição de filho mais velho ao irmão, junto às responsabilidades que a acompanham.

A trajetória de Tom Joad já foi amplamente estudada, uma vez que, sendo a primeira personagem introduzida no enredo, ele é costumeiramente lido como protagonista em *As vinhas da ira*. Tom incorpora a transformação individual pela qual se deve passar antes de abraçar a causa trabalhista, a realização de que só haverá mudança nas condições de trabalho e valorização da mão de obra quando as reivindicações forem feitas coletivamente – um conceito popularmente conhecido, mas dificilmente associado, tendo em vista que para priorizar uma causa comunitária deve-se abdicar dos próprios interesses. Já foi analisada a tomada de poder da mãe Joad sobre sua família, uma mudança necessária, sendo que o matriarcado oferece um sistema de sobrevivência para os migrantes; tanto Tom quanto Rose of Sharon (sobre a qual discutiremos um pouco adiante) são resultados dessa adaptação. Tom deixa de pensar no *eu* para pensar em *nós*, passa a entender os migrantes como seu povo, não mais apenas os Joads.

⁶⁴ “Like to jus’ stay here. Like to lay here forever. Never get hungry an’ never get sad. Lay in the water all life long, lazy as a brood sow in the mud.” (T.L.)

⁶⁵ “[...] I was in that there water. An’ I ain’t a-gonna leave her. I’m a-gonna go now, Tom—down the river. I’ll catch fish an’ stuff, but I can’t leave her. I can’t.” (T.L.)

A partida de Tom é uma sentença. A primeira vez que ele comete assassinato não parece afetá-lo eticamente ou socialmente; ao menos não da mesma maneira em que a segunda. Não se está afirmando que os quatro anos em que Tom permaneceu preso não o afetaram, pelo contrário, as experiências que ele acumulou e as pessoas que ele conheceu aparecem em sua fala ocasionalmente – até timidamente – como forma de reflexão sobre a condição humana e, especialmente, sobre a função e utilidade de um sistema carcerário. Além do aspecto físico do rapaz, endurecido pelos anos aprisionado – “Al viu os olhos escuros e taciturnos de seu irmão, e a calma da prisão, o rosto duro e nivelado treinado para não indicar nada para um guarda prisional, *nem resistência nem escravidão*.”⁶⁶ (STEINBECK, 2011, p. 98, grifo nosso).

Entretanto, deve ser apontado como inicialmente Tom não demonstra remorso pelo crime que cometeu, pelo contrário: o que ocorreu poderia facilmente ocorrer novamente.

“Eu faria o que eu fiz – de novo,” disse Joad. “Eu matei um cara em uma luta. Estávamos bêbados em um baile. Ele usou uma faca contra mim e eu o matei com uma pá que estava largada lá. Ele bateu a cabeça no chão.” [...] “Você não tem vergonha de nada, então?”

“Não,” disse Joad, “Não tenho. Eu recebi sete anos, contando que ele tinha uma faca. Saí em quatro – condicional.”⁶⁷ (STEINBECK, 2011, p. 30)

Tendo lidado com as consequências de seu ato, Tom se dá por satisfeito. Seu crime não foi uma grande tragédia, foi um ato de autodefesa que acabou, por acaso, em uma situação julgada por lei. O mais importante: não há receio em retornar à prisão. Tanto que ele não hesita em seguir a família na viagem à Califórnia, mesmo sabendo que, para manter sua liberdade condicional, não poderia sair do estado de Oklahoma. De acordo com ele, “[...] se eu não cometer nenhum crime, eles não vão dar a mínima.”⁶⁸ (STEINBECK, 2011, p. 155).

Entretanto, os Joads percebem que a simples presença na Califórnia é uma ofensa. Tom já não consegue guardar sua fisionomia, não pode continuar sem demonstrar *nem resistência nem escravidão*. Junto à influência de sua mãe, a morte de Casy é um gatilho para o espírito de resistência de Tom. Após tudo o que passou com a família na Califórnia, depois de ter visto tantos outros *okies* sofrendo com perseguições e injustiças, as palavras do velho pregador parecem finalmente fazer sentido para ele.

⁶⁶ “Al saw the dark brooding eyes of his brother, and the prison calm, the smooth hard face trained to indicate nothing to a prison guard, neither resistance nor slavishness.” (T.L.)

⁶⁷ “I’d do what I done—again,” said Joad. “I killed a guy in a fight. We was drunk at a dance. He got a knife in me, an’ I killed him with a shovel that was layin’ there. Knocked his head plumb to squash.” / [...] “You ain’t ashamed of nothin’ then?” / “No,” said Joad, “I ain’t. I got seven years, account of he had a knife in me. Got out in four—parole.” (T.L.)

⁶⁸ “[...] if I don’t do no crimes, they won’t give a damn.” (T.L.)

Na mesma conversa em que a mãe Joad aceita que o filho terá que se afastar dela – um ato, como explorado anteriormente, de importante significado para o novo sentimento comunitário que toma os Joads –, Tom lembra da escritura sagrada que Casy pregou para ele.

“É assim, ‘Dois são melhores do que um, porque eles têm uma boa recompensa pelo seu trabalho. Pois se eles caírem, um deles vai levantar seu amigo, mas pobre daquele que estiver sozinho quando cair, pois não terá alguém para ajudá-lo a se levantar.’ Essa é uma parte.”

“Continue”, disse a mãe. “Continue, Tom.”

“Só mais um pouco. ‘Mais uma vez, se dois dormirem juntos, então eles têm calor: mas como alguém pode se aquecer sozinho? E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.’”⁶⁹ (STEINBECK, 2011, p. 494)

Isolado e perseguido, Tom pode refletir sobre as pregações de Casy, assim como sobre o que ele presenciou em solo californiano. Ele percebe que o seu povo pode sobreviver de forma organizada sem uma força policial os perseguindo e os humilhando; como ocorreu no acampamento estatal em que viveram antes de terem que sair em busca de trabalho. Sua conclusão, altamente revolucionária, é a de que a união dos trabalhadores é a saída para a liberdade do seu povo.

“[...] Tenho pensado muito, pensando em nosso povo vivendo como porcos, e a terra boa e rica de pousio, ou talvez um sujeito com um milhão de acres, enquanto cem mil bons agricultores estão morrendo de fome. E eu estive me perguntando se todos dos nossos se juntarem e gritarem, como os caras gritaram, apenas alguns deles no rancho Hooper——”

A mãe disse: “Tom, eles vão te perseguir, [...]”

“Eles vão me perseguir de qualquer maneira. Eles tão perseguindo todo o nosso povo.”

“Você não pretende matar ninguém, Tom?”

“Não. Eu estive pensando, já que sou um fora da lei de qualquer maneira, talvez eu pudesse – Inferno, eu não tenho tudo decidido, mãe.”⁷⁰ (STEINBECK, 2011, p. 494-495)

⁶⁹ “Goes, ‘Two are better than one, because they have a good reward for their labor. For if they fall, the one will lif up his fellow, but woe to him that is alone when he falleth, for he hath not another to help him up.’ That’s part of her.” / “Go on,” Ma said. “Go on, Tom.” / “Jus’ a little bit more. ‘Again, if two lie together, then they have heat: but how can one be warm alone? And if one prevail against him, two shall withstand him, and a three-fold cord is not quickly broken.’” (T.L.)

⁷⁰ “[...] I been thinkin’ a hell of a lot, thinkin’ about our people livin’ like pigs, an’ the good rich lan’ layin’ fallow, or maybe one fella with a million acres, while a hunderd thousan’ good farmers is starvin’. An’ I been wonderin’ if all our folks got together an’ yelled, like them fellas yelled, only a few of ’em at the Hooper ranch——” / Ma said, “Tom, they’ll drive you, [...]” / “They gonna drive me anyways. They drivin’ all our people.” / “You don’t aim to kill nobody, Tom?” / “No. I been thinkin’, long as I’m a outlaw anyways, maybe I could—Hell, I ain’t thought it out clear, Ma.” (T.L.)

Associamos a futura peregrinação de Tom à sentença pelo crime cometido exatamente por ele tomar a cruz de Casy para si. Dessa vez, ter assassinado um outro homem significou assumir uma responsabilidade *social*: a de guiar seu povo para a liberdade e possibilitar a distribuição de terras para que todos tivessem acesso ao trabalho e a vida digna. Eis a mudança percebida em Tom. E essa revelação foi possível através da sua mudança de perspectiva, uma vez centrada no próprio instinto de sobrevivência, agora na esperança de um mundo novo para os migrantes.

Tom riu desconfortavelmente, “Bem, talvez, como Casy diz, um cara não tem alma própria, mas sim um pedaço de uma grande alma – e então –”
 “[...] Então eu estarei por toda volta no escuro. Eu estarei em qualquer lugar – para onde você olhar. Onde quer que tenha uma luta para que as pessoas famintas possam comer, eu estarei lá. Onde quer que tenha um policial batendo em um cara, eu estarei lá. [...] E quando o nosso povo comer as coisas que ele plantou e viver nas casas que construiu – ora, eu estarei lá.”⁷¹
 (STEINBECK, 2011, p. 495)

Percebe-se que ele já não pertence a si mesmo, Tom passará a viver pelo seu povo, em benefício de uma luta social. Como afirmamos no início dessa sessão: a destruturação da família não significa, necessariamente, a decadência do indivíduo. O caso de Tom mostra exatamente o contrário, se ele deixa sua família, é pelo bem comunitário. Ele experimenta uma ascensão quase divina e onipresente, uma vez que ele assume o símbolo da revolução e proclama cada momento de sobrevivência dos migrantes como um ato de protesto.

Os filhos mais velhos, portanto, ainda que inicialmente satisfeitos a seguir os pais, permanecerem juntos e arranjam novos empregos na Califórnia – a permanência do que *era*, da tradição –, acabam partindo em jornadas solitárias na busca da realização individual. Enquanto os filhos do meio, Rose of Sharon e Al, partem de Oklahoma já com projetos de uma vida nova, moderna e, especialmente, urbana – em oposição à vida tradicional e rural dos padrões paternos. Ambos almejam vidas que não condizem com o ambiente em que habitavam, mas com uma imagem ilusória do que seria o ambiente urbano – desconsiderando os preconceitos que enfrentarão por serem migrantes. É a busca por integração na sociedade, algo esperado da juventude que ainda não se vinculou de forma tão profunda com a terra como os

⁷¹ Tom laughed uneasily, “Well, maybe like Casy says, a fella ain’t got a soul of his own, but on’y a piece of a big one—an’ then——” / “[...] Then I’ll be all aroun’ in the dark. I’ll be ever’where—wherever you look. Wherever they’s a fight so hungry people can eat, I’ll be there. Wherever they’s a cop beatin’ up a guy, I’ll be there. [...] An’ when our folks eat the stuff they raise an’ live in the houses they build—why, I’ll be there.” (T.L.)

avós. Assim, ao final de seus arcos eles precisam reajustar seus sonhos, confrontando ilusão com realidade.

Rose of Sharon, recém-casada e grávida do primeiro filho, idealiza a Califórnia como uma terra de oportunidades. Ela faz planos para que o marido trabalhe de manhã e estude a noite, assim eles poderiam viver na cidade, ter acesso a hospitais, e viver o “sonho americano” da casa própria e participar ativamente do meio econômico na sociedade.

“E ele vai estudar em casa, talvez rádio, daí ele pode ser um especialista e talvez mais tarde abrir a própria loja. [...] E o Connie disse que eu vou ter um *médico* quando o bebê nascer; e ele disse que vamos ver como as coisas vão estar, e talvez eu vá a um hospital. E vamos ter um carro, um carro pequeno.”⁷² (STEINBECK, 2011, p. 192)

A expectativa de comprar coisas novas para o bebê, em contraste com o costume de guardar e reutilizar objetos, condiz com o a mudança social que a família vivencia: da mentalidade de tradição familiar para um sistema econômico altamente produtivo, acelerado, que promove o consumismo. Nota-se que, na casa antiga, a mobília seria passada de geração em geração: “[...] no bloco de corte onde mil galinhas foram mortas e o berço pendurado nas vigas acima.”⁷³ (STEINBECK, 2011, p. 40). Nesse cenário, os objetos parecem durar centenas de anos, permanecendo no tempo e no espaço sem perder sua utilidade. Além disso, um local de morte próximo a um símbolo da infância reforça a ciclicidade da vida, as contínuas gerações que nascem e perecem naquela região.

Mas Rose of Sharon idealiza o *novo*, representado pela esperança de um recomeço para seu próprio núcleo familiar; mas o *novo* também significa uma barreira com o que já é, com o *velho*, com as tradições familiares e os maneirismos e os objetos ritualisticamente transmitidos aos mais jovens. O bebê em seu ventre carrega a sua esperança de uma vida nova, um desejo que ela carrega até o fim, mesmo após Connie ir embora.

No acampamento estatal, aconselham Rose of Sharon a tomar leite, mas a dieta da família consiste em grande parte de farinha, café e carne, e ela se frustra:

“Se o Connie não tivesse ido embora, nós teríamos uma casa agora, ele tendo estudado e tal. Teria o leite que eu preciso. *Teria um bom bebê*. Esse bebê não

⁷² “An’ he’s gonna study at home, maybe radio, so he can git to be a expert an’ maybe later have his own store. [...] An’ Connie says I’m gonna have a doctor when the baby’s born; an’ he says we’ll see how times is, an’ maybe I’ll go to a hospiddle. An’ we’ll have a car, little car.” (T.L.)

⁷³ “[...] at the chopping block where a thousand chickens had been killed, and the patent crib hanging in the rafters over it.” (T.L.)

vai ser bom. Deveria ter tomado leite.”⁷⁴ (STEINBECK, 2011, p. 417, grifo nosso).

A expectativa de uma mãe de primeira viagem, o abandono de Connie, e mesmo a tenruidade de Rose of Sharon são elementos desconstrutores dessa personagem. Partindo da imagem santificada em que ela é apresentada no romance, de introspecção, de devoção ao futuro que cresce na barriga, à jovem que vê seus sonhos impossibilitados. Quando ela escuta que Al planeja se casar logo – um início de algo que ela perdeu –, Rose of Sharon parece parar no tempo, se afasta de todos e, no fundo de uma mata densa com arbustos, se esconde. Ela sente os espinhos cortando seu rosto e puxando seu cabelo “mas ela não se importou. Apenas quando sentiu o arbusto tocando todo seu corpo, ela parou. [...] E ela sentiu o peso do bebê dentro dela.”⁷⁵ (STEINBECK, 2011, p. 502). Ela tenta um retorno ao útero, escondendo-se do mundo real em que nada condiz com os sonhos que tivera; mas ela não consegue ignorar o fardo da criança que carrega.

Seu filho nasce, então, sem vida. Assim como os sonhos dos Joads saindo de Oklahoma, a criança não sobrevive fora do útero materno, do ambiente protegido em que se pode ignorar o desconhecido. E a grande tragicidade do parto caótico de Rose of Sharon é descobrir que todos os planos familiares, a expectativa do *novo*, não tinham chance de sobreviver; como diz outro migrante sobre o bebê, “‘Nunca respirou,’ disse a senhora Wainwright suavemente. ‘Nunca esteve vivo.’”⁷⁶ (STEINBECK, 2011, p. 523).

A decadência de Rose of Sharon está no sufocamento de uma futura família, na perda do marido e do bebê. Entretanto, ela dá à luz a esperança. O filho encarna a posição de profeta quando o tio Joad o coloca nas águas do rio para ser o mensageiro da miséria do seu povo, enquanto Rose of Sharon usa do leite materno para alimentar um homem que morria de fome. Ela aceita sua condição, abandonando o desejo anterior por um recomeço que romperia com seu passado, e abraça um povo faminto e semiconsciente.

Ela se moveu lentamente para o canto e ficou olhando para o rosto abatido, para os olhos arregalados e assustados. [...] “Você precisa”, disse ela. Ela se arrastou para mais perto e puxou a cabeça dele para si. [...] “Aqui.” Sua mão foi para trás da cabeça dele e o apoiou. Seus dedos se moviam gentilmente em

⁷⁴ “Ef Connie hadn’ went away, we’d a had a little house by now, with him studyin’ an’ all. Would a got milk like I need. Would a had a nice baby. This here baby ain’t gonna be no good. I ought a had milk.” (T.L.)

⁷⁵ “but she didn’t mind. Only when she felt the bushes touching her all over did she stop. [...] And she felt the weight of the baby inside of her.” (T.L.)

⁷⁶ “‘Never breathed,’ said Mrs. Wainwright softly. ‘Never was alive.’” (T.L.)

seu cabelo. Ela olhou para cima e para o outro lado do celeiro, e seus lábios se juntaram e sorriram misteriosamente.⁷⁷ (STEINBECK, 2011, p. 536)

Assim como com Tom, o desenraizamento de Rose of Sharon contribuiu para o nascimento de um sentimento de comunidade, um espírito de resistência e sobrevivência popular. E a jovem, antes simplesmente uma mulher abandonada pelo marido para criar o filho dos dois, se torna a mãe do seu povo, a matriarca da resistência. Se o futuro da linhagem dos Joads é comprometido, os *okies* ganham forças para continuar.

Já Al, ainda que também tenha que se conformar com a realidade e não chega a realizar os projetos que tinha para quando chegasse na Califórnia, é mais um filho que, buscando independência, se afasta do ninho paterno. Ele é jovem, mas busca constantemente se reafirmar como homem – ou a noção romantizada do que seria um “macho”, um rapaz independente e galanteador, pela maneira como ele é introduzido na trama: “[...] ele chegou no quintal com um gingado confiante como a de um galo prestes a cantar.”⁷⁸ (STEINBECK, 2011, p. 98). Seu sonho de trabalhar com carros, assim como os planos de Rose of Sharon, indica a modernização das gerações mais novas.

“Eu queria arranjar um emprego em uma garagem se houver trabalho. É disso que eu realmente gosto. E me comprar um Ford. Pintar ele de amarelo e sair por aí. Ver uma garota bonita na estrada. Dar uma piscada pra ela também. [...]”⁷⁹ (STEINBECK, 2011, p. 359)

Ao invés da oposição *família* e *sociedade* percebida nos Joads até agora analisados, Al lida com sua busca por independência e responsabilidade familiar. Ele aceita o cargo de motorista do caminhão quando partem de Oklahoma, mas ele o faz sem a prontidão de seus irmãos.

Al tem duas preocupações quando chega na Califórnia: flertar com as garotas que encontra nos acampamentos de migrantes, e com o dia que poderá trabalhar com carros. Ele não se deixa levar pelo sentimento de injustiça da mesma forma que o restante de sua família, em grande parte por ele considerar sua posição entre os Joads como temporária. A família seria um fardo, um obstáculo entre ele e os seus desejos privados; como ele mesmo diz, “Bem, me

⁷⁷ “She moved slowly to the corner and stood looking down at the wasted face, into the wide, frightened eyes. [...] ‘You got to,’ she said. She squirmed closer and pulled his head close. [...] “There.” Her hand moved behind his head and supported it. Her fingers moved gently in his hair. She looked up and across the barn, and her lips came together and smiled mysteriously.” (T.L.)

⁷⁸ “[...] he came into the yard with a swaying strut like that of a rooster about to crow.” (T.L.)

⁷⁹ “I like to get a job in a garage if they’s any jobs. Tha’s what I really like. An’ get me a little ol’ cut-down Ford. Paint her yella an’ go a-kyoodlin’ aroun’. Seen a purty girl down the road. Give her a big wink, too. [...]” (T.L.)

parece que um cara sozinho tem mais oportunidade de trabalho.”⁸⁰ (STEINBECK, 2011, p. 307). E quando Tom revela o rosto machucado, confessando estar sendo perseguido pela briga que se envolvera na noite anterior, a primeira reação de Al é fugir:

Al estava se colocando de pé agora. “Bem, por Deus, eu sei o que vou fazer. Eu vou cair fora.”
 [...] Tom continuou: “Você tem que ficar, Al. Você tem que cuidar do caminhão.”
 “Bem, eu não estou gostando disso.”
 “Não tem como evitar, Al. É sua família. Você pode ajudá-los. Eu sou um perigo para eles.”
 Al resmungou com raiva. “Não sei por que não me deixam arranjar um emprego em uma garagem.”⁸¹ (STEINBECK, 2011, p. 461)

Ainda que ele busque reafirmar sua independência, ele não desrespeita os pais e os irmãos a ponto de abandoná-los sem aviso. Os Joads não o *deixam*, não o libertam de sua posição dentro da unidade familiar. Portanto ele permanece nesse sistema, mesmo que a contragosto, e independentemente de como ele percebe o mundo ao seu redor – ou seja, que seria mais fácil sobreviver estando sozinho.

A personagem muda, assim como as demais, reforçando a mensagem do romance de que é necessária uma adaptação social em favor de um espírito comunitário para que os migrantes consigam resistir. Al exige ser “libertado” pelos Joads quando se une à moça pela qual se apaixonou. Ele, que julgava a solteirice como a única possibilidade de vida, assume a responsabilidade familiar em detrimento da individualidade e desapego. Para os Joads, isso significa perderem o último motorista hábil do seu grupo; mas para Al, esse é um ato de desenvolvimento individual assim como de independência, uma vez que ele finalmente toma a decisão de separar-se dos pais.

Al disse, “Pai, se eles forem, eu vou também.”
 O pai parecia assustado. “Você não pode, Al. O caminhão – Não temos condições de dirigir aquele caminhão.”
 “Eu não me importo. Eu e a Aggie temos que ficar juntos.”⁸² (STEINBECK, 2011, p. 515)

⁸⁰ “Well, seems to me a lone fella got more chance of work.” (T.L.)

⁸¹ “Al was standing up now. ‘Well, by God, I know what I’m gonna do. I’m gonna get out of it.’ / [...] Tom went on, ‘You got to stay, Al. You got to take care a the truck.’ / ‘Well, I don’ like it.’ / ‘Can’t help it, Al. It’s your folks. You can help ’em. I’m a danger to ’em.’ / Al grumbled angrily. ‘I don’ know why I ain’t let to get me a job in a garage.’ (T.L.)

⁸² “Al said, ‘Pa, if they go, I’m a-goin’ too.’ / Pa looked startled. ‘You can’t, Al. The truck – We ain’t fit to drive that truck.’ / ‘I don’ care. Me an’ Aggie got to stick together.’” (T.L.)

Dentre os quatro filhos dos Joads, Al e Noah buscam caminhos separados da família por motivos individuais, enquanto Tom e Rose of Sharon abraçam a luta popular. Todos, entretanto, têm sua parte na desestruturação familiar dos Joads. A mãe, antes de compreender que, se os pequenos grupos pareciam se autodestruir, era para que os migrantes pudessem se entender como parte de *uma* grande família, resumiu a decadência dos Joads:

“Tinha uma vez que estávamos lá na terra. Tinha uma fronteira para nós, naquela época. Velhos morriam, e pequeninos vinham, e nós éramos sempre uma só coisa – éramos a família – algo meio inteiro e certo. E agora não somos mais assim. Eu não consigo entender. Não há mais nada que nos mantenha seguros. Al – ele está resmungando e se coçando para sair por aí por conta própria. O tio John está apenas se arrastando junto. O pai perdeu seu lugar. Ele não está mais no comando. Estamos nos desfazendo, Tom. Não há mais família agora. E a Rose of Sharon –”. Ela olhou em volta e encontrou os olhos arregalados da menina. “Ela vai ter seu filho e eles não vão ser uma família. Eu não sei. Tenho tentado fazer com que ela siga em frente. O Winfield – o que ele vai ser, desse jeito? Ficando selvagem, e a Ruthie também – como animais. Não têm nada no que confiar. Não vá, Tom. Fique e ajude.”⁸³ (STEINBECK, 2011, p. 463-464)

Como exposto anteriormente, a desestruturação familiar abre espaço para a ascensão de um novo sistema de organização dos migrantes, um sistema que une *okies* de diferentes famílias sob uma única causa: a sobrevivência. Esta causa pode reivindicar a necessidade por rebeliões, por lutas trabalhistas, por protestos pela intervenção estatal, entre outras formas de buscar a melhoria das condições de vida dos migrantes. E isso só passa a ser possível uma vez que eles passam a pensar no coletivismo, como no acampamento estatal, em ajudar um ao outro, criando as próprias leis e regulamentações.

Se a desestruturação familiar em *As vinhas da ira* resulta em uma mensagem de esperança, em *A bagaceira* ela serve de denúncia da corrupção moral dos sertanejos. No romance brasileiro, há também o afastamento dos filhos em relação ao alcance paterno, assim como a tendência da personagem adulta de se agarrar ao passado – Valentim almejando o retorno ao sertão – enquanto os mais jovens procuram se adaptar à nova região. Entretanto, um elemento que podemos realçar na obra de José Américo de Almeida é a *falha*: Valentim falha

⁸³ “They was the time when we was on the lan’. They was a boundary to us then. Ol’ folks died off, an’ little fellas come, an’ we was always one thing—we was the fambly—kinda whole and clear. An’ now we ain’t clear no more. I can’t get straight. They ain’t nothin’ keeps us clear. Al—he’s a-hankerin’ an’ a-jibbitin’ to go off on his own. An’ Uncle John is jus’ a-draggin’ along. Pa’s lost his place. He ain’t the head no more. We’re crackin’ up, Tom. There ain’t no fambly now. An’ Rosasharn—” She looked around and found the girl’s wide eyes. “She gonna have her baby an’ they won’t be no fambly. I don’ know. I been a-tryin’ to keep her goin’. Winfiel’—what’s he gonna be, this-a-way? Gettin’ wild, an’ Ruthie too—like animals. Got nothin’ to trus’. Don’ go, Tom. Stay an’ help.” (T.L.)

com Soledade, pois não consegue vingar a honra perdida da filha, e Pirunga faz o mesmo quando, perdendo o controle de si, tenta assassiná-la. Ou seja, os efeitos do processo de desenraizamento agem de modo a desconstruir os valores sertanejos nos retirantes, trazendo-as ao mesmo patamar em que são vistos os brejeiros. O resultado é o rompimento interno de todos os laços que formavam o pequeno núcleo familiar de Valentim.

Se esse fenômeno está centrado em Soledade, muito se deve ao fato que, se a menina nasceu e cresceu no sertão, ela *floresceu* no brejo. Os valores contrastantes desses dois polos regionais serão mais bem abordados no capítulo seguinte, aqui basta apontar que o sertão é percebido por grande parte das personagens como moralmente superior ao brejo; ou seja, os sertanejos seriam exemplo de honra, coragem e dedicação, enquanto o brejeiro seria o indivíduo preguiçoso e corrompido. Ora, se Soledade passa para a puberdade, ganhando toda a beleza feminina que a seca tirara, em um espaço de valores contrários aos da terra paterna, não seria de se esperar que ela fosse uma mistura dessas duas regiões? Mas a mentalidade dos retirantes é a de preservação da pureza do seu povo, devendo, então, isolarem-se dos *outros* – reação oposta à busca de Soledade por amor.

Vamos entender o que se quer dizer por “florescer”. Soledade chegara no engenho de Marzagão com a magreza característica dos retirantes do romance, de “[...] corpo desfeito, de graças consumidas” (ALMEIDA, 1981, p. 8). O feitor, de bom humor, comenta que “[...] não tem onde se dar um beliscão. Só falta mesmo voar...” (ALMEIDA, 1981, p. 8). Mas Lúcio percebe os olhos verdes e acesos da menina, algo de vivo e ardente no corpo mirrado: “Só lhe resta o olhar de fogo-fátuo⁸⁴” (ALMEIDA, 1981, p. 8). Há um ar de mistério sobre a chegada de Soledade, inclusive por ter sido ela que, levantando a voz para pedir água, involuntariamente convence Dagoberto de abrigar sua família. Enxergando a menina pela primeira vez, Dagoberto a encara, “[...] como quem reconstitui uma visão ou evoca um fato,” (ALMEIDA, 1981, p. 7), vendo a falecida esposa no rosto cansado.

Percebe-se que Soledade é precocemente sexualizada independente da sua condição física deplorável. Com o tempo vivendo na mata farta, seu corpo recupera o peso perdido durante a seca: “Refazia-se. Mais cheia do corpo. Tinha vindo amarela, cor de flor de algodão. Embranquecia e rosava-se, levemente” (ALMEIDA, 1981, p. 15). Em seu desenvolvimento puberal, Soledade é a própria natureza, cheia de aromas, repleta de vida. À medida que ela

⁸⁴ Sobre fogo-fátuo: “É um impressionante fenômeno que costuma ocorrer em cemitérios ou pântanos. De tempos em tempos, surgem misteriosas chamas azuladas, que aparecem por alguns segundos na superfície e logo depois somem.” Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-fogo-fatuo/>. Consultado em 24 set. 2021.

abandona os resquícios da inocência infantil, ela amadurece, como uma fruta chegando ao ponto de ser colhida: “Ela do galho em que estava soltou-se, caindo na folhada, *como um fruto gostoso*.” (ALMEIDA, 1981, p. 52).

As pontes feitas entre a natureza e a Soledade reforçam a ideia de que, a partir do momento em que ela chega no engenho, ela é tida como um fruto proibido. Não apenas ela como mulher, mas especialmente sua virgindade. Assim, enquanto o “[...] pomar desmanchava-se em aromas” e a “[...] brisa parecia o perfume agitado”, Soledade cheirava “[...] como se toda a floração se tivesse entornado nela, como se estivesse florindo também em suas graças sexuais.” (ALMEIDA, 1981, p. 25). Ela exala os “cheiros virginais”, como se passasse a anunciar – de maneira bruta – ao resto da fauna local que estaria pronta para iniciar os “processos de acasalamento”; essa é a maneira pela qual ela é vista nesse espaço, como *algo a ser tomado*, enquanto seus desejos pessoais são impossibilitados.

Próximo de Soledade, Dagoberto se bestializa. Ele parece incapaz de usar a fala com Soledade, portanto faz uso de presentes, de mensageiros, de gestos grosseiros – como um animal.

O senhor de engenho, tão fechado, passara por ela, sem olhá-la. Baixara-se adiante. Parecia estar a colher as flores marginais. De fato, colhera-as. E, esperando-a, oferecera-lhas — um molho roxo — *com um riso arregaçado no focinho insaciável*. (ALMEIDA, 1981, p. 25, grifo nosso)

Soledade então percebe que as flores eram de um tipo indiscreto (chamadas espia-caminho), “[...] que as mulheres tanto hostilizavam.” (ALMEIDA, 1981, p. 25). Ela se livra das flores, mas o gesto de Dagoberto não é esquecido com facilidade. E nesse cenário animalesco, em que todos parecem perseguir sua beleza, especialmente uma besta de um homem, ela se sente “[...] desassossegada, receosa [...]” (ALMEIDA, 1981, p. 25), e busca a companhia do ingênuo Lúcio. Mas mesmo Lúcio, romanticamente púbere e recatado, chega ao ponto de agir como o pai: “Sorvia o ar, *farejando-lhe* o almíscar virginal.” (ALMEIDA, 1981, p. 50, grifo nosso).

E a menina, que começa a sentir “[...] o primeiro toque de puberdade que ensaia adivinhar os mistérios interiores.” (ALMEIDA, 1981, p. 24), precisa lidar com o assédio constante no brejo. Levando o almoço aos trabalhadores, sentia os olhos dos homens suados e quase desnudos pelo seu corpo:

A cupidez das olhadelas ardia-lhe como o pelo da cana. Os trabalhadores, em tiras, esmolambados, entremostravam os corpos oleosos. [...]

Valentim, vexado, postava-se na frente dela, como para tomar-lhe a vista:
 — Vá-se embora, minha filha! Não está vendo essa gente toda esgulepada?
 (ALMEIDA, 1981, p. 15, grifo nosso)

Recuperando suas forças, Soledade também retorna “[...] à desenvoltura de seu natural.” (ALMEIDA, 1981, p. 50). É interessante apontar como todos a sua volta reparam quase exclusivamente em sua beleza, em suas características físicas. Em Soledade há um espírito aventureiro e indomável enraizado na infância libertadora do sertão.

Criada, sem brincos de menina, nos folguedos dos irmãos mais velhos, contraíra os mesmos hábitos de liberdade e de audácia rústica. E, não logrando condicionar-se à vida sozinha, fugia ao tédio caseiro, vagueando por vales e grotões, com uma vivacidade de passarinho indoméstico. Recobrava o jeito das escapadas pelos serrotes e tabuleiros sertanejos, atrás de frutas do mato ou dos cabritos fujões. (ALMEIDA, 1981, p. 50).

Querendo liberdade, necessitando experimentar a vida, Soledade age como criança, fugindo pela mata, escapando do zelo de Valentim e Pirunga. Ela experimenta o que os outros retirantes parecem não perceber: a liberdade oferecida pela mata, pela natureza que cerca o engenho – “[...] Soledade não deixava de se deleitar nessa constância de beleza agreste comparada com a natureza precária do seu sertão.” (ALMEIDA, 1981, p. 51). Soledade amadureceu no brejo, entrou em sintonia com o ambiente, e, portanto, busca enraizar-se, enquanto Valentim e Pirunga preferem se isolar.

Essa busca por novas raízes é praticamente uma reação ao perceber o impacto que ela tem nos homens. Quando se vê livre para perambular pela cidade de Areia, Soledade considera essa possibilidade: “Louçã e bem-feita, sentia-se bela pelos olhos de tanta gente. [...] Passou-lhe pela mente que poderia ressarcir com esse dom o conforto perdido.” (ALMEIDA, 1981, p. 49). Tendo escutado os rumores espalhados pelos trabalhadores do engenho, de que ela e Lúcio estariam tendo um caso, Soledade se frustra.

Se os homens se comportavam assim, como os bichos de sua convivência, nas cenas de fecundidade da fazenda, por que Lúcio, que a seguia por toda parte, como o marruá acompanha as vacas solteiras, não lhe dera ainda um sinal dessa animalidade? (ALMEIDA, 1981, p. 54)

Percebe-se que Soledade, criada na fazenda do pai, renascida no engenho de Dagoberto, está habituada a viver no meio de bichos, tanto o é que, para ela, é de se esperar que os homens se comportem como animais quando buscam uma fêmea. Tendo deixado a infância, ela busca se estabelecer como mulher, planejando conquistar sua liberdade – assim como Al, em As

vinhas da ira. Tanto Al quanto Soledade se encontram entre a rebeldia adolescente e os bons costumes da tradição hereditária, e ambos procuram afirmar sua independência por meio do que os torna especiais (ou *únicos* em relação aos seus arredores); Al com seu conhecimento sobre carros, Soledade com seus atributos físicos.

Portanto, de fato, Soledade busca tirar proveito ao estabelecer uma relação com algum dos moradores da casa grande. Entretanto, Dagoberto e Lúcio buscam em Soledade uma memória da falecida senhora de engenho, prima de Soledade. Quem eles veem quando olham para a menina é um fantasma, presente apenas no grande retrato desbotado, pendurado na parede. Em Lúcio isso é evidente, uma vez que, enquanto a retirante busca concretizar o amor entre os dois, Lúcio a trata como uma das heroínas de seus romances românticos e mórbidos: “Idealizava-a numa figura de romance. Pressentia-lhe as fatalidades de Helena e Carlota, destruidoras de cidades.” (ALMEIDA, 1981, p. 61). Não se encaixando na imagem de pureza que Lúcio enxerga, Soledade eventualmente se frustra. Afinal, seu pragmatismo dita que, se ela quer recuperar o conforto que perdera, precisa que Lúcio haja como um animal em busca de uma “vaca solteira”.

Dagoberto cumpre esse papel quando viola Soledade no meio da mata. Ela teria seu sonho realizado, mas veja que há amargura na forma em que conquistou seu conforto. Enquanto mimava Dagoberto, deitado sobre seu colo, a retirante “[...] descaiu a fronte. Evocava, numa crise de remorso, *a cena de sua perdição*.” (ALMEIDA, 1981, p. 100, grifo nosso). A retirante relembra, então, o dia em tentou correr do senhor de engenho, que a pegara de surpresa enquanto se banhava em uma cachoeira. “Não fora nada de ninfas nem de faunos; mas um primitivismo pudico — o Brasil brasileiro com mulheres nuas no mato...” (p. 101). Na cena curta e violenta, como poderíamos afirmar que Soledade “conseguiu o que queria”?

Assim como Rose of Sharon, Soledade formula planos sem ter total entendimento da dura realidade em que se insere. Rose of Sharon parte de Oklahoma convencida de que Connie conseguiria estudar e trabalhar assim que chegassem na Califórnia – afinal, qualquer um conseguiria ter sucesso se trabalhasse o suficiente. Soledade, vendo o tipo de coito realizado entre os animais, possui uma percepção romântica pragmática. Não teria como esperar outra coisa, afinal, ainda estava se descobrindo como mulher.

Diferente da última retirante com quem Dagoberto se envolveu, entretanto, Soledade é mantida na posição de amante. Ela não recebe a posição de esposa e, assim, após a morte de Dagoberto e a tentativa assassinato de Pirunga, ela foge do engenho. Quando ao final do romance, fraca pela seca, trazendo o filho bastardo, concretiza-se a decadência de Soledade:

Soledade representava todos os gravames da seca. *Não conservara, sequer, aquele acento de beleza murcha da primeira aparição romântica.* As olheiras funéreas alastravam-se como a máscara violácea de todo o rosto. Encrespava-se a pele enegrecida nas longas ossaturas. E trazia as faces tão encovadas que parecia ter três bocas. (ALMEIDA, 1981, p. 113, grifo nosso)

Nada sobrara da moça que chegara na porta da casa grande anos atrás. Nela já não havia sua virgindade de donzela a oferecer. E como sertaneja, Soledade corrompe todos os valores tão estimados pelo pai. Ela buscou usar da beleza para ganhar conforto, envolveu-se com Dagoberto e teve um filho fora do casamento.

Percebe-se então que quando Soledade busca usar dos seus atributos, da sua beleza, para aplacar os sentimentos de Pirunga, este tem asco do que vê. Soledade já não era o fruto amadurecido, havia caído, apodrecendo: “Pirunga sentiu-lhe o calor do corpo profanado. Ela tinha a boca em fogo. E ele teve nojo dessa boca que lhe parecia uma ferida aberta, com rassaibos de beijos podres.” (ALMEIDA, 1981, p. 105)

Como a escritora Ângela Castro coloca:

E a degradação dos sertanejos se completa, de maneira definitiva, pelo conhecimento deste *sabor estranho* aos valores que estruturam seu código de honra: a DIGNIDADE, a LEALDADE e a CORAGEM. Não será por acaso que o discurso de “amor” proferido pelo senhor de engenho desconhece “sua pessoa fundamental, que é o EU”. (CASTRO, 2010, p. 136)

A queda de Soledade inicia quando ela é abrigada no brejo e é deixada para construir suas próprias raízes no engenho do Marzagão. Ou, mais especificamente, sua degradação tem início quando Dagoberto a enxerga. E sua jornada é essencial na compreensão da degradação familiar de Valentim, pois é na perda dos valores sertanejos que esse processo se concretiza.

Valentim e Pirunga carregam a responsabilidade de proteger Soledade, de mantê-la longe das influências do brejo, especialmente dos brejeiros. A proteção viria da honra tradicionalista de se manter as moças virgens até o dia de seu casamento, algo que carrega um grande significado para Valentim, que se viu forçado a brigar com o melhor amigo para fazê-lo cumprir sua obrigação e se casar com a moça que desvirtuara. Ao contar a história da cicatriz que ganhou de Quincão, “Parecia que ele nutria um empenho intencional na evocação da tragédia. Queria reconstituir seu passado sanguíneo, como se servisse de escarmento aos apetites ruins que lhe rondavam, visivelmente, o lar provisório. (ALMEIDA, 1981, p. 27). Foi, afinal, o sentimento de dever sertanejo que fez Valentim buscar o amigo e acertar as contas.

O pai de Soledade, no entanto, pouco faz para controlar a filha. Quando escuta de Pirunga que Soledade estava andando de cavalo abraçada com Lúcio, o sertanejo diz não se

preocupar, pois pelo filho do senhor do engenho “[...] eu boto a mão no fogo.”; ainda assim, “[...] quando encontrou Lúcio, carregou o sobrecenho e não lhe deu palavra. (ALMEIDA, 1981, p. 50). Parece lidar com as escapadas da filha da mesma maneira com que lida com a seca: resignadamente. Valentim não levanta a voz para falar com Lúcio nem com a filha, ele apenas se cala e guarda o rancor dentro de si.

Essa passividade é malquista pelos brejeiros, que veem segundas intenções na atitude de Valentim: “Só tem uma filha, n'água e no sal. E, em vez de pôr a regra na boca do saco, fecha os olhos porque é com quem é.” (ALMEIDA, 1981, p. 51). Entretanto, o que é sugerido é que Valentim preza pela felicidade da filha, sabendo da preciosidade da mata rica para quem fugiu da seca:

Valentim não dava por essas digressões; por isso não lhe punha cobro à vida buliçosa, mais do que convinha num meio tão incerto. E vedar-lhe a única recreação compatível com o seu gênio irrequieto, privá-la dessa existência livre, enclausurá-la na sujeição doméstica seria subtrair-lhe todo o sabor da serra privilegiada. (ALMEIDA, 1981, p. 51-52)

Mas tendo em vista tudo o que já foi exposto sobre a história de Soledade e a família de Valentim, entende-se que o receio do retirante em mantê-la em casa apenas auxiliou os planos de Dagoberto. Quando Lúcio volta aos estudos, saindo do engenho, Valentim percebe mudanças no comportamento da filha. Ele é corroído pela dúvida, ele “Oscilava entre o remorso do juízo temerário e o horror da realidade.” (ALMEIDA, 1981, p. 73). Até o dia em que se deixa levar pela raiva e ataca Soledade “[...] num esgarrão de raiva.” (ALMEIDA, 1981, p. 74), e no conflito, encontra os presentes recebidos por Dagoberto.

Soledade mente, diz ter sido Pirunga quem a presenteou, e o rapaz percebe ter uma chance de ganhar os favores do coração tão disputado de Soledade. “Remirou a prima. Seu rosto não denotava nenhuma perturbação; mas, reparando-se bem, os olhos confessavam-se de algum modo.” (ALMEIDA, 1981, p. 75). Percebendo serem verdadeiras as acusações de Valentim, de que Soledade estava de caso com alguém, Pirunga esclarece para Valentim que as joias não haviam sido presente dele. Não há honra ou coragem em seus atos, apenas o orgulho ferido de não ter sido escolhido pela moça.

E Valentim saí correndo, buscando o violador da filha. Ao encontrar um compadre passando pelo engenho, entretanto, Valentim esquece o sentimento de vingança por um momento e pergunta de suas terras. Ele se sente nostálgico, enquanto percebe o quão perdido está no mundo: “Aviventava a nostalgia incurável, o mal de uma instabilidade que não condizia com a vida sedentária de seu natural. Era a árvore adulta que, arrancada pela raiz, não pega

mais.” (ALMEIDA, 1981, p. 77). Ele se percebe, então, como um indivíduo desenraizado e, portanto, desconectado com o seu meio. Assim como Soledade, Valentim “cai” de sertanejo a brejeiro. No mesmo encontro, o colega do sertão aponta esse fato:

– Eu não contava que o senhor tivesse descido...
 Era a forma de indicar a direção dos brejos.
 – Desci e... desci muito.
 – E está acabado...
 – A gente é como o gado sujeito que, tirado do pasto, morre de tristeza. Também dá mal-triste na gente. Não está nas minhas forças. (ALMEIDA, 1981, p. 76)

Percebe-se que a depressão causada pelo distanciamento o faz se sentir caído, degradado pelo brejo. Anoitece, e o amigo de Valentim estranha seu silêncio; ao que o retirante responde “Tenho uma tranca nos peitos.” (ALMEIDA, 1981, p. 77). O rancor que guardara dentro de si arrisca sair em um rompante assassino.

Tentando dormir, Valentim se revira na cama, dividido entre seguir seu código de honra sertaneja e vingar-se de Manuel Broca, ou abraçar a volta ao sertão: “Ele sabia que o crime lhe acarretaria a prisão no meio adverso. A nostalgia quebrantava-lhe o pensamento de vingança.” (ALMEIDA, 1981, p. 79). Sua decisão de deixar o crime do feitor impune, preferindo ter uma oportunidade de voltar ao sertão, sinaliza a *sua* queda, sua falha em relação à Soledade. Ele nada é fora da sua terra, por isso parece perder a voz e deixa-se levar pela mágoa silenciosa quando lida com adversidades.

Pirunga, sendo o que decide vingar-se do feitor, não age de forma a proteger a família, mas para aliviar o ego do amante rejeitado. E Valentim, tentando aplacar, diz: “A gente não deve pegar em tudo. Vamos e venhamos, se fosse em nossa terra... Largue mão dessa besteira!... Uma coisa de nada...” (ALMEIDA, 1981, p. 80); uma constatação falsa, sabe-se, pois quando o mesmo ocorrera entre seu melhor amigo e uma moça que não lhe era aparentada, sua reação foi oposta. Como tudo parece se corroer com a revelação de Soledade, Pirunga recusava obedecer ao pai. “Desobedecia pela primeira vez.” (ALMEIDA, 1981, p. 80). Pirunga falha com Valentim, inclusive, na sua promessa de não matar Dagoberto. Ele pode não ter o feito diretamente, mas Pirunga carrega a culpa de ter quebrado sua promessa.

Por fim, Valentim, estando encarcerado, pensando ter a filha morta e não tendo tido o direito de tirar satisfações com seu esturador, desiste do seu maior desejo: da liberdade.

— Eu já nem faço conta de me livrar... A gente sai contente da cadeia quando tem o que é seu. O que a seca não levou se perdeu na bagaceira!... — recusou o criminoso.

E, inadvertidamente:

— Não tenho mais o que fazer. Tinha um serviço em mente, mas já está feito...
(ALMEIDA, 1981, p. 108)

Como podemos entender a desestruturação familiar em *A bagaceira* a partir dessa curta exposição? Entende-se que Soledade caiu, rebaixando-se ao mesmo nível do povo do brejo, abandonando a superioridade com que eram tidos os sertanejos. Dessa queda, os homens de sua família também se degradam na tentativa de manter a tradição – ou seja, reivindicar o direito de vingança contra o amante da menina –, falhando com ela e com eles mesmos. Afinal, Pirunga age contra os pedidos do pai, enquanto Valentim desiste do próprio retorno à terra.

Sobre a ilusão de superioridade sertaneja tão impregnada nas personagens retirantes, Castro (2010) explica.

Podemos afirmar, sem dúvida, que a realidade dos sertanejos está duplamente exposta, no romance de José Américo de Almeida: em relação ao ambiente natural, pela passividade fatalista que caracteriza sua convivência com a seca; em relação ao brejo, pelo choque entre a visão mítico-heróica e as “leis” da bagaceira. Daí o acento trágico da narrativa. E o “cavaleiro andante” queda enlameado. (p. 139-140)

Por esse motivo pode-se realçar o sentimento de Valentim de que a bagaceira é responsável pela sua degradação. No contraste entre os valores que ele carrega consigo e a liberdade corrompida do brejo, seu núcleo familiar perece.

4 ENTRE MIGRANTES E LOCAIS

Não é o bárbaro que nos ameaça, é a civilização que nos apavora.

Euclides da Cunha, em *Os Sertões*

Delimitações regionais podem ser apenas linhas imaginárias, mas com os efeitos do tempo uma região também pode acumular uma série de símbolos que são marcados no imaginário coletivo. A partir da repetição desses símbolos, cria-se uma identidade regional que, por ser uma tentativa de uniformizar uma população tendo por base unicamente o espaço, leva aos estereótipos errôneos e costumeiramente preconceituosos de um povo.

Vista espacialmente, uma região possui certos elementos geográficos, naturais, sociais, históricos, que dialogam entre si e trabalham para formar uma *cultura* local.

Tudo isso está condensado na consciência de observadores externos e internos das paisagens, que são experienciadas em si como espaço relativamente uniforme, fato que não raramente conduz a que uma aglomeração humana que o habita e sua forma de viver sejam amalgamadas em uma “cultura” e, ao mesmo tempo, equiparadas com o *seu* espaço geográfico, de modo que nomes de regiões possam ser, simultaneamente, geográficos, étnicos e culturais (bem como políticos, em que uma cultura se dá em forma de Estado ou assim se deixa cunhar). (JOACHIMSTHALER, 2013, p. 2013)

No Brasil, atualmente, fala-se do “Sul”, do “Nordeste”, ou mesmo dos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, como espaços distintos culturalmente, de maneirismos e crenças particulares, disseminados pelo “sulista” e pelo “nordestino”, pelo “paulista” e pelo “carioca”. Pode-se até esclarecer, de forma jocosa, que é claro que estereótipos nem sempre são verdade; afinal, nem todo brasileiro gosta de futebol e carnaval, não é mesmo? Fosse tão simples livrar-se de anos da propagação de estereótipos, não seria usada a palavra “nordestino” de forma pejorativa.⁸⁵

Os perigos dos estereótipos vão além dos gostos e desgostos de algumas comunidades. O que se percebe é que, *a partir* de determinadas noções regionais, são criados preconceitos que servem para isolar ou marginalizar pequenos grupos culturais. E desse poder de modificar opiniões públicas, criando caricaturas dignas de riso, até mesmo de pena, para ilustrar um regionalismo típico, nascem relações de controle e poder. Para Albuquerque Júnior (2011):

⁸⁵ Para maior aprofundamento no assunto, consultar artigo escrito pela pesquisadora Valéria B. Magalhães, disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/preconceito-interfere-na-percepcao-sobre-a-identidade-do-migrante-nordestino/>

A região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 37)

Com isso em mente, pode-se dizer que uma região é formada de forma quase aleatória, sujeita ao trabalho do tempo, às fronteiras estipuladas por um Estado, e especialmente à mídia responsável por disseminar esses símbolos associados a uma caricatura regional. Quando um indivíduo migra, entretanto, ele carregaria essa região com ele, não por ser ele mesmo portador desses traços marcados como sendo de seu povo, mas pelas expectativas daqueles que o recebem. Para o espaço que o imigrante vai, haverá uma imagem contra a qual ele será comparado, da mesma maneira que esse indivíduo também terá sua própria concepção dos locais que encontrará nesse novo espaço. O contraste entre o que é e o que se espera de um cenário, entretanto, não é suficiente para dissipar o que se cria na mente: “Concepções de cenário estão, muitas vezes, tão carregadas de significados, que censuram de maneira forçosa essa exiguidade insatisfatória de qualquer cenário real.” (JOACHIMSTHALER, 2013, p. 80).

Se podemos compreender que regionalismos são forjados e ilusórios, qual o motivo de eles serem usados de argumentos nos conflitos entre locais e migrantes em ambas as obras? Qual motivo existe para *brejeiro* e *okie* serem usados pejorativamente? Estando no mesmo patamar, tendo que trabalhar lado a lado, é no conflito que esses polos se concretizam, se alimentando das diferenças entre eles *para reforçar suas próprias identidades*. Pode-se ir mais adiante e perceber que a construção histórica desses regionalismos serviu aos donos do poder para manter o migrante: (a) isolado socialmente; e (b) fora do aspecto político da região.

Primeiramente, sob uma perspectiva de imigrantes entre nações, Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio* (2003), diz:

E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (p. 50)

Mantendo o status de refugiado – de retirante, de migrante, ou seja, *temporário* –, o indivíduo é impossibilitado de se inserir na bolha que é a comunidade local. Portanto ele carrega consigo o rótulo do “outro”, do “estranho”, do “migrante”. O que ele carrega de diferente é visto como símbolo de corrupção. Suas raízes são rejeitadas e o seu *viver* é praticamente criminalizado.

Em sua obra *A Imigração*, Abdelmalek Sayad (1998, p. 46-47) analisa a posição social do imigrante. De acordo com o autor, quando o imigrante é visto socialmente como uma *necessidade* para o bom funcionamento de uma comunidade, todos compartilham a ilusão da migração definitiva. Contudo, uma vez que as dificuldades, as inconveniências, da existência dos migrantes são mais evidentes do que seu trabalho, tal ilusão se desfaz. Ela é substituída, então, pelo sentimento de migração *provisória*; eis o tratamento rude e ignorante contra migrantes, que cresce junto à pressão popular para que eles retornem as suas terras – ou, de forma mais cruamente explícita, que se retirem daquela região.

Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. (SAYAD, 1998, p. 55)

Isso é essencial no entendimento de *As vinhas da ira*, tendo em vista a precariedade em que os Joads precisam viver, e a própria instabilidade regional. Perseguidos pelos oficiais de polícia, os acampamentos de migrantes não oferecem segurança alguma. E qualquer sinal de resistência ou de protesto por parte dos *okies* engatilha a ação bruta dos xerifes, que aprisionam e lidam com os “vermelhos” com o tipo de violência que pretende desencorajar outros de fazerem o mesmo. Em *A bagaceira*, tendo em vista que o dono do poder é Dagoberto, podemos perceber algo sutilmente semelhante, uma vez que ele permite a permanência dos retirantes em seu engenho enquanto ele pode usufruir de Soledade.

Nesse capítulo, serão analisados os conflitos entre trabalhadores locais e migrantes nas obras. Em *As vinhas da ira*, isso se dá entre os *okies* e os californianos, que bestializam os recém-chegados de forma a desumanizá-los, negando-os a empatia e o tratamento humano que deveria ser estendido, ao menos, aos seus compatriotas. O mesmo ocorre em *A bagaceira*, uma vez que os sertanejos e os brejeiros, mesmo dividindo a mesma posição social e atividades de trabalho, se veem separados por aspectos culturais e, de certo modo, morais.

Essa diversidade criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos. Estrugia a trova repulsiva:

*Eu não vou na sua casa,
Você não venha na minha,
Porque tem a boca grande,
Vem comer minha farinha*
(ALMEIDA, 1981, p. 4-5)

4.1 Identidades regionais – pontes entre sertão e brejo

Para o sulista, há o *Nordeste*. Uma *unidade*. Uma região *única*: o nordeste da seca, do cangaço, do coronelismo. Mas como já explorado anteriormente, isso está longe da verdade. São vários os *tipos* que habitam uma região; em *A bagaceira*, são apenas dois, sertanejos e brejeiros. Estas são identidades regionais carregadas de preconceitos, inclusive, no recorte aqui trabalhado, acometidas pelas mazelas da fome e de falhas estruturais no sistema econômico.

A rivalidade entre estes dois grupos tem uma base histórica e geográfica e é especialmente fundamentada nas fontes nutricionais disponíveis – ou na falta destas. Em um estudo originalmente publicado em 1946, intitulado *Geografia da fome*, Josué de Castro analisa o fenômeno da fome, suas causas e consequências, mostrando como é uma questão social, econômica, ambiental e política, e especialmente de saúde pública. De acordo com Castro (1984), enquanto os sertanejos tinham maior acesso ao consumo de proteínas graças à pecuária típica da região, o nordeste da cana-de-açúcar era tomado por uma dieta baseada em alimentos açucarados e de baixo valor nutricional.

Desta alimentação precária resultam graves consequências para as populações nordestinas: umas específicas, presas em relação de causa e efeito às diferentes carências que a dieta acarreta; outras inespecíficas, refletindo, porém, a miséria orgânica a que o meio social reduziu o homem da bagaceira. (CASTRO, 1984, p. 145)

Para o povo da região da mata, a deficiência em ferro seria comum, o que levaria a uma epidemia generalizada de anemia alimentar. Isso explicaria a imagem do brejeiro fraco e sem energia – grandemente disseminada pela figura do Jeca-Tatu –, uma vez que ele cansaria com facilidade ao fazer esforço físico, não acompanhando o mesmo ritmo de trabalho de outras regiões brasileiras. Em decorrência desse preconceito, o “[...] sertanejo sempre se sentiu superior ao brejeiro, tachando-o de preguiçoso, pela pequena capacidade de trabalho que ele demonstra.” (CASTRO, 1984, p. 145)

Pode-se ir além, entendendo que a caracterização de um povo como “preguiçoso” é reducionista, além de fazer parte de esquemas de poder. Na época da chegada dos portugueses ao Brasil, os índios eram tachados de preguiçosos por não possuírem a ambição europeia – um grande problema solucionado pelas décadas seguintes de exploração e aculturação em solo americano. Centenas de anos depois, e os nordestinos passaram pelo mesmo processo, rotulados de preguiçosos pelas “modernas” elites paulistas, interessadas nas oportunidades de lucro na conquista de um novo território. Tendo criado essa dicotomia entre São Paulo e o restante do

Brasil – o primeiro sendo associado ao dinamismo e ao progresso, enquanto o restante era associado à imobilidade e a indolência –, os investimentos feitos fizeram pouco mais do que focar nos próprios ganhos, no acúmulo de terra, enquanto ofertando melhoras básicas na condição de vida para poder manter uma mão de obra barata. Enquanto isso, o “[...] que de fato não faltou foi violência, repressão e desprezo pelas condições de vida da maioria, revelando que na prática a modernidade era coisa apenas para os bem-nascidos.” (AZEVEDO, 2012, p. 116). Na febre de modernização que tomou a comunidade cafeeira, São Paulo se tornou centro urbano e cultural, enquanto o restante do povo brasileiro seguia com o rótulo de retrógrado.

Entendendo como esses aspectos regionais influenciaram na caracterização dos estereótipos nordestinos, pode-se ver em *A bagaceira* essa dicotomia entre sertão e brejo e como as personagens reforçam esses conceitos; enquanto a narrativa expõe a degradação de ambos os grupos. O retirante, afinal, ainda que se coloque em uma posição superior ao brejeiro, termina preso, abandonado, e permanece empregado, subserviente ao senhor de engenho.

Faremos agora um levantamento da caracterização mental e social de cada polo. Do sertão, prevalece a imagem da terra querida e ingrata, dura com o sertanejo, que sobrevive a partir do fortalecimento do seu caráter, de sua personalidade. Do espaço, cria-se um molde de um povo. Valentim é sertanejo, essa é sua identidade e ele a trata como tal, como justificativa de seus atos e de sua moralidade.

Em uma conversa com Lúcio, que indaga o motivo pelo qual Valentim sente saudade da terra em que quase morreu, o retirante constata:

— Moço, sertanejo não se adorna no brejo. O sertão é pra nós como homem malvado pra mulher: quanto mais maltrata, mais se quer bem. Aperreia, bota pra fora e, na primeira fuga, se volta em cima dos pés.

E, levantando-se para fechar a porta:

— *E foi a seca que me deu coragem. Porque saber sofrer, moço, isso é que ter coragem.* (ALMEIDA, 1981, p. 22, grifo nosso)

Perceba que é usado o simbolismo tradicional de um relacionamento abusivo, tal que se busca largar, mas o sentimento não deixa, um relacionamento que foi romantizado a ponto de justificar algo que, pela fala da personagem, não é exatamente benéfica para ele. E se referindo às “fugas” do sertão, fala de um retorno que, em realidade, desconhece: seus filhos não lhe mandaram notícia depois de partirem, a família de Pirunga não voltou buscar o filho, sua sobrinha permaneceu no engenho e se casou com Dagoberto, o próprio Valentim permanecerá no Marzagão – o que seria esse retorno, além do imaginário de Valentim exprimindo um desejo íntimo?

E dessas imagens sociais que carrega consigo, veja que ele já se coloca como deslocado no brejo, pois não “adorna” nesse novo espaço; suas qualidades são para o sertão, a bravura e coragem que enaltece do sertanejo não se “encaixam” no brejo, uma vez que, para Valentim, este é o oposto daquele. Ainda assim, Valentim não nega que a desolação provocada pela seca afeta mesmo as qualidades heroicas do sertanejo: “Porque a gente também seca por dentro. Seca, fica tudo mirrado — o espírito, a coragem...” (ALMEIDA, 1981, p. 18). Esse efeito desmoralizante do clima semiárido é inferido, omitido toda sua carga nos três pontinhos que seguem, pois – novamente trabalhando com a dicotomia criada no imaginário das personagens – sem essas virtudes ele se encontraria na mesma posição dos brejeiros. Os três pontinhos, afinal, são a hesitação em enfrentar o fato de que, sim, os ideais nele enraizados não são inabaláveis.

É o feitor, Manuel Broca, que zomba dos protestos de Valentim de que ele não aceita que o amigo corrompa moça donzela: “Com essa lei aqui você se estrepa. Está mal pra passar...” (ALMEIDA, 1981, p. 28). Pirunga o fuzila com o olhar, mas nada diz, enquanto Lúcio lembra conhecer a “história da libertinagem das secas” (ALMEIDA, 1981, p. 28), quando a fome corrompia os corpos, o

[...] estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas. Tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade se mercadejava a baixo preço. Meninas impúberes com os corpinhos conspurcados. Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro. E a desonra ocasional consumia o último tesouro de um patrimônio soçobrado. A dignidade sertaneja andava entorpecida nesses corpos misérrimos. (ALMEIDA, 1981, p. 28)

Percebe-se que os retirantes defendem a honra sertaneja, mas o que os cerca são sinais da decadência, da “desonra”, dos fins de um patrimônio arruinado. Na memória, Valentim tem seu orgulho intacto; mas a história do que a fome fez com seu povo não pode ser alterada. Entre o sol escaldante e a fome, é o sofrimento que endurece o sertanejo, que o faz aceitar a dureza da sua condição como algo natural. Nas palavras de Valentim, “Sertanejo não sabe chorar. É o que tocar à sorte” (ALMEIDA, 1981, p. 18). Mesmo nessa decadência sazonal em que o povo do sertão caía, preserva-se um orgulho saudosista de um patrimônio, um tesouro, de dignidade que, ainda que entorpecida, permanecia no corpo faminto.

E se a seca os constrói, é o êxodo responsável por subjugá-los. Os orgulhosos sertanejos entram para a massa amorfa de retirantes, eles que não “[...] tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.” (ALMEIDA, 1981, p. 4). No sertão,

enfrentando a seca, mantinham resquícios da honra sertaneja; chegando ao engenho, nada mais são do que retirantes, menos que humanos, sem poder cumprir seu papel social uma vez que a pureza da donzela e a força de trabalho do homem parecem perdidas nos corpos magros.

Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrépitas de ex-voto. Os vaqueiros másculos, como titãs alquebrados, em petição de miséria. Pequenos fazendeiros, no arremesso igualitário, baralhavam-se nesse anônimo aniquilamento. (ALMEIDA, 1981, p. 4)

Como se na passagem do sofrimento do sertão para a condição de retirante, se perdesse a vitalidade. O que nos leva para o outro grupo, o dos brejeiros, acometido pelo mal do trabalho de resquícios escravagistas que também os desumaniza. O trabalho árduo, o tratamento duro de Dagoberto e as más condições de vida deixam o brejeiro apático.

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas. A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo. (ALMEIDA, 1981, p. 4)

Assim como a seca retira do corpo do retirante sua identidade, o brejo faz do brejeiro um dependente, um “parasita” do engenho que, por mais que entregue o que pode da sua força de trabalho, apenas mantém sua posição social marginalizada e miserável: “Os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis. Mantinham, assim, a atitude natural do *servilismo hereditário*.” (ALMEIDA, 1981, p. 13, grifo nosso). Nota-se que o sertanejo tem um patrimônio ao qual se apegar, enquanto o brejeiro parece não ter um passado ilustre, apenas uma tradição de servilismo, de curvar-se perante um senhor.

Enquanto o sol era um símbolo de destruição para os retirantes, que foram expulsos “[...] do seu paraíso por espadas de fogo, [...]” (ALMEIDA, 1981, p. 4), ele é almejado pelos brejeiros.

Veza por outra, levantavam os olhos ao céu, não pedindo misericórdia, mas reparando no sol — a hora do descanso. Mourejavam com essa única esperança: o toque do búzio: tum, tum. Era uma toada mais grata que todas as músicas da natureza. *Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la*. Um desperdício de energia. Um esforço despremiado. Mas nenhum se deixaria ficar em casa; tinham o tédio da inação. (ALMEIDA, 1981, p. 15, grifo nosso)

Os brejeiros trabalhavam para sobreviver, nada mais. Não apresentam o orgulho do próprio suor como os retirantes, nem o amor pela terra – o que eles têm é uma dependência passiva, quase desinteressada. Especialmente sob o domínio de Dagoberto, não havia como ser diferente; mas é em Xinane que se percebe que o problema é com toda a estrutura de poder. Tendo decidido acolher a família de Valentim, Dagoberto manda o feitor abrigá-los. Não tendo outro espaço livre, este leva os três retirantes ao estábulo, e é Lúcio que, se comovendo com a situação, que leva o feitor a decidir colocar os recém-chegados no barraco de Xinane. Lúcio pode sentir-se culpado “[...] desse desfecho de sua sentimentalidade incoerente” (ALMEIDA, 1981, p. 8), mas nada faz.

Xinane, subitamente expulso da casa em que tinha uma pequena lavoura e “[...] 400 anos de servilismo na massa do sangue” (ALMEIDA, 1981, p. 8), vai conversar com Dagoberto: “O patrão sabe que eu não enjeito parada: *sou um burro de carga*. Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci.” (ALMEIDA, 1981, p. 8, grifo nosso). Dagoberto o xinga, e Xinane pega suas coisas e vai para a estrebaria. “Era essa a forma de espoliação sumaríssima.” (ALMEIDA, 1981, p. 8). A isso junta-se a bestialização dos brejeiros, dessa força de trabalho essencial ao engenho, mas tratada como algo menos que humano – “Valentim notou, então, que todos trabalhavam descalços. Já não tinham plantas de pés, porém, *cascos endurecidos*.” (ALMEIDA, 1981, p. 16, grifo nosso).

O sertanejo, podendo ser pequeno proprietário, tem uma liberdade desconhecida ao brejeiro. Este tem a vida nas mãos do patrão. Vontade de trabalhar, de melhorar a terra, ou mesmo de pensar no futuro; essas coisas não fazem sentido no que toca os brejeiros. Lúcio, no seu espírito empreendedor e no seu complexo de divindade, perturba João Troçulho no seu descanso para motivá-lo: por que não vai ajeitar o cavalo que se enforca? “Eu não tenho conta com cavalo, patrãozinho.”; por que come a feira da semana de uma vez, sem pensar no resto da semana? “Quem guarda comer guarda barulho”; por que não planta alguma coisa? “[...] a gente não tem ganância. O que adianta a gente se matar?”; por que não ajeita a casa e as goteiras? “Pro homem queimar?”; por que não cria galinha? “Pra raposa passar no papo?” (ALMEIDA, 1981, p. 64-65).

Soledade lamenta a atitude – “a preguiça” – de João: “Esse infeliz...” (ALMEIDA, 1981, p. 64). Para Lúcio, de sangue sertanejo, filho de senhor de engenho, o mundo parece simplesmente uma questão de trabalhar para conquistar. Para o brejeiro, trabalhar é ordem do patrão, e quem faz mais do que o mínimo necessário não recebe nada em troca. João usa o exemplo de Xinane:

Xinane não era viverdor? – mas – cadê? – no fim de conta, coisíssima nenhuma. O patrão toca da terra, sem se fazer por onde... De uma hora pra outra, se está no oco do mundo. Amanhece aqui, anoitece acolá. (ALMEIDA, 1981, p. 65)

A isso se resume a vivência de João: para quê fazer algo que alguém me vai tomar? Ele era “[...] o homem que não sabia nada – o instrumento inconsciente que tinha a enxada como o membro principal.” (ALMEIDA, 1981, p. 65), como se sua existência se resumisse à sua força de trabalho, não aos frutos do que colhia dos seus esforços. Como outros contrastes em *A bagaceira* – como entre Lúcio e Dagoberto, entre sertão e brejo, entre tradição e modernismo –, a natureza farta do brejo e o desânimo dos brejeiros em relação à terra é mais um elemento de desestruturação e de como todas as personagens acabam invariavelmente na tragicidade. Afinal, na terra fértil, “[...] na gleba munificente, propícia a todas as culturas, essa gente vegetativa, de uma passividade fatalista, afeita à lida de sol a sol, não plantava uma rama de batata à beira do rancho.” (ALMEIDA, 1981, p. 65)

O fatalismo dos brejeiros é angustiante, e pode-se fazer como Lúcio e tomar o brejeiro por um indivíduo que não gosta de trabalhar, que prefere curtir o agora ao invés de se planejar para o futuro; ou pode-se entender a figura representada por João como sujeito acostumado a anos de trabalho escravo, ou análogo ao de escravo, e para quem nada lhe pertence. O próprio direito à vida está condicionado às ordens de Dagoberto.

Certa noite, vibrava um trovão nervoso, qual o clamor das trevas friorentas. Acudiu toda a população rural ao pátio da casa-grande, debaixo do aguaceiro, convocada pelo búzio imperativo. O açude estava a pique de arrombar. A água prisioneira saltava pela barragem e batia nas pedras com um berro doloroso. Pirunga, descrente da coragem dos brejeiros, viu, estupefato, de repente, homens e mulheres, às ordens do senhor de engenho, como que formando com os próprios corpos uma barragem nova, atalhando o perigo. (ALMEIDA, 1981, p. 71-72)

O comando “imperativo” move a população, como um braço acionando uma ferramenta. A coragem percebida por Pirunga é o servilismo extremo, de um sistema altamente exploratório, em que os corpos dos brejeiros se moldam de acordo com a necessidade do senhor de engenho. Eles são coisificados pelas forças externas a que foram condicionados a obedecer, assim eles não estão em perigo, eles “desviam o perigo”; além disso, eles aprisionam a água “prisioneira” – assim como, novamente sob o comando de Dagoberto, irão perseguir e prender Valentim após este ter assassinado o feitor. Não há perspectiva por parte dos brejeiros. Eles apenas agem, como se entendessem que o senhor de engenho é o comando central, e o povo, as células que fazem seus comandos se tornarem realidade. Portanto, como explorado no capítulo

anterior, quando Lúcio os devolve o direito de uma vida digna, eles temem se colocar em risco: “[...] todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se.” (ALMEIDA, 1981, p. 112).

O outro instinto que move os brejeiros é a fome. Vendo o cachorro de Valentim com o que parecia ser um preá na boca, os trabalhadores parecem ganhar vida: “Toda a jolda extenuada que parecia incapaz do mais leve movimento disparou desabaladamente.” (ALMEIDA, 1981, p. 46). O brejeiro vive, portanto, entre o descanso, a fome e o servilismo.

Assim, pode-se olhar para os polos dos sertanejos e dos brejeiros pelo que são: os primeiros, mesmo tendo sofrido com a seca, ainda se sentem donos de si, enquanto os segundos pensam na base da sobrevivência diária, pois não têm estabilidade de um futuro que eles possam controlar. E durante o reinado de Dagoberto, enquanto a família de Valentim habita o engenho, o que se percebe é que os de fora acabam se ajustando ao seu entorno; como o próprio Valentim coloca: “O que a seca não levou se perdeu na bagaceira!” (ALMEIDA, 1981, p. 108)

Lúcio é o propagador das diferenças entre brejeiros e sertanejos a partir de uma perspectiva elitista – além de saudosista de um sertão idealizado, de um heroísmo romântico sertanejo, enquanto redutivo do trabalhador local. Valentim, retornando de resgatar a filha “[...] da bagaceira corrutora que lhe derrancava a inocência”, fala ao rapaz: “O senhor, moço, não parece daqui...” (ALMEIDA, 1981, p. 45). Como o “daqui” está associado com a ideia de corrupção e perversidade, oposto à presença da inocência do “de lá”, Lúcio é o que há de bom no brejo para o sertanejo. Lembrando que Lúcio é filho da sobrinha de Valentim, portanto ele teria traços das qualidades que tanto admira no próprio sangue – mesmo nesse ponto do enredo não estando ciente desse fato.

O estudante comparou a mentalidade do engenho, resíduos da escravaria, os estigmas da senzala, esses costumes estragados com a pureza do sertão. E sentia que, com o andar do tempo, se estupidificava nesse meio execrável. (ALMEIDA, 1981, p. 45)

Enquanto o sertão constrói, o brejo corrompe. A dureza da vida sertaneja o edifica, a do brejeiro o subjuga. O próprio espaço do sertão explorado pelo romance é o do deserto, uma vastidão dizimada pelo sol e controlada pela fome. Já o espaço do brejo é da natureza fértil, de uma mata que “[...] resplandecia com uma orgia de desabrocho em sua pompa auriverde.” (ALMEIDA, 1981, p. 6), e que abriga amantes “[...] na intimidade desta natureza alcoviteira que era toda uma exaltação comunicativa nos seus solertes amavios e nos seus frêmitos de vitalidade” (ALMEIDA, 1981, p. 51). Mas, nesses excessos naturais, é iminente o estado podre

que vem após a maturação, como nas chuvas torrenciais que, não tendo fim, deixa de ser um bom sinal mesmo para os retirantes: “A água, tão boa para purificar, lameirava o sítio. Tudo se fundia em lama.” (ALMEIDA, 1981, p. 70).

De acordo com Ângela da Castro (2010), o “[...] contraste violento BREJEIROS X SERTANEJOS é um recurso da narrativa que não pode ser ignorado, porque é estrutural, organizador e gerador de sentidos.” (p. 132). São tantos os elementos que suportam essa teoria, seria injusto e conservador afirmar que o assunto poderia ser esgotado no presente trabalho. A intenção aqui é apontar como os espaços promoveram um conflito entre culturas que, ainda que diferentes, quando inseridas no mesmo ambiente acabam mostrando os mesmos sinais de degradação. Castro ainda afirma que:

Os sertanejos de José Américo de Almeida têm os brejeiros como parâmetro. Esmagados pelo feudalismo anacrônico da estrutura social, descem à condição destes, passivamente, na estranha terra de Canaã onde as *leis* são incompatíveis com os sentimentos de *honra e liberdade*. (2010, p. 62)

Assim, Soledade é no brejo exatamente o que Valentim tenta evitar no sertão: a donzela “caída”, amante e mãe de um bastardo. Enquanto Pirunga, que impede Valentim de bater na menina, pois “[...] vossemecê não é brejeiro! Sertanejo não levanta a mão contra mulher! (ALMEIDA, 1981, p. 75), ataca Soledade no ímpeto do ciúme. Vendo o corpo nu da moça que amara, que escolhera outro, Pirunga fica entre o desejo e o medo de tê-la sufocado: “Aferrou-a, de novo, aí com um furor de morte; voltou a esganá-la, enterrando-lhe os dedos possantes na garganta magnífica.” (ALMEIDA, 1981, p. 105). E Valentim, tendo a filha desonrada, não podendo vingar-se de Dagoberto, perde mesmo a esperança que tinha quando falavam de sua fazenda no sertão.

4.2 Isolamento e marginalização – a criação dos *okies*

Em *As vinhas da ira* o conflito entre os polos de trabalhadores locais e migrantes é menos sutil, uma vez que envolve a força policial. Há também os ideais regionais, um código moral carregado por todo estado que reforça uma identidade fictícia de superioridade. Mas percebemos que o grande motivo por trás da hostilização contra os migrantes está na oferta de emprego.

Historicamente nos Estados Unidos, a empatia para com os migrantes não combatia o sentimento de injustiça, além do alerta de autopreservação.

Em 1936, um grande número de californianos estava cansado dos Okies. Sentia-se que os migrantes estavam tirando empregos dos nativos da Califórnia e aumentando as funções de ajuda humanitária do estado. No condado de Kern, no extremo sul do Vale de San Joaquin, o orçamento de saúde e saneamento dobrou entre 1935 e 1940. A conta da educação do condado, afetada pela superlotação, aumentou 214%. Os impostos sobre a propriedade aumentaram 50%.⁸⁶ (REIS, 1988, p. 86)

É compreensível, portanto, que houvesse dúvidas e receios em relação à chegada dos migrantes, afinal as mudanças ocorridas afetavam diretamente os californianos. Tendo a perspectiva dos migrantes como foco narrativo no romance de John Steinbeck, entende-se também que eles nada fizeram além de seguir a propaganda enganosa espalhada pelos grandes proprietários que precisam da alta oferta de mão-de-obra para poder economizar com os gastos da colheita de suas plantações – assunto mais bem explorado no capítulo de introdução sobre *As vinhas da ira*. Assim, não nos cabe apontar culpados, mas apontar para o fato de que, do ponto de vista local, os *okies* são “mantidos” com o dinheiro público, enquanto “criam problemas” com suas demandas trabalhistas. E os proprietários que forcem essa situação sobre o estado, lucram sobre o trabalho barateado e a recusa dos locais em deixarem os migrantes se enraizarem: “É por isso que aqueles panfletos foram circulados. Dá pra imprimir um monte de panfletos com o que você economiza pagando quinze centavos por uma hora de trabalho no campo.”⁸⁷ (STEINBECK, 2011, p. 287-288)

Um outro fator que aflige os californianos, de acordo com um outro migrante que Tom encontra no caminho, é o medo.

As pessoas vão ter um jeito de te olhar. Eles vão olhar para você e seus rostos dizem: ‘Eu não gosto de você, seu filho da puta.’ Vai haver xerifes, e eles vão te perseguir. Você acampa na beira da estrada, e eles vão te expulsar. Você vai ver no rosto das pessoas como elas te odeiam. E – vou te contar uma coisa. Eles te odeiam porque eles têm medo. Eles sabem que um cara com fome vai arranjar comida mesmo que tenha que tomá-la. Eles sabem que a terra sem cultivo é um pecado e alguém vai tomá-la.⁸⁸ (STEINBECK, 2011, p. 241)

⁸⁶ By 1936, a large number of Californians were tired of the Okies. Migrants, it was felt, were taking jobs away from California natives and swelling state relief roles. In Kern County, on the southern end of the San Joaquin Valley, the health and sanitation budget doubled between 1935 and 1940. The county’s education bill, affected by overcrowding, jumped 214 percent. Property taxes rose 50 percent. (T.L.)

⁸⁷ “That’s why them han’bills was out. You can print a hell of a lot of han’bills with what ya save payin’ fifteen cents an hour for fiel’ work.” (T.L.)

⁸⁸ “People gonna have a look in their eye. They gonna look at you an’ their face says, ‘I don’t like you, you son-of-a-bitch.’ Gonna be deputy sheriffs, an’ they’ll push you aroun’. You camp on the roadside, an’ they’ll move you on. You gonna see in people’s face how they hate you. An’—I’ll tell you somepin. They hate you ’cause they’re scairt. They know a hungry fella gonna get food even if he got to take it. They know that fallow lan’s a sin an’ somebody’ gonna take it.” (T.L.)

Do medo à ignorância, os locais brutalizam os Joads e todos os *okies* que chegam na Califórnia a ponto de forçá-los a um sentimento de rebelião que possivelmente não existiria, não fossem as condições sub-humanas a que são subjugados. Como vimos anteriormente, a coletividade abraçada pelos Joads é a maneira que encontram para sobreviver, assim como a hostilidade dos californianos é o modo que encontraram para manter sua propriedade.

A própria definição da palavra *okie* não é exatamente uma questão da origem do indivíduo, mas da maneira que soa na boca do povo que a usa para rotular, pejorativamente, as famílias que infestam o oeste estado-unidense: “Okie significa que você é escória. Não significa nada em si mesmo, é o jeito que eles falam.”⁸⁹ (STEINBECK, 2011, p. 241). Criou-se esse significado a partir do rancor popular, da situação decadente em que os *okies* se submetiam; agora os Joads precisam lidar com essa realidade.

Em seu contato com esse sentimento antagonista, a mãe Joad responde no mesmo tom:

O rosto da mãe escureceu de raiva. Ela se levantou lentamente. Ela se abaixou e pegou a frigideira de ferro da caixa de utensílios. “Moço”, disse ela, “o senhor tem um botão de lata e uma arma. De onde eu venho, você mantém a voz baixa.” Ela andou com a frigideira. Ele afrouxou a arma do coldre. “Vá em frente”, disse a mãe. “Assustando mulheres. Ainda bem que os homens não estão aqui. Eles cortariam você em pedaços. Na minha terra, você segura a língua.”

O homem deu dois passos para trás. “Bem, você não está na sua terra agora. Você está na Califórnia e não queremos vocês, malditos Okies, se acomodando.”

A mãe parou de avançar. Ela parecia confusa. “Okies?” ela disse suavemente. “Okies.”⁹⁰ (STEINBECK, 2011, p. 251)

Em *A bagaceira*, também há violência entre os dois polos: na brutalidade com que Dagoberto toma Soledade, na morte do feitor, no aprisionamento de Valentim. Em *As vinhas da ira*, fala-se que o conflito é mais evidente pois o cenário em que ele ocorre não está sob o controle de um único indivíduo (o senhor de engenho), mas sob o poder oficial do estado. Essa vigilância estatal assume um caráter pessoal, uma vez que cada californiano assumira esse papel da maneira que melhor lhe cabe, com a força e coerção que *ele* julgar necessária. E, como o

⁸⁹ “Okie means you’re scum. Don’t mean nothing itself, it’s the way they say it.” (T.L.)

⁹⁰ Ma’s face blackened with anger. She got slowly to her feet. She stooped to the utensil box and picked out the iron skillet. “Mister,” she said, “you got a tin button an’ a gun. Where I come from, you keep your voice down.” She advanced on him with the skillet. He loosened the gun in the holster. “Go ahead,” said Ma. “Scarin’ women. I’m thankful the men folks ain’t here. They’d tear ya to pieces. In my country you watch your tongue.” / The man took two steps backward. “Well, you ain’t in your country now. You’re in California, an’ we don’t want you goddamn Okies settlin’ down.” / Ma’s advance stopped. She looked puzzled. “Okies?” she said softly. “Okies.” (T.L.)

sentimento coletivo contra os migrantes é a de medo e ódio, os encontros dos Joads com figuras de autoridade escalam em agressividade.

Após o encontro com o policial, a mãe conversa com Tom, que se sente indignado com a perseguição sofrida “Mas nós não estamos acostumados a sermos perseguidos por nenhum policial.”⁹¹ (STEINBECK, 2011, p. 253). Criminalizaram o *okie* a ponto de ele não conseguir ter uma vida digna, pois sua própria existência passa a ser uma afronta.

E vejamos como os locais, os trabalhadores, sem ser oficiais de polícia, também percebem os *okies* como indivíduos corrompidos:

“Bem, você e eu temos bom senso. Aqueles malditos Okies não têm noção e nem sentimento. Eles não são humanos. Um ser humano não viveria como eles vivem. Um ser humano não suportaria ser tão sujo e miserável. Eles não são muito melhores do que gorilas.” [...] “Sabe, eles não têm muito incômodo. Eles são tão estúpidos que não veem que é perigoso. E, Cristo Todo-Poderoso, eles não conhecem nada além do que eles têm. Por que se preocupar?”⁹² (STEINBECK, 2011, p. 260)

Vendo a condição em que grande parte dessas famílias vivem, ao frentista resta concluir que não haveria outra razão para seguirem daquela maneira não fosse a falta de juízo. Tão estupidamente absurda lhe parece a escolha de migrar. Não se pode dizer, portanto, que os locais não estão cientes das condições em que os migrantes se encontram. O que ocorre é a animalização do marginalizado, pois vendo-o como algo *não humano*, é mais fácil ignorar sua situação; afinal, se é um selvagem, para que perder tempo se preocupando com ele?

Chegando a Califórnia, uma das primeiras pessoas que os Joads encontram é Floyd. Tendo passado seis meses viajando pela terra prometida em busca de emprego, Floyd tem pouca paciência para a inocência cega de Tom. Ele é a voz da experiência, assim como do trabalhador exausto, desprovido de qualquer esperança.

Quando Tom pergunta o porquê de os oficiais rotineiramente dispersarem os acampamentos de migrantes, Floyd responde: “Alguns dizem que não querem que a gente vote; [...]. Outros dizem que é para a gente não conseguir auxílio. E alguns dizem que se a gente se estabelecer em um lugar, a gente se organizaria.”⁹³ (STEINBECK, 2011, p. 286-287). Os donos

⁹¹ “But we ain’t use’ ta gettin’ shoved aroun’ by no cops.” (T.L.)

⁹² “Well, you and me got sense. Them goddamn Okies got no sense and no feeling. They ain’t human. A human being wouldn’t live like they do. A human being couldn’t stand it to be so dirty and miserable. They ain’t a hell of a lot better than gorillas.” [...] “You know, they don’t have much trouble. They’re so goddamn dumb they don’t know it’s dangerous. And, Christ Almighty, they don’t know any better than what they got. Why worry?” (T.L.)

⁹³ “Some says they don’t want us to vote; [...]. An’ some says so we can’t get on relief. An’ some says if we set in one place we’d get organized.” (T.L.)

do poder não querem, portanto, que os *okies* se enraízem, que encontrem estabilidade na região, pois isso seria o começo para eles se tornarem cidadãos de direito. Reivindicariam a assistência do governo, participariam da política local, exigiriam direitos trabalhistas – lembrando, aqui, da definição de Simone Weil sobre o enraizamento, como ele é feito através da participação ativa em comunidade. Mas a eles não é permitido encontrar um ponto fixo em que se escorar, e a constante mudança, a constante instabilidade, os enfraquece.

Estando suspensos, tendo entregado sua mão-de-obra por um valor que faz pouco mais do que deixá-los sobreviver, os *okies* são perseguidos novamente, dessa vez por não haver mais trabalho a ser feito.

Não há outra maldita coisa naquelas bandas para fazer. Daí os proprietários não querem mais você lá. Três mil de vocês. O trabalho está feito. Vai que vocês roubam, vai que vocês fiquem bêbado, vai que apenas deem problema. Além disso, vocês não têm boa pinta, morando em velhas tendas; e é um país bonito, mas vocês o estragam. Eles não querem vocês por perto. Então, eles os expulsam e o fazem se seguir viagem. É assim que é.”⁹⁴ (STEINBECK, 2011, p. 288-289)

Esse é o papel do isolamento no esquema dos donos do poder. Em *As vinhas da ira*, percebe-se que o migrante não é ninguém quando não está enraizado, ele é uma unidade de trabalho e, quando não tem uso imediato, é tratado como o animal sujo e estúpido que o frentista descreve.

Tom questiona Floyd o porquê de não se rebelarem. Se todos decidissem não fazer a colheita, os proprietários teriam que aquiescer e aumentar os salários.

“Você não tem nome, não tem propriedade. Vão te encontrar em uma vala, com o sangue seco na boca e no nariz. Vai dar uma pequena linha no jornal – sabe o que vai dizer? ‘Vagabundo encontrado morto’. E só isso. Você verá um monte dessas pequenas linhas, ‘Vagabundo encontrado morto.’”⁹⁵ (STEINBECK, 2011, p. 290)

Se é assim que eles são vistos, desumanizados por todos os locais, não há esperança de buscar auxílio externo; eles precisam se organizar internamente. Mas como fazer isso quando

⁹⁴ “There ain’t another damn thing in that part a the country to do. An’ then them owners don’ want you there no more. Three thousan’ of you. The work’s done. You might steal, you might get drunk, you might jus’ raise hell. An’ besides, you don’ look nice, livin’ in ol’ tents; an’ it’s a pretty country, but you stink it up. They don’ want you aroun’. So they kick you out, they move you along. That’s how it is.” (T.L.)

⁹⁵ “You got no name, no property. They’ll find you in a ditch, with the blood dried on your mouth an’ your nose. Be one little line in the paper—know what it’ll say? ‘Vagrant foun’ dead.’ An’ that’s all. You’ll see a lot of them little lines, ‘Vagrant foun’ dead.’” (T.L.)

a polícia está acima de você? No mesmo dia, quando Floyd grita com um empreiteiro que passava pelo acampamento chamando trabalhadores para colher frutas, ele é chamado de “vermelho” e perseguido pelo policial que o acompanhava: “O empreiteiro voltou-se para os homens. ‘Vocês não vão querer ouvir esses malditos vermelhos. Desordeiros – eles vão colocar vocês em apuros. Agora, posso usar todos vocês no Condado de Tulare.’”⁹⁶ (STEINBECK, 2011, p. 310). Assim, o isolamento serve de arma, de ameaça, contra os que não aceitam se submeter aos salários abusivos. E, como o próprio Floyd coloca, ao trabalhador que vê seus filhos passando fome não resta alternativa além da de aceitar a miséria que lhe é oferecido.

⁹⁶ “The contractor turned back to the men. ‘You fellas don’t want ta listen to these goddamn reds. Troublemakers—they’ll get you in trouble. Now I can use all of you in Tulare County.’” (T.L.)

5 CONCLUSÃO

O principal objetivo dessa pesquisa foi analisar o efeito da representação do processo migratório sobre o núcleo familiar das personagens das obras *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *As vinhas da ira*, de John Steinbeck. Tendo em vista que o desenraizamento teve uma provocação externa, sendo ela climática e social, e foi, portanto, forçado sobre as famílias.

Para isso, foi feito um levantamento do contexto histórico no qual as obras foram inspiradas, assim como um resumo compreensivo do enredo de ambos os romances.

Após o apontamento da relevância de se considerar o espaço no desenvolvimento do indivíduo e da importância da família como unidade emocional, foi possível trabalhar o significado de desenraizamento. Por meio do estudo das obras de Hannah Arendt (2012), Gaston Bachelard (1993), Simone Weil (2001), entre outros, foi possível compreender como o desenraizamento é um processo que tem início na partida da terra de origem, mas que se concretiza à medida em que o ser humano é isolado da sociedade. O estado de solidão, ou mesmo de marginalização, afeta o indivíduo de forma a excluí-lo do meio político e cultural da região em que ele tenta se inserir.

O efeito do desenraizamento pode afetar os indivíduos de maneiras diferentes, mas tendo a família como objeto de análise, observamos que o núcleo familiar das obras se quebra. Os membros se espalham, tomando rumos pessoais, solitários ou não, que imediatamente colocam a obrigação para com os pais em segundo plano.

Em *A bagaceira*, com a queda de Soledade e as falhas de Valentim e Pirunga, concretizou-se a decadência dos retirantes, que ao fim do romance se assemelham mais aos brejeiros do que à imagem de honra, lealdade e dignidade que carregam do sertanejo. Já em *As vinhas da ira*, a desestruturação familiar ocorre em benefício do sentimento de comunidade, uma adaptação necessária para a sobrevivência dos *okies*.

Notamos também que a organização familiar das personagens se reformulou. Os Joads deixam de seguir um sistema patriarcal no qual o pai serve de chefe da família, e que prioriza a hereditariedade, as relações familiares entre pai e filho, para adotar o matriarcado. Assim, a mulher assume uma posição de líder, enquanto a união do povo dos migrantes é favorecida; os *okies* se tornam, portanto, uma única família. No romance brasileiro, a troca de sistemas ocorre dentro da casa grande: Dagoberto e a tradição da plantação e do tratamento escravagista com seus empregados é substituído pela modernização da nova geração de estudantes, representada por Lúcio.

Novamente podemos perceber que a mudança em *As vinhas da ira* sugere uma esperança de um futuro melhor, enquanto em *A bagaceira* acabamos com o sentimento de inércia. Apesar da modernização, da melhora de vida dos brejeiros, a alegria foi suprimida e a divisão entre retirantes e brejeiros permanece – visto que os trabalhadores advertem Lúcio que Soledade e o filho precisam ser mandados embora. Não houve grande revolução no pequeno paraíso do novo senhor de engenho, pois a mudança não veio do povo – como no romance norte-americano –, mas foi imposto por um intelectual na tentativa de montar seu pequeno paraíso, isolado do restante do mundo.

Por último, foi analisado o choque cultural entre migrantes e locais. As obras apresentam um conflito entre indivíduos de diferentes origens decorrente de construções – e preconceitos – regionais. Como resultado, há suspeita e mesmo hostilidade entre personagens de ambos os polos, e isso é usado como ferramenta pelos donos do poder para manter os trabalhadores migrantes instáveis e desenraizados. Assim, pela posição fragilizada, *okies* e retirantes são submetidos a condições de vida miseráveis com mais facilidade.

Pode-se concluir que o estudo apresentado nessa dissertação alcançou uma conclusão satisfatória. A comparação foi feita de forma a apontar semelhanças e diferenças entre as obras em cada ponto de análise, mas deve-se enfatizar que o estudo não foi exaustivo. Ambos os romances aqui apresentados são incrivelmente atuais e relevantes, abrindo inúmeras possibilidades de aprofundamento em seu estudo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AZEVEDO, Carmen Lucia de. **Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-10012013-100230. Consultado em 8 set. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERND, Zilá. Em busca do terceiro espaço. In: ____ (Org.). **Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BERND, Zilá.: s.v. “Socio crítica”. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Consultado em 13 set. 2019

BORGES, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

BRANDÃO, Luis Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

CAMPOS, J. N. B.; STUDART, T. M. C. Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções. In: **Inter-American Dialogue On Water Management**, 4., 2001, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9326>. Consultado em 3 jun. 2020.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____ et al. **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 51-80.

_____. **Literatura e Sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

CASTRO, Ângela Bezerra de. **Releitura de A Bagaceira: uma aprendizagem de desaprender**. 2 ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

_____. **Geografia da fome — o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste — Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 1ª edição digital. São Paulo: Editora Global, 2013.

GARCIA, Emily. O mito do “amor materno”: como surgiu e como superá-lo. **Outras Palavras**, 2021 Disponível em: <<https://outraspalavras.net/feminismos/mito-do-amor-materno-como-surgiu-e-como-supera-lo/#sdfootnote2sym>>. Consultado em 20 ago. 2021.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GREENFIELD, Gerald M. O Comportamento dos Migrantes e as Atitudes das Elites durante a Grande Seca do Nordeste: 1877 a 1879. In: **Cadernos De Estudos Sociais**, 5(2), 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1067>>. Consultado em 7 ago. 2020.

GREGORY, James N. **Dust Bowl legacies: The Okie impact on California, 1939-1989**. California History, vol. 68, n. 3, Fall/1989, p. 74-85. Disponível em: <www.jstor.org/stable/25462394>. Consultado em 4 jan 2021.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. Formação de espaço cultural-regional através de políticas linguísticas e literárias. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. **Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate**. Educs: Caxias do Sul, 2013.

KERR, Michael E.; BOWEN, Murray. **Family evaluation: an approach based on Bowen theory**. New York: W.W. Norton and Company, 1988.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. 34 ed. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MILLER, Jim W. The Oldest Unit in the World: The Family in American Life and Literature. In: MILLER, Jim W.; BUXTON, Barry M. **The Examined Life: Family, Community, Work in American Literature**. Appalachian State University, 1989, p. 2-15. Disponível em: from <http://www.jstor.org/stable/j.ctt1xp3mfj.5>. Consultado em 22 fev. 2021.

MOTLEY, Warren. From patriarchy to matriarchy: Ma Joad's role in The grapes of wrath. In: BLOOM, Harold. **John Steinbeck's The grapes of wrath**. New York: Chelsea House Publishers, 2007. p. 51-65

NABUCO, Carolina. **Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. In: _____. **Migrações nordestinas no século 21** – um panorama recente, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. p. 11-16. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/19347>>. Consultado em 9 jun. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura**: uma velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2006. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Consultado em 2 dez. 2020.

REIS, Ronald A. **The Dust Bowl**. New York: Chelsea House, 2008.

SAID, Edward. **Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

STEINBECK, John. **The Grapes of Wrath**. Londres: Penguin Books, 2011.

_____. **The Harvest Gypsies: On the Road to the Grapes of Wrath**. Introduction by Charles Wollenberg. Berkeley, Califórnia: Heyday Books, 1988, n.p.

WARTZMAN, Rick. **Obscene in the extreme**: the burning and banning of John Steinbeck's The grapes of wrath. New York: PublicAffairs, 2008.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.